



REVISTA DA **Semana**

Nº 47 — 23 Nov. 57 — Cr\$ 10,00



LOUIS ARMSTRONG
&
MITZY GAYNOR



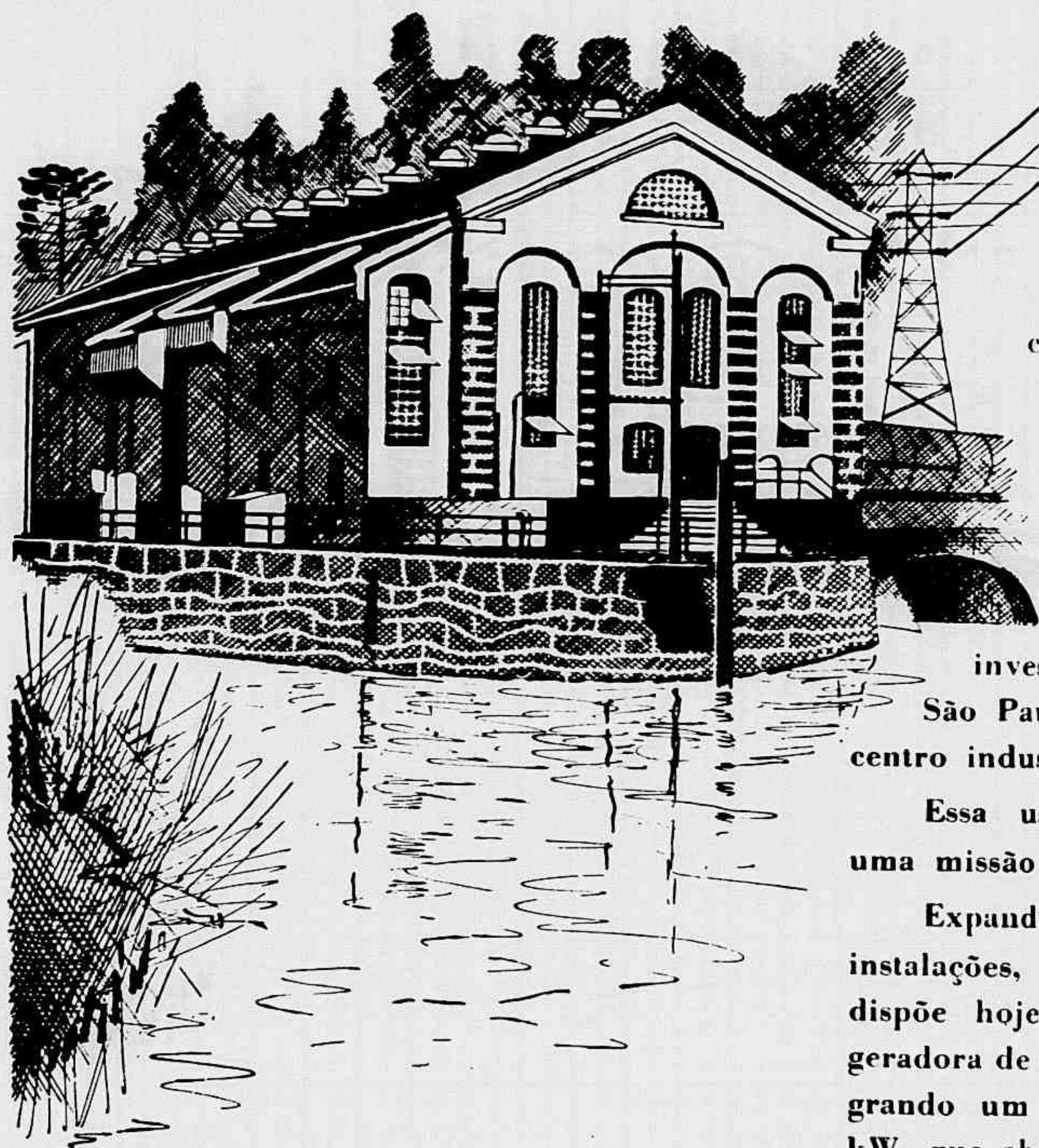
**O RAPTOR
TEM MÊDO
DA PENA
DE MORTE**
Extra
**PORQUE
NEREU
SAIU**



Na lua russa
"Peludinha"
é o dragão

**DOZE TÉCNICOS DÃO
O CAMPEONATO AO FLAMENGO**

Pioneirismo e Expansão



No princípio do século, em 1901, a São Paulo Light inaugurava a Usina Parnaíba - hoje denominada "Edgard de Souza" - obra de arrôjo e de grande investimento para a época. São Paulo não era ainda um centro industrial.

Essa usina cumpriu, assim, uma missão pioneira.

Expandindo sempre as suas instalações, a São Paulo Light dispõe hoje de uma capacidade geradora de 1.000.000 de kW, integrando um sistema de 1.700.000 kW, que abastece São Paulo, Distrito Federal e parte do Estado do Rio de Janeiro.

São Paulo tornou-se o maior centro industrial da América Latina.



A SERVIÇO DO PROGRESSO INDUSTRIAL DO BRASIL

Ostente em seu lar



O soberbo

10,5 pés



imperador 57

Somente um refrigerador tão amplo lhe oferece tanto conforto!

- * Há lugar bastante para guardar ovos, frutas e refrigerantes: 5 prateleiras especiais moldadas na própria porta!
- * As verduras e legumes podem ser comprados uma só vez por semana: o Brastemp IMPERADOR tem 2 gavetas bem grandes, próprias para este fim!
- * Na gaveta para carnes cabem quilos e quilos de carne fresca — o suficiente, mesmo para famílias numerosas!
- * No espaçoso congelador horizontal, além de lugar de sobra para alimentos, sorvetes etc., há 4 gavetas para cubos de gelo.

Brastemp

Um refrigerador de linhas imponentes... e mais econômico em razão de seu tamanho e superior qualidade!

Lembre-se - Há um Brastemp para cada conveniência. Pense também no Príncipe (6,5 pés) e no Conquistador (8,5 pés).

Brastemp

O QUE HÁ DE MELHOR

panam - casa de amigos

VÁ AO CONCESSIONÁRIO **BRASTEMP** DE SUA PREFERÊNCIA E ELE FACILITARÁ A SUA COMPRA

REVISTA DA **Semana**

Ano 57, N° 47, Rio, 23.11.1957

Diretor — **ALUIZIO ALVES**

Redator Chefe — **LUIZ LOBO**

Assistentes — **ORLANDO CARAMURU**
QUINTINO CARVALHO
Paginador — **VICTOR TAPAJÓS**

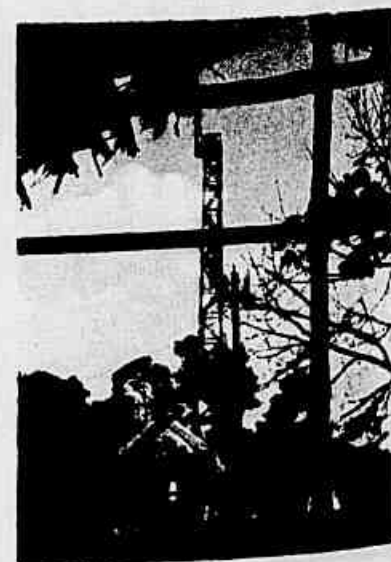
Redatores — **MURILO MELO FILHO**
ADIRSON BARROS
JAYME NEGREIROS

FOTOGRAFOS — Alberto Ferreira, Arnaldo Vieira, V. M. Vasconcelos, Hélio Polito. **ILUSTRADORES** — Alberto Lima, Márius. **ARQUIVISTA** — J. Romeu Viana. **EDITORES** — **Política** — Murilo Melo Filho. **Internacional** — Stefan Baciú. **Feminino** — Nazareth. **Esporte** — Arthur Parahiba. **Cinema** — Ely Azeredo. **Rádio & Tv** — Ricardo Ramos. **Literatura** — Roberto Teixeira Leite. **Artes Plásticas** — Maria Ignês Duque Estrada. **Ciência** — Friedrich Hoe. **Psicologia** — Fernanda Barcelos. **Humor** — Luís de Azevedo. **CHEFE DE OFICINAS** — Manoel Alves de Mesquita. **CHEFE DE PUBLICIDADE** — J. M. Costa Júnior

A REVISTA DA SEMANA É EDITADA PELA COMPANHIA
EDITORIA AMERICANA

Diretor-Presidente — **GRATULIANO BRITO**

- POLÍTICA** 7 — UDN e PTB: amigos (estaduais) com negócios à parte (federais)
8 — Porque não houve resistência armada ao golpe de 11 de novembro
10 — Crise: Lott x Aeronáutica
47 — Colégio Brasília
- MÚSICA** 11 — Louis «Satchmo» Daniel «Pops» Armstrong
14 — Jazz: Sinta-o como se pegasse um bonde andando
- HUMOR** 17 — «O Dragão Apaixonado» — Israel Zangwill
PIADAS — Marius, Ambrosio, Egui, Jorge, Mose, Bosc
20 — Mr. Abernathy
- TESTES** 19 — Palavras Cruzadas
20 — Quem é você?
- INTERNACIONAL** 24 — Expurgo à vista no Kremlin: Mikoyan
25 — A menor guerra fria do mundo
- FEMININA** 27 — Revolução indicará o novo Rei da Moda
O Papa e a Moda
Normalistas não sabem se decote é vantajoso
- CINEMA** 28 — «Les Girls», «Rio, Zona Norte», «Dioguinho»
47 — Kim Novak e Rita Hayworth disputam Frank Sinatra
- ARTES PLÁSTICAS** 30 — Se a Bienal de São Paulo fôsse em Veneza seria a maior do mundo
- EXTRA** 31 — Porque Nereu saiu
Reviravolta no Partido Comunista
37 — O raptor tem medo da pena de morte
34 — Flamengo x Botafogo
- IMPRENSA** 42 — Tudo mentira no caso do tenente Fernando
43 — Como atender a um repórter
- AVIAÇÃO** 44 — Com um pouquinho de medo é possível chegar à lua
- CIÊNCIA** 46 — Prêmio Nobel de Física contra Cesar Lattes
Janot espera que as chuvas passem para fazer chover
- LITERATURA** 51 — O Vagabundo e o Menino — novela de Léo Vitor
54 — Livros
- RADIO & TV** 58 — O anúncio invisível
- NO ESPAÇO** 59 — Na lua russa «Peludinha» é o dragão
60 — Esta semana o mundo riu e houve luar artificial
- ESPORTES** 62 — Doze técnicos dão o campeonato de 57 ao Flamengo
- OPINIAO** 65 — Tópicos
66 — O preço da felicidade — Alutzio Alves

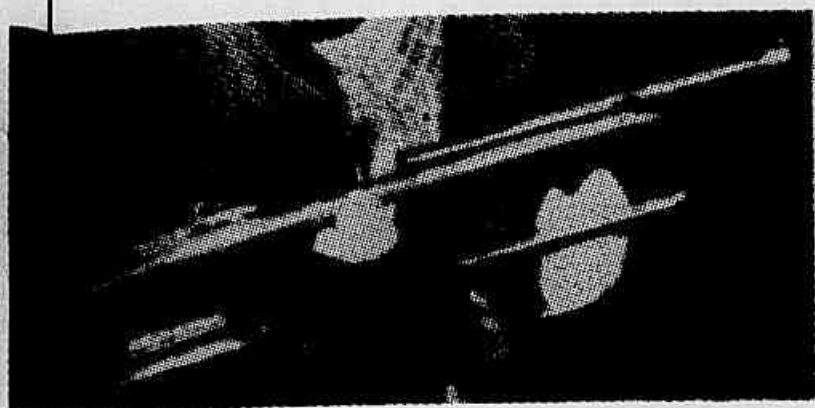


REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio — Endereço Telegráfico: REVISTA — Telefones:
Direção — 22-4447, Redação — 22-9570 — Publicidade — 22-2550 — Portaria — 22-5602

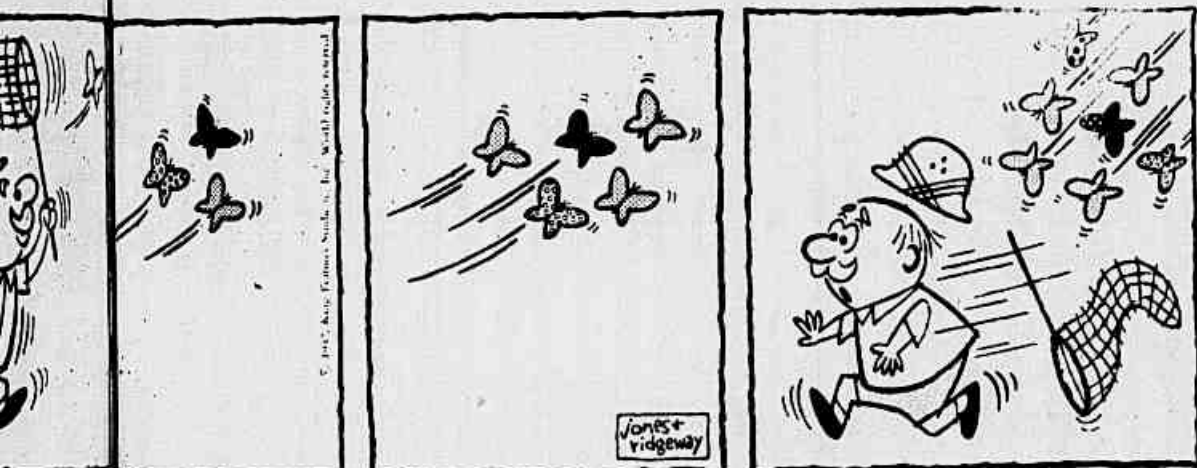
Assinatura (anual) Cr\$ 500,00 — Via aérea, com acréscimo do porte. — Assinatura para o Exterior, Cr\$ 900,00 — Número
avulso, Cr\$ 10,00 — Via aérea, com acréscimo do porte.



Pág. 8 e 31



Pág. 11



Pág. 19



Pág. 47



Pág. 62

A RTHUR Parahiba (nosso Editor Esportivo) perguntou aos doze técnicos do futebol carioca: "Quem vai ser o campeão de 57, e por que?" — antes do jogo contra o Botafogo. A resposta de Martim Francisco apressou sua queda e foi motivo de debates no Vasco.

O S nossos redatores, à procura de um título para a reportagem sobre a luazinha soviética, desprezaram os seguintes: "Comunismo vence o capitalismo na disputa pelo reino dos céus"; Placard do espaço: Rússia 2 x Estados Unidos 0"; "Sputnik fez do Gibi revista de atualidade" e "Russos descobrem as chaves do céu".

E descobriram que entre as tribos que deram origem à criação de cães da raça "Laika", era costume dar esses cães como pagamento na "aquisição de espôsas". Quanto mais bonita e forte e moça, mais bonito e forte devia ser o dote.

O tom de humor que a maioria das revistas têm dado à cobertura deste assunto, é o tom geral dos dirigentes soviéticos no momento. Leonid Ivanovitch Sedov, presidente da Comissão Interplanetária de Moscou, por exemplo, dá a seguinte fórmula para "o extraordinário combustível que permitiu o lançamento das duas luas artificiais":

"Um décimo (farto) de vodka, cinco gotas de Hundemberg. Derramar a mistura, bem devagar, sobre um cubo de gelo. Não bater; apenas mexer ligeiramente. Não exagerar no Hundemberg. Se a receita diz um cubo de gelo, um cubo é o suficiente. Servir em copo que não seja de matéria plástica e que seja (de preferência) de vidro vermelho".

Essa bebida — batizada como "Luar Vermelho", é uma pequena peça de humor. A referência ao vodka é evidente. O Hundemberg representa os cientistas alemães (a quem os americanos pretenderam — a princípio — atribuir a maior parte da descoberta dos meios de lançar a lua artificial). O gelo seria a Sibéria, que não sabemos — ao certo — que papel tem na receita. O copo vermelho (que não seja de matéria plástica) representa o regime comunista.

U M Chevrolet sujo de barro atravessou a fronteira italiana e entrou em San Marino (14 mil habitantes, um exército de 50 homens e menos de 64 quilômetros quadrados. Um pequenino ponto preto no mapa da Itália, nos Apeninos, perto da costa do Adriático, a sudoeste da cidade de Rimini). A bandeira dos Estados Unidos ia no pára-lama direito do carro. O passageiro: Mr. William Dale Fisher. Missão: Levar aos democratas cristãos o reconhecimento ao novo governo do país. Levava também um relatório da Agência Internacional de Energia Atômica, informando que San Marino havia sido incluída na Agência como membro atuante.

Frederico Bigi — líder democrata que conseguira arrancar aos comunistas o domínio de San Marino — teve uma exclamação: "Energia atômica aqui? Mama Mia!"

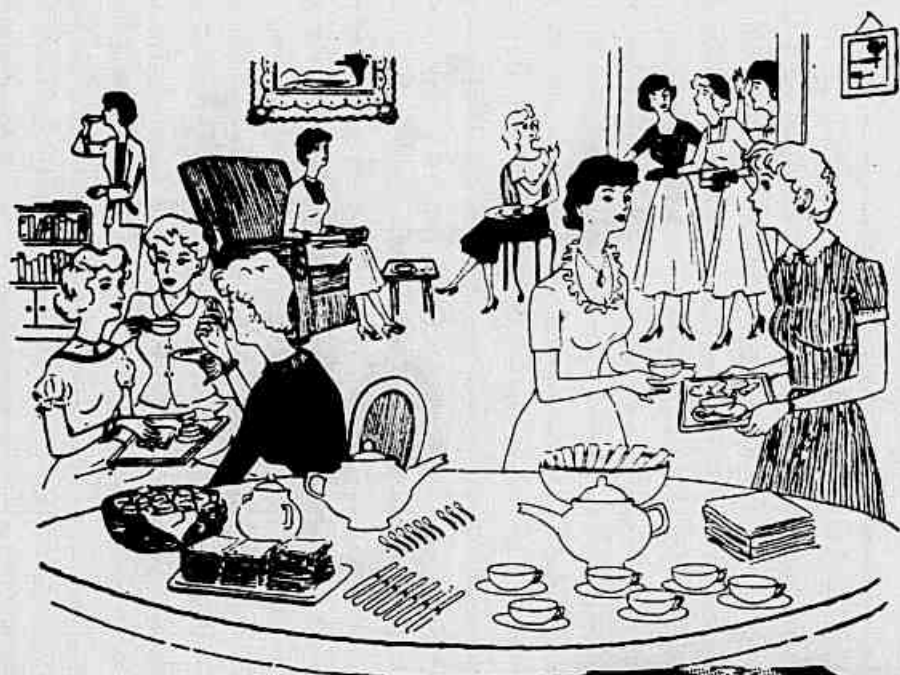
I SRAEL Zangwill nasceu em 1864, em Londres. Judeu, foi um grande líder sionista e grande defensor do direito de voto para as mulheres. Morreu em 1926. Pouco conhecido, é um dos maiores humoristas modernos. Seu conto "O dragão apaixonado" vai ser filmado em 58, com Alec Guinness no papel de rabo do dragão.

R EDAÇÃO e oficinas da revista tomaram o lugar de Frank Sinatra e resolveram escolher entre Kim Novak e Rita Hayworth. Resultado: empate. A maioria preferiu as duas.

F ALTA no Brasil um estudo sério sobre o mais sério dos assuntos na Imprensa: história em quadrinhos.

Há sete anos, tentou-se fazer a escolha do "personagem do ano na Imprensa", depois do lançamento de um jornal. O resultado — que não foi publicado — indicava um personagem de historieta.

Receba... e sirva também!



SEMPRE IMITADO
NUNCA
IGUALADO



açúcar **PEROLA**
SACO AZUL - CINTA ENCARNADA

Regulamento do Concurso

PAPAI NOEL LAMBRETTA

- 1—TRIBUNA DA IMPRENSA lança um concurso entre seus leitores para saber quantos quilos pesa a lambretta de luxo de Papai Noel;
- 2—Para concorrer basta preencher o «coupon» publicado na página 1 e enviá-lo à redação da «Tribuna da Imprensa» ou depositá-lo numa das urnas colocadas em locais anunciados pelo jornal.
- 3—Os leitores dos Estados também poderão participar do concurso;
- 4—No dia 23 de dezembro será encerrada a coleta de «coupons»;
- 5—O sorteio de lambretta de luxo será no dia 24 de dezembro em hora previamente marcada, na redação da «Tribuna da Imprensa» perante um fiscal do Ministério da Fazenda;
- 6—Só entrarão em sorteio os que tiveram acertado com o peso da lambretta;
- 7—O prêmio, uma lambretta de luxo — 150 LB 57, será entregue ao vencedor logo após o sorteio.

LEIA A

TRIBUNA DA IMPRENSA

(CARTA PATENTE Nº 274)

Mr. Abernathy (que nós compramos à King, com exclusividade para todo o Brasil, em jornal ou revista) nasceu depois de estudos seríssimos. Seus criadores, Ridgeway e Jones, criaram o personagem depois de investigar, cuidadosamente, qual o tipo ideal para leitores e leitoras, de seis anos a oitente.

Se o senhor, ou senhora, procuram ter cultura geral, nós lhes oferecemos, junto à apresentação de Mr. Abernathy, uma pequena iniciação no assunto. Afinal, não é possível que hoje em dia, alguém não esteja bem informado sobre assunto tão importante no mundo inteiro.

DEPOIS de ter dado a demissão pedida pelo sr. Nereu Ramos, o presidente da República nomeou para substituí-lo o sr. Negrão de Lima. O decreto, já assinado, voltou ao sr. Juscelino Kubitschek, que mudara de idéia "para não abrir duas frentes" — a do Ministério da Justiça e a da Prefeitura do Rio.

Negrão continuou na Prefeitura.

Passaram então, o presidente e seus auxiliares imediatos (inclusive o sr. Negrão de Lima) a examinar os nomes do PSD no Senado e na Câmara. Dentre eles o sr. Juscelino Kubitschek não encontrou um só que tivesse tôdas as condições para uma nomeação adequada ao momento.

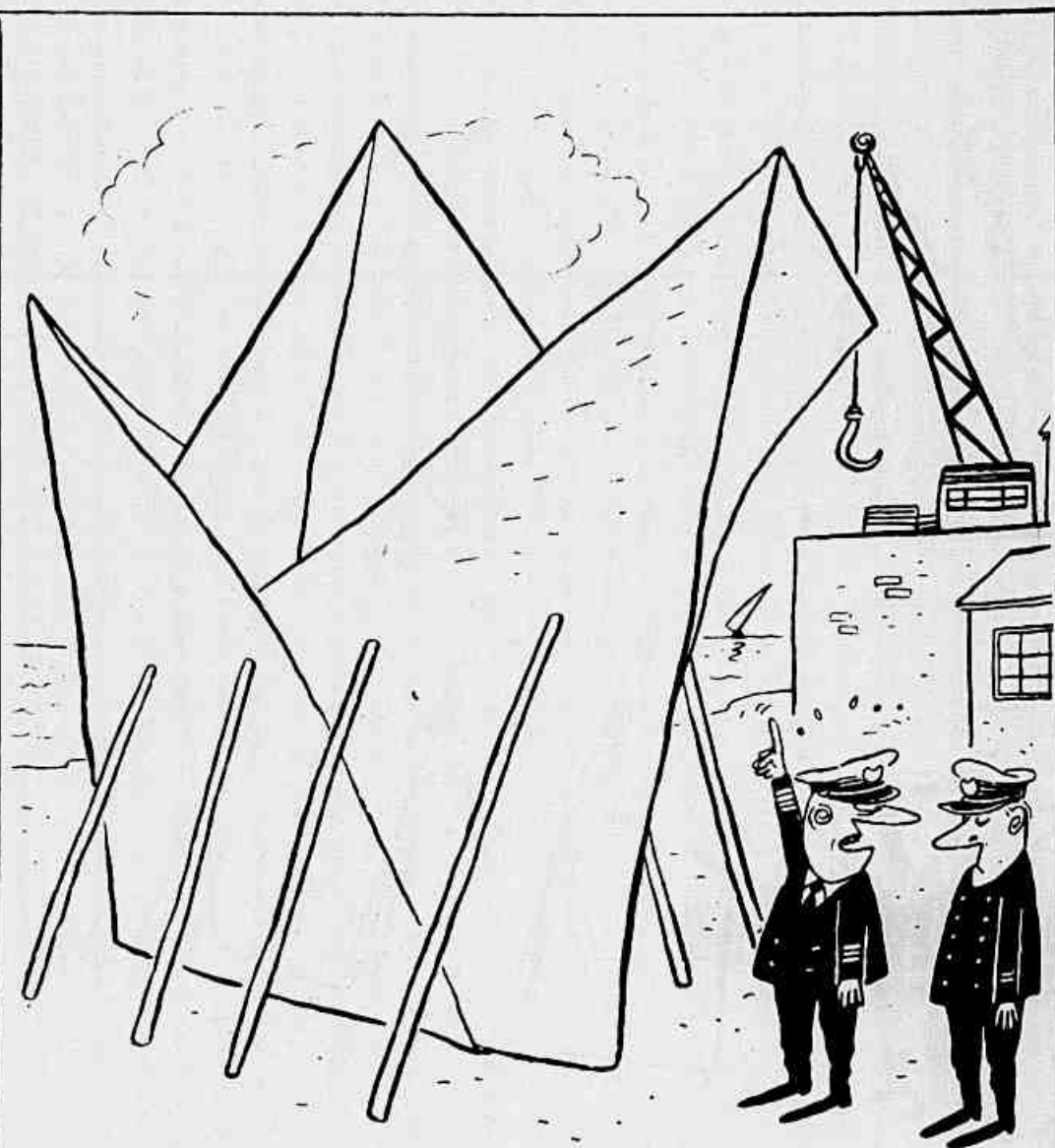
E inclinou-se, então, pelo nome do sr. Eurico Sales, que dirigia a SUMOC.

O novo ministro da Justiça — muito provavelmente — não sabe porque motivo o sr. Nereu Ramos abriu vaga para ele. Nós sabemos.

Extra. Página 31. POR QUE NEREU SAIU

REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio —
Endereço Telefônico: REVISTA — Telefones: Direção — 22-4447, Redação —
22-9570 — Publicidade — 22-2550 — Portaria — 22-5602.

Assinatura (anual) Cr\$ 500.00 — Via aérea, com acréscimo do porte. —
Assinatura para o Exterior, Cr\$ 900.00 — Número avulso, Cr\$ 10.00 — Via
aérea, com acréscimo de porte.



— O que eu gostaria de saber é o que o senhor andou fazendo durante o seu curso de Engenharia Naval.

JORGE

UDN E PTB: AMIGOS (ESTADUAIS) COM NEGÓCIOS (FEDERAIS) À PARTE



JURACI
Conduz a UDN a novas bases



JANGO
Quer dominar o Senado

NOTAS POLÍTICAS

UDN e PDC desejam incluir, cada um isoladamente, o general Juarez Távora na chapa de deputados federais pelo Distrito Federal. O PDC está certo de que as preferências do ex-candidato à presidência da República se inclinam para a sua legenda. Mas, o general Juarez condicionou a sua decisão aos resultados que, a partir de janeiro, espera obter do tratamento de saúde ultimamente realizado na Alemanha.

—o—

Se o sr. Antônio Balbino pudesse escolher, dentre as forças que o apoiam no governo da Bahia, o seu sucessor, o candidato seria o sr. Pedreira, por ele indicado para diretor do Banco do Brasil. O sr. Balbino, entretanto, para evitar a candidatura Vieira de Melo, mortal aos seus interesses políticos, aceitará, com

menor entusiasmo, outros nomes da coligação situacionista.

—o—

O sr. Café Filho está convidado para candidato a deputado federal pelo PDC do Distrito e tem possibilidade de vir a ser candidato a senador pelo Rio Grande do Norte. Está indeciso, e afirmando aos seus amigos que seu desejo mais íntimo seria não voltar a postos políticos. Acha que a experiência governamental não lhe permite retornar à Câmara para exercer a ação combativa que o tornou o popularíssimo deputado de 1945, e isto dificilmente seria compreendido por um eleitorado exigente como o Distrito Federal. Também acha que suas condições pessoais de saúde aconselham maior distância da penosa militância política.

NADA MAIS DIFÍCIL do que uma aliança nacional entre a UDN e o PTB, visando à sucessão presidencial. Nada mais fácil do que alianças regionais entre os dois partidos para as eleições senatoriais e governamentais de 1958 e 1959.

Se quiséssemos formular uma tese doutrinária sobre os obstáculos que cercam uma política verdadeiramente nacional num país de realidades estaduais, teríamos aí farta matéria prima. Mas, deixamos o assunto à consideração dos doutrinadores, e fixemos os fatos como eles são.

PONTO COMUM: OPOSIÇÃO AO PSD

Há um ponto comum entre UDN e PTB: a oposição ao PSD. Uma, exercida claramente, à luz do sol, nos entrechoques de todos os dias e em quase todos os municípios do país, ali na diferenciação de objetivos, aqui na diversidade de processos, em algum lugar simplesmente em função de personalismos dominadores. Outra, a do PTB, desenvolvida na sombra dos bastidores, pela disputa voraz de empregos, situações, hegemonias.

No momento em que predominam os interesses da política regional, o sulco existente entre UDN-PSD e o ódio mórno que separa PTB-PSD, aproximam os dois primeiros na luta contra a dominação pessedista. Mas, quando chega o pleito presidencial, outros fatores mais poderosos conduzem PSD-PTB à aliança quase inevitável.

POLÍTICA DA CIDADE E DO CAMPO

Por outro lado, várias circunstâncias facilitam o entendimento PTB-UDN na esfera estadual. O PTB, tendo bases eleitorais mais fortes nas capitais e grandes cidades, apresenta, em geral, sensível inferioridade ante a UDN, que penetrou na área predominantemente rural, com razoável contribuição na classe média e elites das cidades. Não pode ousar, em consequência, as funções governamentais, em disputa isolada ou no regime de alianças. Contenta-se com o segundo pôs-

to nos pleitos majoritários, apresentado pelas senatórias, cuja escolha é feita quase sempre na base de coligações. Entre um governo estadual e uma senatória, prefere a UDN o Governo, porque atende melhor aos seus interesses políticos, nos colégios do interior.

Já no plano nacional, a UDN sempre disputa a Presidência, com candidato próprio, resultando uma dessas situações: ou a vitória, ainda não obtida nos três primeiros pleitos, mas que lhe asseguraria, evidentemente, posição majoritária também no Congresso, por força de reajustamentos propiciados pelo seu triunfo; ou a Oposição, na qual suas possibilidades de representação federal não vão além da formação de bancada minoritária no Senado e na Câmara.

O PTB, não. Nos pleitos de 1945 e 1954, não teve candidatos próprios, apoiando o general Dutra e o sr. Kubitschek, apresentados pelo PSD. Mesmo em 1950, lutou com o sr. Vargas, que era, na realidade, o candidato pessedista, pois, o sr. Cristiano Machado representou apenas jogo artificial nas mãos profissionais do PSD. Ora, nessa situação, é vital ao PTB a existência de uma bancada que, na Câmara e no Senado lhe assegure a posição de força imprescindível à organização da Maioria, para, através dela, forçar o PSD a cumprir de má vontade os compromissos (ministérios, empregos, etc.) assumidos na campanha eleitoral.

Essa orientação foi preconizada para o PTB pelo sr. Getúlio Vargas. Funcionou em alguns Estados (Ceará, Sergipe, Bahia), por concordância dos udenismos lo-

cais. Tende, agora, a funcionar de maneira mais ampla (Piauí, Ceará, Pernambuco, Sergipe, Bahia, Estado do Rio, talvez Minas) porque atende aos esquemas próprios do PTB do sr. João Goulart, e da UDN dirigida pelo chamado grupo realista, que se aproximam em 1958 com o mesmo ímpeto com que se separarão em 1960.

○ **BRIGADEIRO** Eduardo Gomes queria resistir ao golpe do general Teixeira Lott. Saiu do seu ministério às 10 horas da manhã, tomou um avião e, sozinho, dirigiu-se a São Paulo. Só consentiu em deixar o Rio depois que se certificou de que o "Tamandaré" havia conseguido vencer o fogo das fortalezas da Guanabara e singrava em direção a Santos.

Os tanques já começavam a cercar o edifício da av. Marechal Câmara, onde está situado o Ministério da Aeronáutica, mas assim mesmo o brigadeiro conseguiu tomar o avião que o levaria a São Paulo. Um oficial do Exército advertiu-o, constrangido: "Tenho ordens para atirar em qualquer avião".

POR QUE NÃO HOUVE RESISTÊNCIA AO GOLPE DE NOVENO

"Pois eu levantarei vô dentro de cinco minutos" — respondeu o brigadeiro, olhando o relógio.

JÂNIO NÃO QUIS

O núcleo da resistência teria de ser necessariamente localizado em São Paulo, para onde se dirigia o sr. Carlos Luz, na esperança de ali instalar a sede do seu governo e iniciar a reação armada contra o "Retorno".

Mas o governador Jânio Quadros não concordou com o esquema da resistência. Não queria transformar o território do seu Estado num campo de guerra, ao contrário, portanto, do que se tem divulgado.

A CONSULTA A CORDEIRO

Foi aí que, desiludido de convencer o governador paulista a agir de modo diferente, o brigadeiro Eduardo Gomes fez uma consulta ao general Cordeiro de Farias, tentando localizar em Pernambuco o foco da resistência.

A resposta tardou um pouco. E, quando chegou, já era demasiado tarde. O sr.

Nereu e novembro

NO MESMO DIA em que os russos lançavam ao ar o seu segundo "Sputnik", o sr. Nereu Ramos era lançado ao solo porque o presidente da República aceitou de imediato o seu pedido de demissão.

O ministro da Justiça não chegou a completar dois anos à frente de sua pasta. Guindado à chefia do governo pelos dois retornos de novembro de 55, consentiu o sr. Nereu Ramos numa espécie de "capitis diminutio", quando passou de presidente a ministro, — ou, para usar uma expressão do sr. Flores da Cunha, — de "porqueiro a porco".

Não conseguiu êle fazer do seu ministério o centro político do governo. Pelo contrário. Apesar de tácito apoio recebido da parte dos três ministros militares, em nome dos quais aceitou a regência do governo, o sr. Nereu Ramos via diariamente que os assuntos políticos do sr. Juscelino Kubitschek eram resolvidos em muito maior escala no ministério da Fazenda do que na sua pasta.

Fêz uma reforma constitucional, que o Catete arquivou; promoveram-no a coordenador político e depois o desprezaram; prometeram-lhe que o governador do ter-

ritório do Rio Branco (sogro do famoso general Félix Valois) seria demitido e o homem até agora ali se encontra; disseram-lhe que os parlamentares espancados na porta da UNE seriam desagradados e os espancadores foram até promovidos; acenaram-lhe com a punição dos assaltantes do 5.º Distrito Policial e depois os assaltantes foram justificados e apoiados pelos seus superiores; tinha nomeações de importância a fazer em Santa Catarina, mas quem as fazia era o sr. Leoberto Leal, seu ferrenho competidor na política pessedista do Estado.

O sr. Nereu Ramos viu, então, que realmente pouco valia como ministro. Achou que, voltando ao Senado, após um gesto inesperado de renúncia, poderia readquirir alguma substância. E dimitiu-se. Foi uma das poucas demissões ministeriais que aconteceram surpreendentemente e sem previsão, escapando por completo às especulações e aos prognósticos costumeiros dos comentaristas políticos.

Sua saída não teve as repercussões que a princípio se previram. Os ministros da Guerra e da Aeronáutica timbraram por uma ausência completa na solenidade em

que êle transmitiu o cargo ao sr. Eurico Sales.

A primeira vista, tem-se a impressão de que o grande vitorioso foi o sr. José Maria Alkmim, que na qualidade de líder da "ala moça" do PSD conseguiu desalojar o velho desafeto e colocar, em sua substituição, um político dócil às manipulações do cadinho pessedista.

De qualquer modo, o esquema do "retorno" sofreu uma amputação profunda. Dentro de mais alguns dias, será possível saber se foi novembro que abandonou o sr. Nereu Ramos ou se foi o sr. Nereu Ramos que abandonou novembro.

No fundo, o velho e matreiro catarinense estava assistindo ao desgaste de um governo em vésperas de um ano de eleições para as quais absolutamente não se está preparando. Preferiu, então, abandoná-lo enquanto era tempo, sem se comprometer com êle até o fim.

E passou a uma vantajosa posição de reserva, da qual poderá ser convocado mais uma vez, a qualquer momento...

Última informação: **POR QUE NEREU SAIU** — Pág. 31.

RESISTÊNCIA NOVEMBRO

Carlos Luz havia decidido cessar qualquer reação, após reunir o estado-maior do governo que com ele se encontrava a bordo do "Tamandaré".

Conhecem-se hoje detalhes da resposta do general Cordeiro de Farias. Ele mandou dizer ao brigadeiro que assumiria o comando da resistência no norte. Achava que, do ponto de vista tático, poderia avançar até a Bahia, até que a reação no sul fôsse encontrá-lo na linha divisória por ele marcada no território baiano. Entendia ainda o governador pernambucano que seria capaz de agüentar essa linha por vários dias.

DESAPARECERA O MOTIVO

Mas quando essa resposta chegou, a decisão do sr. Carlos Luz já havia sido tomada. O brigadeiro Eduardo Gomes achou que havia cessado, para ele, o motivo moral da defesa da legalidade, desde que o presidente em torno do qual esperava lutar havia resolvido desistir da luta, por considerar inexistentes quaisquer possibilidades de reação.

Foi aí que o brigadeiro mandou que os 35 aviões a jato que haviam conseguido levantar vôo do Campo dos Afonsos em direção a Cumbica, apesar de todo o mau tempo reinante, voltassem à sua base.

A DECISÃO NO TAMANDARÉ

A decisão no "Tamandaré" foi tomada após uma reunião histórica na sala de comando do navio. O almirante Penna Botto, o jornalista Carlos Lacerda e o sr. José Monteiro de Castro eram favoráveis a uma resistência armada, em quaisquer condições.

Mas prevaleceu o ponto de vista do cel. Jurandir Mamede, que fez uma longa exposição sobre os seus conhecimentos em torno do general Lott. Disse inicialmente que não havia elementos para uma resistência com chance de sucesso. Afirmou depois que Lott não se ajustaria jamais com homens do tipo de Juscelino e de Mendes de Moraes. Confiava nêle e acreditava que mais cedo ou mais tarde a situação evoluiria para uma composição amistosa com o ministro da Guerra.

"Lott não é homem para pactuar com os que se estão aproveitando da reação de seus melindres feridos — disse Mamede. E sustentou ainda que se houvesse uma resistência, aí então nada se poderia prever sobre os intuitos do general Teixeira Lott.

O sr. Carlos Luz aceitou êsse ponto de vista e telegrafou a tôdas as unidades da Marinha e da Aeronáutica que se manti-



LOTT
Ridendo castigat mores



CAFÉ
Sic transit gloria mundi

nam fiéis ao seu governo, recomendando-lhes que terminassem a resistência.

CAFÉ DARIA POSSE AOS ELEITOS

O ex-presidente Café Filho estava disposto a dar posse aos eleitos de 3 de outubro. Esta é outra verdade que precisa ser bem fixada na apreciação daqueles dias tumultuosos.

Reiteradamente, êle havia dito que respeitaria o "verdictum" das urnas e empossaria os eleitos. O brigadeiro Eduardo Gomes, de certa forma, participava dêsse pensamento. Achava apenas que, se os partidos conseguissem anular as eleições no Tribunal Superior Eleitoral, com base na participação dos comunistas e na fraude, as Forças Armadas deveriam garantir a decisão da Justiça.

Embora não estivesse em seus planos a substituição do general Lott, admitia o ex-presidente que o "caso Mamede" levasse o ministro da Guerra a demitir-se. Nessa hipótese, o candidato do sr. Café

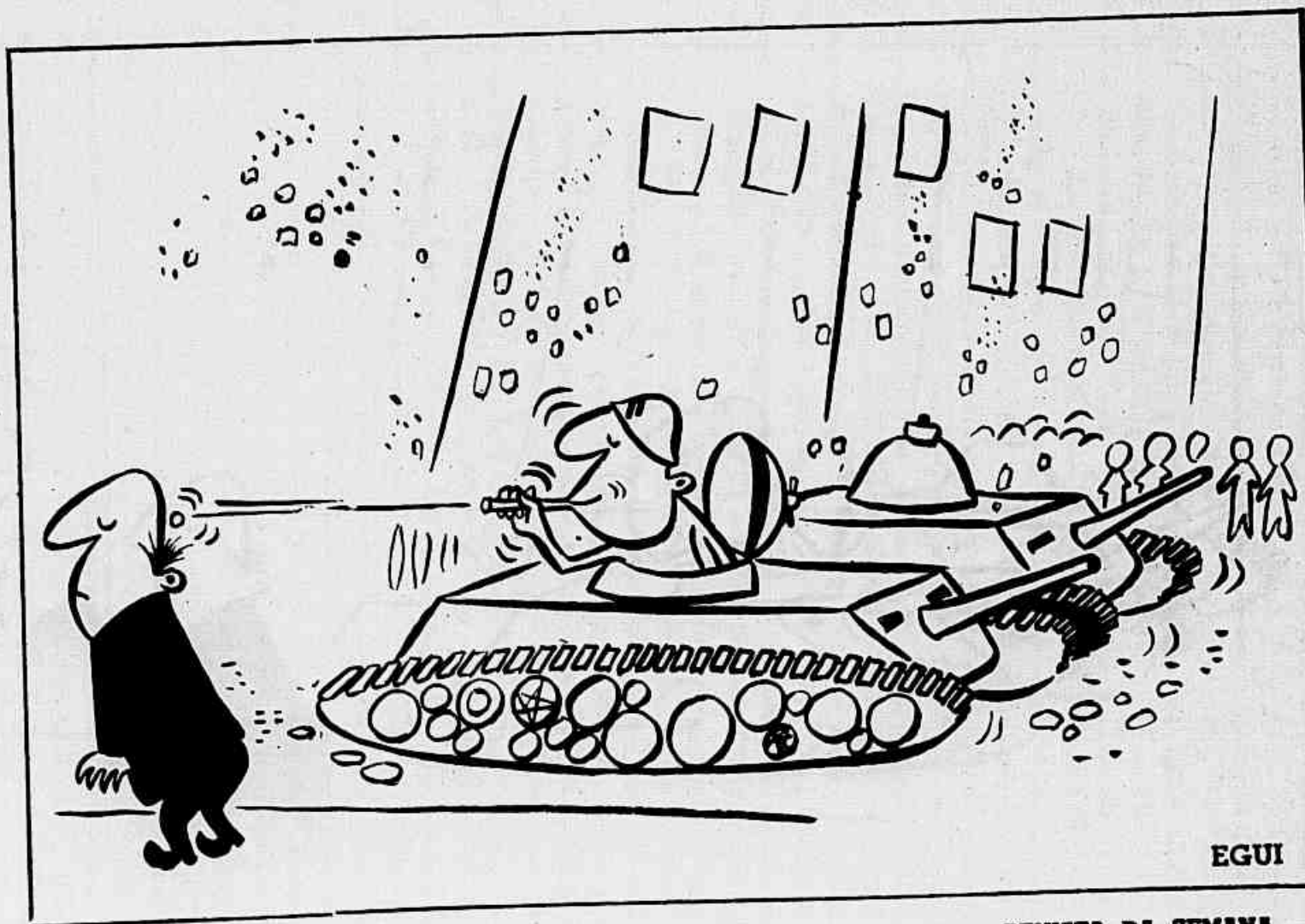
Filho para substituir o general Lott era o general Manoel de Azambuja Brilhante, comandante da Vila Militar que, na sua opinião, detinha em mãos um dispositivo suficiente para assegurar a sobrevivência do governo na eventualidade de uma reação como a que, poucas horas depois, realmente se verificou.

Mas, recolhido ao Hospital dos Servidores, o sr. Café Filho não pôde opinar sobre a substituição do general Teixeira Lott. Surpreendeu-se até com a substituição em si, sem qualquer consulta a êle, presidente efetivo.

E chegou mesmo, numa primeira reação, a pensar em escrever uma carta de solidariedade ao general Lott, o que foi evitado pelo sr. Monteiro de Castro, chefe da Casa Civil, ao dar-lhe conhecimento da atitude de sublevação do ministro da Guerra.

A VOLTA AO CATETE

Nove dias após, já na Casa de Saúde São Vicente, para onde se transportara,



EGUI

o sr. Café Filho reuniu o brigadeiro Eduardo Gomes, o almirante Amorim do Vale, o general Juarez Tavora e o sr. Alencastro Guimarães, a fim de resolver sobre sua volta ao governo.

Os médicos consideraram-no recuperado e ele desejava retornar ao mandato. Ao fim da reunião, recomendou ao sr. Oséas Martins que providenciasse os ofícios ao Supremo Tribunal, ao Senado e à Câmara, comunicando que no dia seguinte se reempossaria no Catete.

O sr. Munhoz da Rocha foi admitido já na fase final da conversa.

Uns opinaram no sentido de que o ex-presidente rumasse logo em direção ao Catete e, lá chegando, recebesse o governo das mãos do sr. Nereu Ramos, de quem ouvira, ainda no HSE, que lhe entregaria imediatamente as rédeas do poder, a qualquer momento.

Outros achavam, porém, que não havia no Exército apoio suficiente para que essa volta se concretizasse. A idéia de convidar o general Zenóbio da Costa para ministro da Guerra havia sido afastada na véspera, pois ninguém acreditava na possibilidade de afastá-lo do general Lott, metendo assim uma cunha no arcabouço do "Retorno".

O próprio sr. Café Filho entendia que não devia seguir diretamente para o Catete, pois colocaria em perigo a autoridade e a dignidade do cargo de presidente da República, arriscando-se a ser prêso na porta por um simples tenente da guarda.

LOTT CHEGA

Pois o general Lott já havia estado na Casa de Saúde, revelando os reais intuitos dos generais revoltosos. Comunicara-lhe que na véspera esses generais se reuniram e se convenceram de que, com a volta do sr. Café Filho ao governo, haveria um contra-golpe.

Por isto mesmo, não concordavam com ela, a não ser que o presidente assentisse em fazer certas modificações no ministério: nem permaneceriam os ministros escolhidos pelo sr. Nereu Ramos, nem voltariam aos cargos os ministros anteriores aos acontecimentos.

Nesse momento, o sr. Café Filho pronunciou aquelas célebres palavras: "Só voltarei ao governo sem condições".

E, dirigindo-se ao general Lott: "O senhor, que eu tirei do anonimato, terá de completar a sua violência, depondo-me e prendendo-me".

O general Lott respondeu: "Virgem Maria, presidente. Não fale numa desgraça dessa".

Aí estão alguns dos motivos pelos quais não houve resistência ao golpe de 11 de novembro. Quando havia possibilidade de luta armada, falharam certas coordenadas indispensáveis ao êxito da reação. Logo depois, ela já se tornara impossível.

Um presidente com as coronárias em crise tinha a seu favor apenas a legalidade que encarnava. Debaixo de sua janela, porém, estavam os tanques.

Crise: Lott x oficiais da Aeronáutica

10 OFICIAIS da Aeronáutica recusaram-se a participar da solenidade de entrega de diplomas na Escola de Comando do Estado Maior da Aeronáutica. Motivo: presença do general Teixeira Lott, ministro da Guerra. Consequência: prisão por 10 dias, de ordem do brigadeiro Correia de Melo, ministro da Aeronáutica.

Esses oficiais são: tte.-cel. Marcos Cesar Leal Coqueiro, tte.-cel. Erson Pires, tte.-cel. Geraldo Barbarte Sabre, major Roberto Viglin de Abreu, major Nelson Dias de Souza Mendes, major Clóvis Neiva de Figueiredo, major Joaquim Vespasiano Ramos, major Eduardo Costa, major Vahia de Abreu e capitão José Rubens Drumond.

Recolhidos à base do Galeão, incomunicáveis, foram depois transferidos para o Campo dos Afonsos, onde estão recebendo visitas de militares e civis.

Os observadores políticos esperavam rápido desenvolvimento da crise, com a multiplicação das manifestações de solidariedade aos presos, partidas de todas as guarnições. Mas, o ministro da Aeronáutica, que pretendia estender a punição a todos esses setores, recuou do propósito inicial — parece que por intervenção do presidente da República — a fim de restringir o episódio à área inicial.

O fato, isolado ou não, reflete todavia um estado de espírito da maior delicadeza: persiste intensa animosidade entre o ministro da Guerra (responsável pelo golpe militar de 11 de novembro de 1955) e a maior parte dos oficiais da Aeronáutica, que não perdoam a ordem emanada daquele chefe militar para destruição de todas as bases aéreas e aviões, no caso de resistência ao movimento de sublevação.

Em solenidade semelhante em 1956, o general Lott teve a prudência de não



Brig. CORREIA DE MELO
Hora de brincar, brincar; hora de enquadrar, enquadrar

comparecer. Com a presença, no Ministério, do brigadeiro Correia de Melo, que se propôs a "enquadrar" toda a sua oficialidade no apoio ao Governo — objetivo não alcançado pelo seu antecessor, brigadeiro Henrique Fleiuss, com processos conciliadores — achou o ministro da Guerra que era chegada a hora de reencetar suas relações com a Aeronáutica.

Ficou provado, por esse fato, que os dois ministros se enganaram. Dois anos não foram suficientes para apagar lembranças e divergências.

Admite-se nos meios governamentais, que a lição do episódio modificará a linha de rígido "enquadramento" que era o programa do brigadeiro Melo, resultando daí uma trégua na crise interna com essas prisões. Certos setores, entretanto, consideram que a presença e a força do general Lott no seio do Governo será sempre uma pedra no caminho entre o Palácio da Guerra e a Aeronáutica.

IMPASSE NA LEI DO RÁDIO

A OPOSIÇÃO PLETEIA a reforma da legislação do Rádio, através do projeto Prado Kelly. Ponto essencial: excluir as emissoras da jurisdição administrativa sem o que o Rádio continuará escravo do Governo.

O Governo resiste. Mantém a Portaria baixada há mais de um ano pelo Ministério da Viação, que viola a Constituição, mas, na prática, continua produzindo o resultado imediato: impedir o acesso ao povo, através do rádio, da pregação política da Oposição.

Com a intervenção dos líderes do Governo no Senado e na Câmara, admitiu-se um entendimento entre as forças opostas no sentido de se fazer a reforma da legislação, restaurando a liberdade do Rádio, mas assegurando os meios de rápida punição aos responsáveis pela emissão de injúrias, calúnias, etc.

Os entendimentos iam bem, entre o sr. Herbert Levy, líder da Oposição (na ausência do sr. Afonso Arinos) e Vieira de Melo e Cunha Melo, pelo situacionismo. A fórmula encontrada satisfazia a ambas as correntes: as estações de rádio não seriam inicialmente responsabilizadas por crimes ou excessos de terceiros, e sim estes, respondendo as emissoras em caso de coincidência, e através de penas gradativas, multa, suspensão e cassação de canal, com recursos ao Judiciário.

Após reunião dos líderes do Governo com o presidente da República, as conversas voltaram à estaca zero.

O líder Herbert Levy fez veemente discurso na Câmara denunciando o encerramento das conversações, para anunciar, de maneira peremptória, a ofensiva parlamentar da Oposição na fiscalização das votações de todos os projetos, o que significaria o retorno ao recurso regimental de Obstrução.

Pode ser que o Governo volte atrás, como no caso da Lei Eleitoral. Em caso contrário, continuará a Obstrução.

Louis "Satchmo" Daniel "Pops" Armstrong



fotos united artists

NÃO É MAIS O EMBAIXADOR DO "JAZZ"



"Satchmo" vem ao Brasil antes do filme "Satchmo the Great", que só chegará dentro de seis meses

GOSTA DE SAMBA MAS CONFESSA QUE NÃO PODE TOCAR





Armstrong veio para ganhar mais de 3 milhões de dólares

PARA LOUIS ARMSTRONG descer em Buenos Aires, na semana passada, foi preciso que o Corpo de Bombeiros cercasse o avião e usasse as mangueiras: só os jatos d'água puderam conter o entusiasmo dos argentinos. Louis Armstrong vem agora ao Brasil (São Paulo, dias 21-23 — Rio, 25-27), trazer o jazz e ganhar 3 milhões de cruzeiros. Vem a negócio e não como embaixador do Departamento de Estado, com o qual brigou por causa de Little Rock.

Paris, onde se diz que o último acontecimento a sacudir a cidade foi o entêrrão de Voltaire, não se conteve ante a presença de Louis Armstrong. O teatro onde se apresentou chegou a ser depredado pela multidão que não conseguiu lugares e tivera de se contentar em ouvir o artista através de alto-falantes.

Louis Armstrong vem ao Rio após ser universalmente considerado o maior instrumentista de toda a história do jazz. Suas excursões pela Europa constituíram, para diversas cidades, dos maiores acontecimentos musicais de sua história.



Edmund Hall (o clarinete) e Louis Armstrong (o trumpete)

"BEAT" É O "TELECO-TECO" DO JAZZ

REVISTA DA SEMANA — 13

ARMSTRONG...

O delírio provocado por êle e sua música está longe do produzido pelo "rock'n'roll", constituindo fenômeno inteiramente diferente. Armstrong toca jazz sério e autêntico, quase tão puro como o que êle mesmo tocou no tempo do seu Hot Five. No Rio, deverá apresentar-se como Louis Armstrong and His Concert Group, constituído por Armstrong (trompete e vocal), Trummy Young (trombone), Edmond Hall (clarinete), Billy Kayle (piano), Arwell Shaw (contrabaixo) e Barret Daems (bateria), os mesmos músicos que se apresentaram no filme "Alta Sociedade" (High Society). Louis Armstrong apareceu em 1917 tocando na Banda de Kid Ory Brown Skin Babies, em New Orleans, ao lado de músicos que praticamente constituíam a segunda geração de instrumentistas de New Orleans, como Sidney Bechet, Big Eye Nelson, J. Noone e J. Dodds (clarinetes), Mutt Corey e King Oliver (trompetes). Todos, com o fechamento do Storyville, foram para a Califórnia. Em 1918, o capitão Joseph Streckus formou um grupo instrumental para tocar nas viagens pelo Mississippi no seu vapor "Dixie Belle". Armstrong também foi escolhido. Com as facilidades de acesso a Chicago pelo "Dixie Belle", essa cidade foi-se transformando na "capital do jazz", o que durou de 1920 a 1930. Entre os grandes trumpetistas de uma geração mais nova do New Orleans, é preciso citar Louis Armstrong em primeiro plano. Tem centenas de discos gravados, inclusive quatro "long playings" em que apresenta sua história musical. Músicas (que executou) de maior evidência foram, entre outras, "Papa Da-Da-Da", "Everybody loves my baby", "Of all the wrongs", "Texas Moaner", e "Coal Cart Blues". Armstrong é do estilo dos instrumentistas melódicos de New Orleans, que tocam de maneira tão rítmica que se tem a impressão de que suas vozes funcionam como instrumentos de percussão. O trompete é o "lead", ficando os outros instrumentos para fundo harmônico. Contrastes da música de New Orleans são o "bop" e o "cool", as mais recentes formas de "jazz". O "cool" é a maneira de tocar em que se põe de lado a exuberância, o som volumoso, em favor de um modo leve, de fraseado impecável, elegante. No "bop", foram introduzidas várias novidades características rítmicas e harmônicas, entre outras.



Trummy Young no trombone faz jazz com Armstrong em "O Embaixador do Jazz"

JAZZ

SINTA-O COMO SE PEGASSE UM BONDE ANDANDO

JAZZ DEVE SER sentido com a mesma ânsia com que se deseja pegar um bonde andando: mas não é preciso nem subir ao estribo.

Jazz pode ser um pianista sozinho tocando a noite toda num bar ou num apartamento, ou pode ser uma orquestra de 60 figuras harmoniosamente formada.

A falta de uma definição que padronize de uma vez por todas o que é jazz, vem desde sua descoberta, em 1900, em New Orleans. Até hoje, críticos, cronistas, populares, meninos, meninas, gente adulta e os próprios músicos (de jazz ou não) ainda não conseguiram definir o que é jazz. Com suas discordâncias, consegue trazer mais temas para provocar debates. Para uns, jazz é Doris Day cantando, Ted Heath e sua orquestra, Harry James como marido de Betty Grable em filme colorido; outros, acham que jazz é a primitiva música de Jimmy Yancey, de Jelly Roll Morton, é o trompete de Louis Armstrong mantendo-se incorruptível através do "bop" e do "cool"; ainda há pessoas, finalmente, que defendem o jazz de Lennie Tristano, Dave Brubeck, Stan Getz, George Shearing e Stan Kenton. Há um grupo que não se preocupa em definir jazz. É o grupo que tem sensibilidade, sabe distinguir a boa música da ruim, o bom intérprete do falso e dá valor a quem realmente mereça.

Jazz está presente no canto e no toque de Louis Armstrong; na suavidade e no "charme" de uma Sarah Vaughn; na elegância do sax-alto de Paul Desmond; na profundidade triste e romântica e since-

ra e pessoal do piano de George Shearing. Jazz está presente em Fats Waller, em Bunk Johnson, em Stan Kenton, precursor de um estilo, em passagens de Les Brown e sua orquestra, nas flautas de Pete Rugolo.

Jazz são frases de um estilo de música que tem o "swing" como principal características. Tem o "swing", tem o "beat" que mexem com a alma e o corpo e forçam o ouvinte e o músico a acompanhar as notas como quem corre paralelo a um bonde para subir ao estribo.

O baterista negro Jo Jones procurou definir jazz: "A melhor maneira de você saber se há "swing" no jazz que está ouvindo é acompanhar a música com a alma e o corpo. É a mesma sensação sentida quando se recebe um aperto de mão sincero e um aperto de mão frio".

Algumas pessoas definem jazz como sentimento. Dizem que jazz é toda música sincera que faz você vibrar, ficar tenso ou recordar quando aplaude Django Reinhardt, Barney Kessel, Bernard Pfeiffer ou Buddy Rich. O que está errado é pensar que jazz é barulho de "rock'n'roll" deturpado de "swing", é um sujeito maluco fazendo barulho com uma bateria ou que são trompetes gritando para o alto. Jazz não é desorganização. É coisa pensada. É arranjo de vários instrumentos fazendo harmonia para o solista, que depois se integra à harmonia enquanto outro solista vai à frente do conjunto. Jazz é tocado por pretos e brancos, indiferentemente.

1) Implantou no Brasil a indústria petrolífera, ampliando os campos de produção da Bahia, revelando a existência de petróleo na Amazônia e em Alagoas, intensificando os trabalhos de pesquisa nas diversas áreas petrolíferas do país, aumentando a capacidade de processamento de suas refinarias e o número de unidades de sua frota de petroleiros.

2) Através de novas pesquisas e perfurações, aumentou as reservas recuperáveis de petróleo do Recôncavo, de 255 milhões de barris para 344 milhões, e elevou de 2.500 barris para 32.000 a produção diária dos campos petrolíferos, conseguindo ainda que a produção média de cada poço passasse de 60 para 174 barris por dia.

3) Processando 24.365.317 barris de óleo, que representaram 33,32% do consumo nacional de derivados de petróleo, as duas refinarias — de Mataripe e Presidente Bernardes — proporcionaram ao país, em 1956, a economia de 37 milhões e 172 mil dólares de divisas.

4) 79,67% da gasolina consumida no país em 1956 foi produzido pelas refinarias nacionais, sendo que 54,85% dessa produção saiu das refinarias de Mataripe e Presidente Bernardes.

5) Elevou a 70 mil barris diários a capacidade de processamento da Refinaria Presidente Bernardes, está ampliando para 37 mil barris a da Refinaria de Mataripe e iniciou os trabalhos de construção da Refinaria do Rio de Janeiro, que processará 90.000 barris por dia.

6) Construiu na área da Refinaria Presidente Bernardes, em Cubatão, uma fábrica de asfalto, com capacidade para produzir 340 toneladas diárias de adubos nitrogenados, eliminando dessa maneira as importações de similares estrangeiros.

7) Está construindo, em Cubatão, uma fábrica de eteno, que irá possibilitar a implantação da indústria petroquímica no país, abrindo à economia nacional as imensas possibilidades oferecidas por essa linha dos derivados do petróleo.

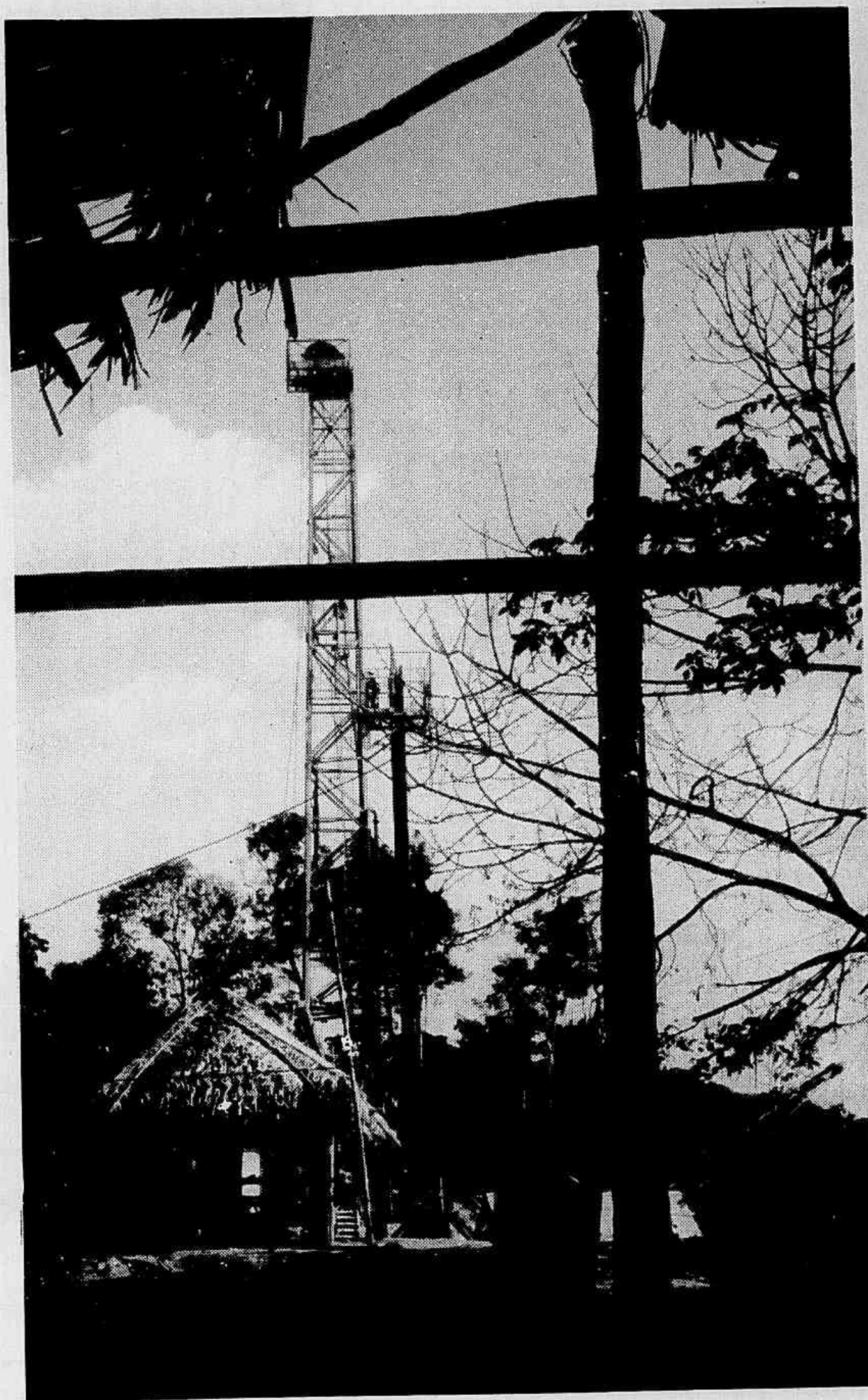
8) Possui uma frota de 25 navios especializados no transporte de petróleo e derivados, operando eficientemente na cabotagem e longo curso, à qual serão incorporados mais 7 super-tanques já encomendados.

9) Elevou de 12 para 32, estando em organização mais 3, o número de equipes geológicas e geofísicas em atividade nas diversas áreas sedimentares do país, e aumentou de 22 para 45, estando encomendadas mais 10, o número de sondas atualmente operando no Amazonas, Pará, Maranhão, Alagoas, Bahia, São Paulo e Paraná.

10) Possui organização modelar, recursos financeiros suficientes e uma equipe de administradores e técnicos cômicos de suas responsabilidades e da alta e patriótica missão que o povo brasileiro confiou à Empresa: dar ao Brasil o petróleo de que necessita.

Dez argumentos pela Petrobrás

foto petrobrás



AIST-1-AZ — Em Acari vai nascer uma cidade.

Leia domingo próximo

Revista Feminina do Diário de Notícias

*nova! moderna!
vibrante!*

24 páginas em rotogravura, a cores



Peça ao seu jornaleiro
REVISTA FEMININA



V. ENCONTRARÁ NA REVISTA FEMININA,
ENTRE MUITOS OUTROS ASSUNTOS:

- Moda e beleza
- Decoração
- Contos e reportagens
- Puericultura
- Tricô e crochê
- Horóscopo
- Etiqueta
- Conselhos úteis
- Tudo, enfim, para você e para o seu lar!

INTEIRAMENTE GRÁTIS, DENTRO DO

Diário de Notícias

O Dragão Apaixonado



MARIUS

A PRIMEIRA vista, o dragão não revelava o coração explosivo e a alma sentimental que possuía: parecia um dragão normaníssimo, de longo corpo coberto por uma couraça de escamas brilhantes como uma armadura de prata. A cabeça, a monstruosa cabeça, era como a dos outros dragões — armada de uma língua bifurcada e com uma crista volumosa; a espinha dentada marcava o início de duas longas asas em forma de leque; as pernas tinham grandes garras de feroz aspecto (que era, aliás, o aspecto geral do referido monstro). Era, em suma, o tipo de dragão fabuloso, como descreve a lenda.

Houve um tempo — narra um cronista — em que o Egito jazia sob a cruel opressão de um dragão. Essa assustadora bête era um verdadeiro flagelo, uma praga (pior que a dos sete anos) para o país. Não existia outro meio para evitar um pouco a sua fúria: era preciso oferecer-lhe, todos os dias, uma esplêndida jovem para o jantar. Durante vinte e quatro anos o dragão comeu as virgens. Mas, um belo dia (por assim dizer), as provisões se esgotaram e não restou uma só jovem intacta em todo o reino. Por conveniência da história, restava Sabra, a filha do rei. Foi aí que um turista inglês, de boa figura, se apresentou como campeão da bela dama: vinha de Coventry e era conhecido pelo nome de Jorge (mais tarde ele foi promovido ao grau de "santo"). Tinha um aspecto belicoso e se ofereceu para liquidar o monstro. O cavaleiro inglês teve muita sorte no combate. Refugiando-se sob uma laranjeira, descobriu que aquela árvore das flores simbólicas fazia dele um homem inatacável por parte do dragão. Foi assim que, afinal, pôde matar o monstro.

Esta é a fábula (que não entra em maiores detalhes sobre o comporta-

Israel Zangwill

mento posterior de Jorge para com a virgem e que não explica também porque é que as noivas usam — até hoje — flor de laranjeira nos cabelos, ao casar).

Acontece que, alguns séculos depois destes fatos (verdadeiros ou falsos), um digníssimo cidadão, homem absolutamente iletrado, descreveu o episódio em versos, sob o sugestivo título de "São Jorge e o Dragão".

O drama (chamemos assim) foi representado num teatro da província e o autor fez questão de incluir na peça um côro de jovens egípcias, em trajes ligeiros, o que constituía gritante contraste com a lenda, devido ao luto que angustiaava naquele momento o belo sexo do reino de Ptolomeu, o bom.

Fato bastante extraordinário no teatro, a princesa Sabra — que o texto apresentava como "senhorita", era, na realidade, senhorita, jovem e graciosa. Linda, viva, ágil, bem feita de corpo, cheia de saúde, com bonitas côres. Resumindo: um verdadeiro anúncio de sabão de toucador.

Todos, no teatro, estavam loucos por Sabra: do diretor — que fazia o papelão de São Jorge — ao porteiro — que ocasionalmente vestia o manto de São Pedro.

Portanto, é inútil dizer que foi Sabra quem tornou sentimental o dragão. Não no libreto, naturalmente, onde o desejo ardente de devorar a moça não variou nem um pouco no nosso dragão.

Importante é dizer e reconhecer — para inteira homenagem ao nosso dragão — que só uma metade de si mesmo se deixou atingir pelas seduições de sua vítima. A outra metade, a melhor (diriam alguns), membro taciturno de uma sociedade de temperança e atendendo pelo nome de Davie Brigg, continuou insensível. Davie era a cabeça do dragão. Dirigia com maestria incomparável as partes dianteiras do monstro: abanava a cabeça, sacudia as asas com ruídos assustadores e acendia bombas na garganta da fantástica fera que vomitava fogo. Era um escocês rude e simples, doido pelo teatro e com carreira certa.

A parte posterior do dragão era mais conhecido pelo nome de Jimmy. Ele recebia 18 soldos por dia e mesmo assim ficou apaixonado por Sabra.

Como a primeira atriz chegou a seduzir, sem querer, a metade do dragão? Foi o destino. O amor de Jimmy por Sabra nasceu durante um ensaio. Tendo encontrado e admirado a moça, sentiu-se feliz trabalhando junto com ela na representação. Mas logo se desiludiria amargamente, porque, se nos ensaios, desembaraçado da casca do dragão para respirar um pouco, podia se deliciar com a visão de Sabra, durante o espetáculo isto era absolutamente impossível. Então a rainha dos seus sonhos ficava totalmente invisível, e só a sua voz alcançava suavemente seus ouvidos, sufocada pela grossa couraça e pelas lâminas de zinco da casca do monstro. (Ex-

perimentava então tal emoção, que frequentemente se esquecia de agitar a cauda).

Dêste modo o amor cego ficava sem ver a amada enquanto a indiferença personificada no apático Davie Brigg deixava passar um olhar distraído pelos buracos que serviam de olhos ao animal.

Jimmy não tardou muito a se tornar loucamente ciumento dos privilégios do companheiro. Uma noite, empunhando a coragem com as duas mãos, ousou propor a Davie trocar de pôsto.

A resposta, como não podia deixar de ser, foi "és um idiota! Não experimentes mais fazer-me semelhante proposta!" Davie suspeitava que a oferta escondesse a intenção de suplantá-lo artisticamente.

Desesperado, Jimmy resolveu aproveitar a primeira ocasião para entrar em primeiro lugar na carcassa do dragão. Mas, desgraçadamente, Davie — um artista consciencioso — se achava sempre antes no pôsto. O assunto acabou por se tornar motivo de intermináveis discussões que, durante o espetáculo, faziam vibrar os flancos metálicos da carcassa, provocando no pobre dragão os mais estranhos rumores intestinais.

E uma noite, enquanto Sabra cantava a romança, Jimmy confessou a Davie o seu amor pela jovem princesa.

Davie explodiu numa risada: "tira essa fantasia da cabeça, e fica sabendo, que a tua princesa é um espírito prático; já há tempos pôs os olhos em São Jorge, ou melhor, em nosso diretor".

O dragão teve um frêmito e soltou uma espécie de mugido: "cala-te; ela é pura como um anjo." E a parte posterior do dragão abanou raivosamente.

"Por caridade — respondeu a cabeça — não ofendas os anjos! Por que então se deixaria apertar no peito do diretor para receber beijos que não estão na peça?"

"Mas, ela não pode saber que êle é casado" — responderam as pernas de trás em tom de choro.

"Não te iludas, ela o sabe muito bem; e sabe também outras coisas. Se a visses quando se abandona entre os braços de São Jorge!"

Um urro de dor escapou do posterior do dragão: "mentiroso! infame mentiroso!"

Naquele momento o dragão devia entrar em cena. Davie acende os seus petardos e faz sair chama e fumo pela bô-

ca e pelas narinas do monstro, começando a caracolar. O rabo que devia caracolar por sua vez, naquela prisão escura, sufocante e sem vista, tinha o pensamento preocupado em outra coisa e deixou de fazer a sua parte. Pensar que Sabra estava entre os braços de São Jorge lhe dava vertigens.

SABEMOS (pelos autores moralistas) que a constância acaba sempre por triunfar. Uma noite, Davie se demorou muito em casa estudando algumas novas modulações para a voz do dragão. Chegou tarde ao teatro, apenas a tempo de enfiar a carcassa, que agora entrava em cena. Jimmy, deixara de ser rabo para ser cabeça.

"Sai já daí" — gritou Davie esquecido da sua qualidade de membro da Liga de Temperança.

Mas Jimmy, fascinado pela visão da sorridente Sabra, nem ouvia. Davie o sacode, em vão.

"Hoje eu sou a cabeça e você é o rabo, eis tudo; e não me aborreça mais" — disse Jimmy.

Para não comprometer a representação, Davie não replicou; mas o ódio o roía e lhe sugeriu um atroz pensamento. Calmo e decidido chamou: "Jimmy."

"Fica quieto, Davie, estou ocupado".

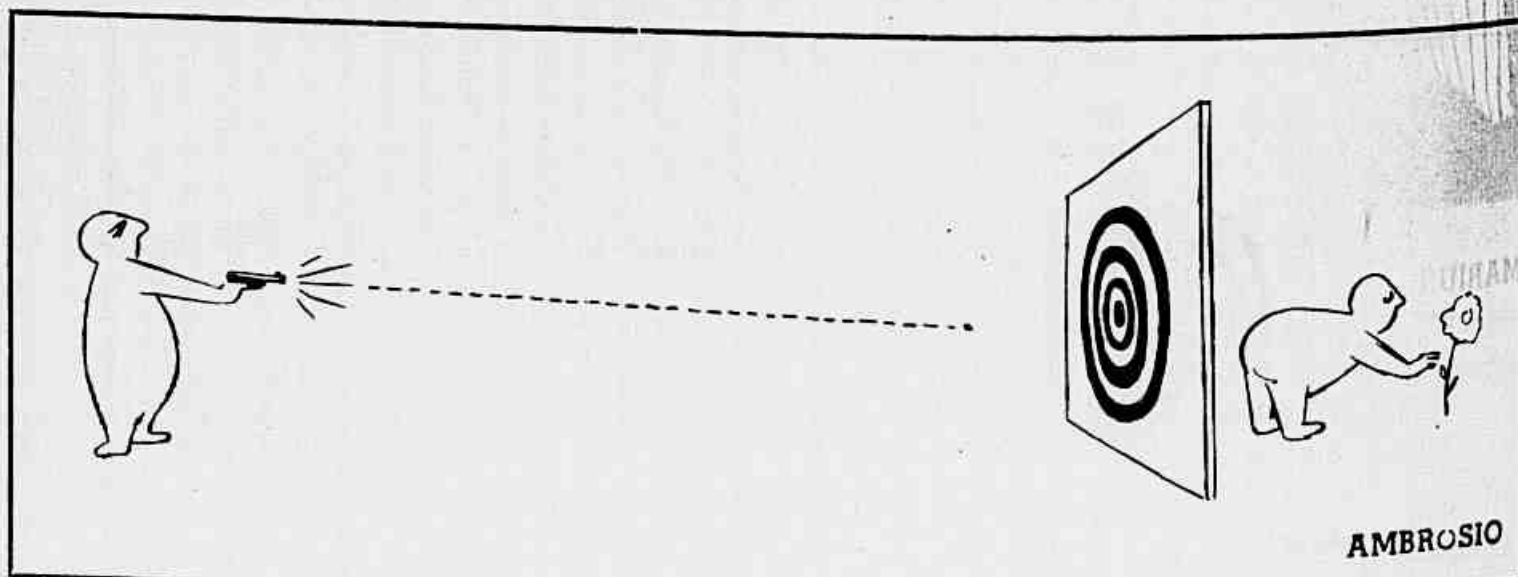
"Previno-te de que estou armado de um longo alfinete e juro que se não me entregares o pôsto, farte-ei experimentá-lo".

"Trata de ficar tranqüilo onde estás" — foi-lhe respondido em tom peremptório.

A ponta aguda penetrou profundamente na parte carnosa de Jimmy mais ao alcance da mão de Davie. E o dragão deu um salto de lado e um rugido tão potente que gelou o sangue nas veias dos espectadores.

Pensando nas desastrosas consequências que uma segunda alfinetada poderia acarretar, Davie desistiu dela e se resignou ao destino que, durante aquela noite, o condenava a uma situação humilhante.

Bim diferentes eram as emoções da cabeça do dragão. A alegria de Jimmy por ter ocupado finalmente o sonhado pôsto se transformava numa indignação crescente. À medida que lhe era revelado a existência real de entendimento amoroso entre a primeira atriz e o primeiro ator. À vista das ternuras que São



Jorge, esquecido das regras mais elementares do cavalheirismo, prodigalizava à princesa, Jimmy sentia ferver o sangue nas veias.

A cena principal: a suprema luta entre o dragão e São Jorge.

A princesa, divinamente bela, no seu vestido de sêda egípciana, encorajava com os gestos e com a voz o seu defensor, que, encerrado na armadura de prata, se retirara para debaixo da laranjeira protetora e aguardava o assalto do monstro. Ao sinal do maquinista, Jimmy saltou avante, lançando gritos inarticulados de raiva e de maldição, atirando seus petardos nos olhos do defensor, seu rival, com a feroz intenção de lhe causar todo o mal possível. Mas petardos não são projéteis e a vista do diretor estava protegida pelo elmo.

Jimmy e Davis (aliás, o dragão) foram desarmados pela fina lâmina de São Jorge, que traspassou o monstro de lado a lado entre os aplausos delirantes dos espectadores.

O dragão, morreu conscienciosamente.

Então, Sabra se atirou nos braços de seu salvador e o apertou apaixonadamente, enquanto São Jorge, levantando a viseira, dava sonoros beijos no rosto da virgem. A cólera e a atmosfera viciada que se respirava na carcassa por pouco não sufocavam Jimmy, e assim o dragão perdeu completamente a cabeça.

Davie jamais esquecerá o horror do instante em que se sentiu arrastado para diante, com um arranco irresistível. Com um esforço sobrehumano ele tentou firmar-se no solo, em vão. Repentinamente, o corpo do dragão empinou e Jimmy arrancou sua odiosa máscara descobrindo uma cabeleira revolta sobre um rosto agitado, congestionado, invadido pelo suor.

Assustado, horrorizado por aquele inqualificável procedimento, Davie crivava desesperadamente o pobre Jimmy com picadas de alfinete. Mas o moço amante estava completamente insensível. Aquela estranha aparição os aplausos cessaram bruscamente. Fêz-se na sala um silêncio de morte. (Teria sido possível perceber o barulho da queda do alfinete de Davie).

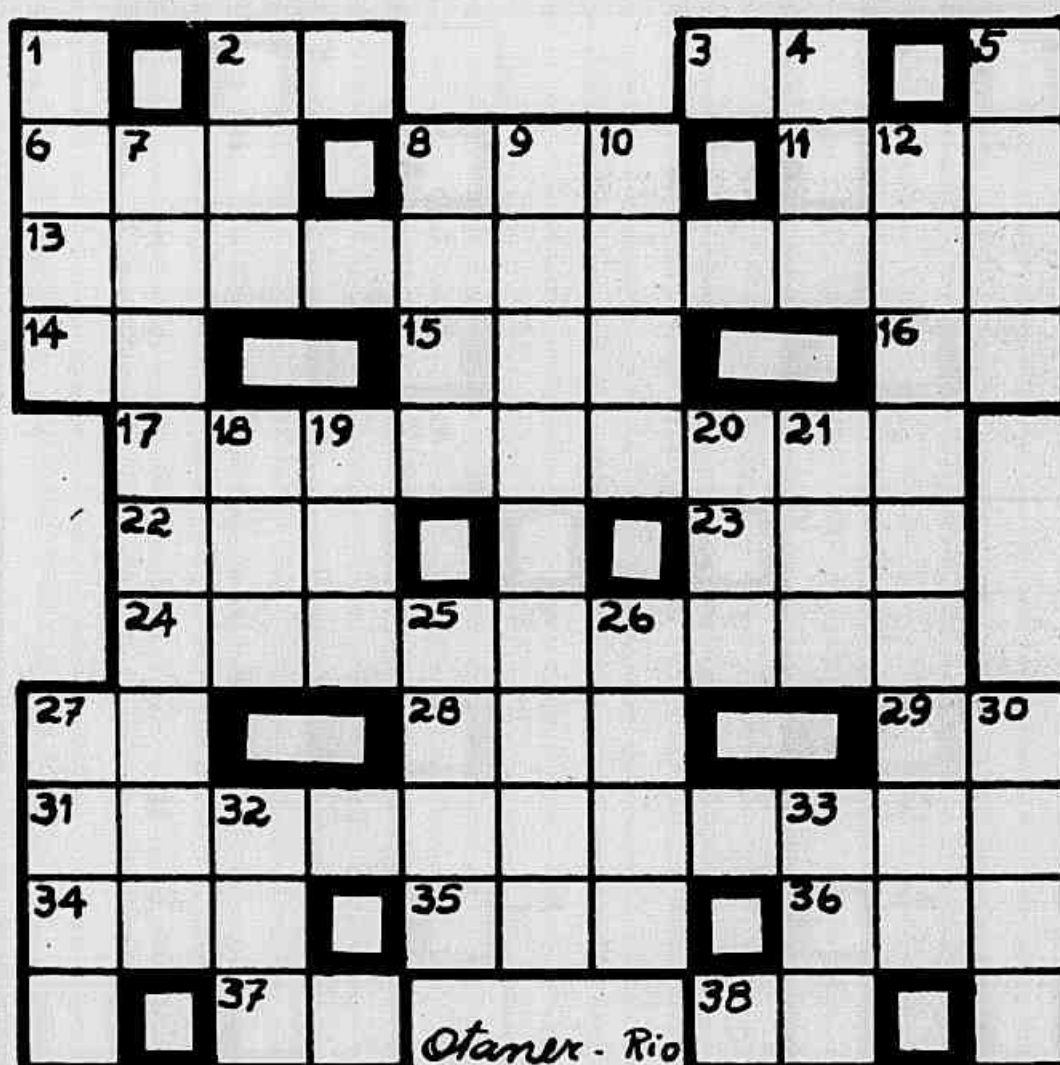
São Jorge, sempre abraçado a Sabra, passou do auge da satisfação a um espanto cômico. Estarrecido, abriu os braços e correu para debaixo da laranjeira.

"Miserável... como pode ousar..." — rugiu enfim uma voz rouca saída daquela cabeça assustadora. E com um vigoroso golpe da perna direita o monstro híbrido aterrorizou o ofensor de Sabra.

"Ensinar-lhe-ei a respeitar donzelas" — urrou ainda o vingador.

Resistindo aos esforços de Davie, que pretendia puxá-lo para trás o teimoso enamorado continuou a desferir golpes sobre o pobre São Jorge, entre as piadas e os gritos de alegria dos espectadores.

Desde aquele dia, "São Jorge e o dragão" não foi mais representado.



PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 8 — Horizontais: — 1. Seguia — 3. Pedra de moinho — 6. Rio da Suíça — 8. Pôrto e cidade da Finlândia, no Báltico — 11. Oceano — 13. Que afaga; caricioso — 14. Símbolo da prata — 15. Bebedeira — 16. Símbolo do cloro — 17. Toldado, anuviado — 22. Grande porção — 23. O mesmo que raer — 24. Expressão de duas quantidades que têm o mesmo valor — 27. Antiga nota musical — 28. Senhora — 29. Símbolo do nitônio — 31. Preparação que se faz nos seringais para início da colheita, antes da aplicação das canequinhas de fôlha — 34. Pronome pessoal — 35. Constela-

ção austral — 36. Lugar sagrado para os maometanos — 37. Gemido — 38. Perversa.

Verticais: — 1. Aldeia de índios — 2. Cólera — 4. Ombro — 5. Grande lago salgado da Ásia — 7. Processo formal de cálculo — 8. Pato real — 9. Repicar — 10. Escavar — 12. Repugnante — 18. Jogo de cartas, de origem italiana — 19. Cesto de palha de carnaúba — 20. Pedra do altar — 21. Cidade do Egito, no delta do Nilo — 25. Pequeno golfo — 26. Senhora nobre — 27. Juquirionano — 30. A lei mosaica — 32. Uma das partes da dobradiça — 33. Juvia.

SOLUÇÕES DO PROBLEMA N.º 1

Horizontais: clã — lar — réu — Cap — leuco — arder — es — áxilo — di — ufa — ira — mia — rito — riam — fia — pai — rês — na — ainda — Na — edita — ariti — Oto — amo — asa — cró.

Verticais: céu — luca — acro — Rad — resfriado — pedimento — léu — oxiofia — alarida — ria — ir — aia — mar — fné — an — saí — atos — arar — ita — imo.

SOLUÇÕES DO PROBLEMA N.º 2

Horizontais: — guau — amal — áglia — amame — lam — vog — Rui — rabulária — rol — rim — agaturrar — are — ara — ras — Ataur — reino — melê — Asia.

Verticais: gal — ugar — almar — geal — ui — A.M. — marimaris — amua — lei — avultar — agarrar — ol — boa — rir — arte — Urrani — aam — soa — ué — Ea.

SOLUÇÕES DO PROBLEMA N.º 3

Horizontais: arecuna — amerigena — efó — Ara — CCC — mi-

ra — pear — páfia — cosia — ária — atmo — ris — Aar — ras — amantelar — odiável.

Verticais: amorfismo — re — era — cira — uga — Ne — ancestral — afiaria — açaimar — empar — Craôs — aia — poa — cata — ani — Rev — ad — lê.

SOLUÇÕES DO PROBLEMA N.º 4

Horizontais: aramá — cevar — fale — veta — imana — airar — Rolando — longe — coturno — adage — acuta — cali — Isis — arpoa — caami.

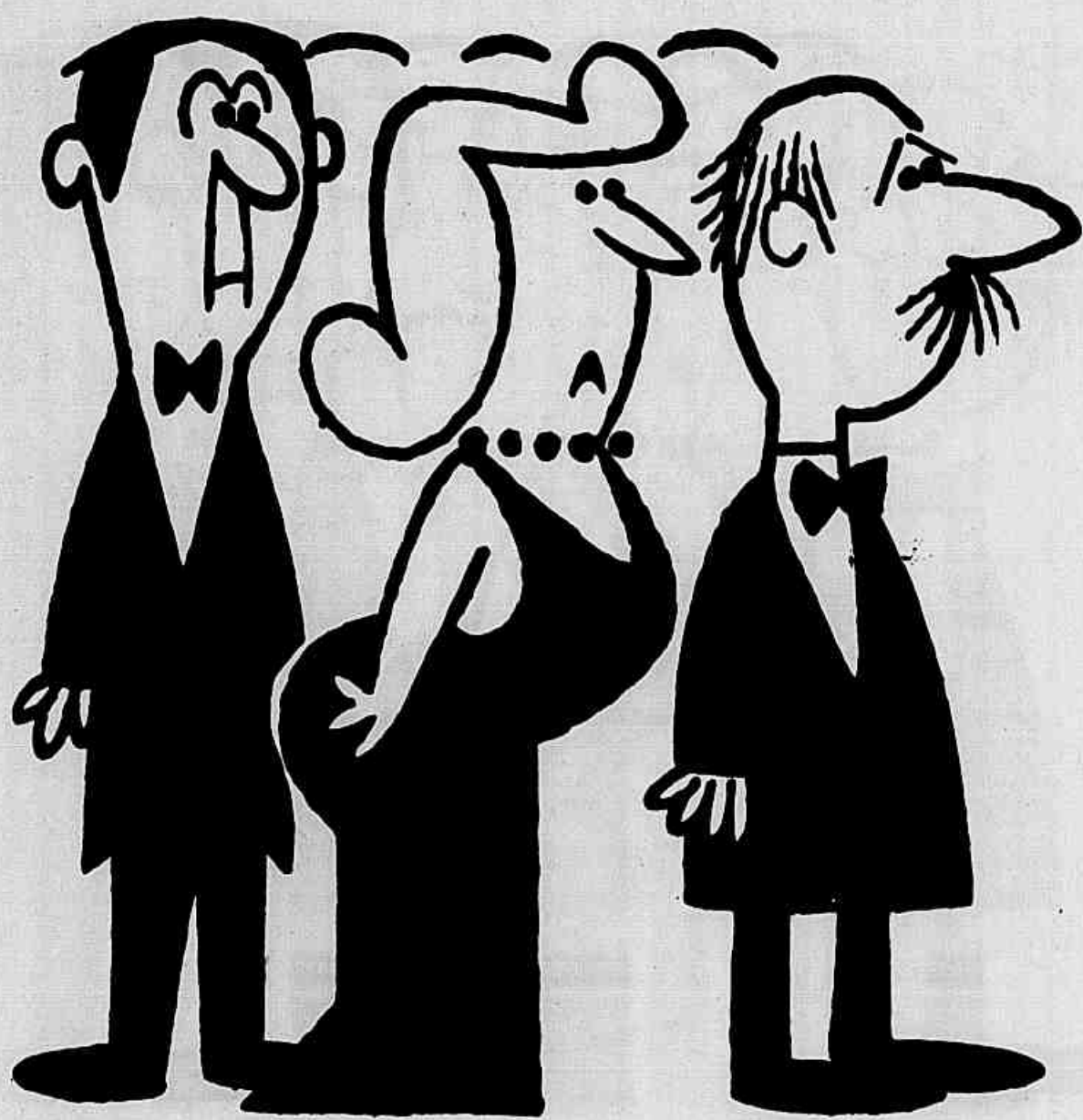
Verticais: afim — Ram — alar — menológico — evidencia — vero — ata — raro — alote — angra — anu — faca — calp — ou — sa — dasi — dar — tim.

SOLUÇÕES DO PROBLEMA N.º 5

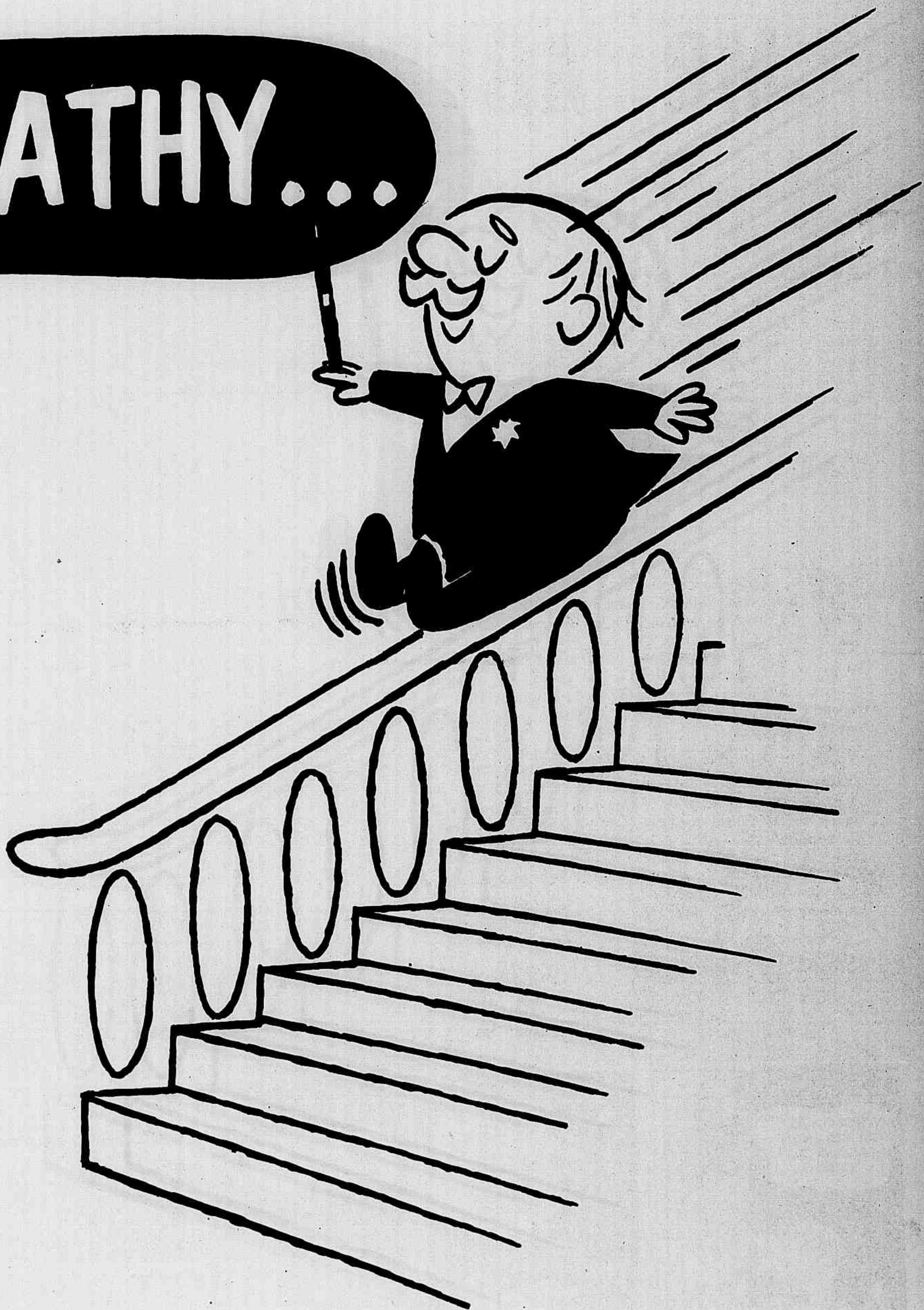
Horizontais: abas — muda — botam — catar — om — Earas — la — Ram — Aa — calar — te — pangarave — mi — audaz — mó — tod — ti — morar — pá — orlas — sapar — sair — soga.

Verticais: aboca — bom — at — sab — mas — ut — dal — arame — maragutos — camara — das — ralador — api — Cna — raz — tem — mitos — ocará — ira — mar — ras — pag — li — pó.

e agora, MR. ABER



BERNATHY...



MR. ABERNATHY

NOS ESTADOS UNIDOS as histórias em quadrinhos são lidas por 83 por cento dos leitores de jornais e por 79 por cento das leitoras. Dois terços das crianças procuram as histórias cômicas diariamente e cerca de 40 milhões de pessoas, todas adultas, procuram as edições dominicais para rir. Revistas especializadas em histórias cômicas e jornais dominicais reúnem juntos um público de 70 milhões de pessoas. Estatísticas sobre livros cômicos atestam um autêntico delírio por esse gênero em todas as Américas.

Para termos um panorama sobre histórias cômicas em quadrinhos na atualidade e no futuro, eis um sumário de sua história.

1896: As histórias em quadrinhos são lançadas porque os jornais modernos desejam ganhar o grande público. Cômicos, são dirigidos a princípio aos garotos.

1910: Os pais, sabendo do interesse das crianças pelos "comics", começaram a procurar as páginas de historietas e se encontraram nos personagens dos quadrinhos, que reproduziam um humorístico e sarcástico quadro de um período próspero.

Perto de 1915, as historietas em quadrinhos passam das cidades grandes para as pequenas. A forma geral das historietas não é alterada: têm bastante dose de humor, variados temas sobre histórias familiares; poucas histórias são seriadas.

Em 1929, aparecem "Tarzan" e "Buck Rogers" e com uma novidade: as histórias de "suspense" ilustradas ocuparam a metade do espaço dado às histórias cômicas.

EM 1933 apareceram em livro as histórias cômicas em quadrinhos, e enquanto cobriam com sucesso todo o país demonstravam o quanto poderiam fazer pela educação ante sua força de penetração.

Com a II Guerra Mundial avultou uma preocupação sobre as histórias em quadrinhos. O sucesso de "Terry e os Piratas" contribuiu para uma era de sofisticação; as historietas cômicas chegaram a absorver a atenção de públicos que preferiam as novelas de rádio. Depois do Dia-V, outra evidência surgiu. O público desejava rir novamente — e conseguiu. Novas histórias surgiram, com novos tipos e temas. A velha forma, quase lírica, ainda era apreciada pela maioria das pessoas. Mas, os heróis de ficção também conquistavam público.

Há muitas conclusões evidentes sobre os motivos do sucesso das historietas.

(1) As pessoas lêem as historietas porque se encontram e se vêem refletidas nelas.

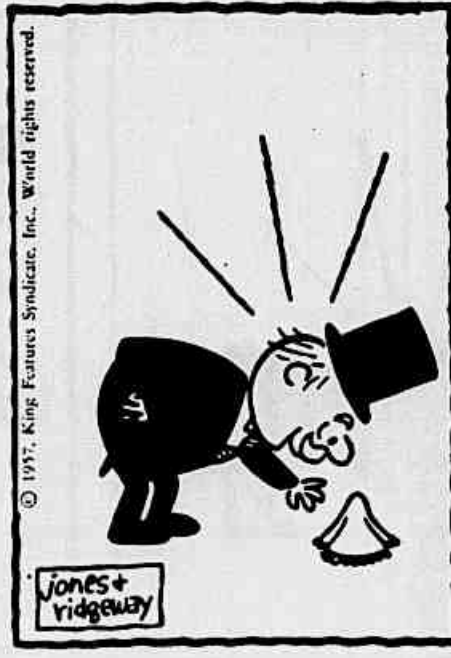
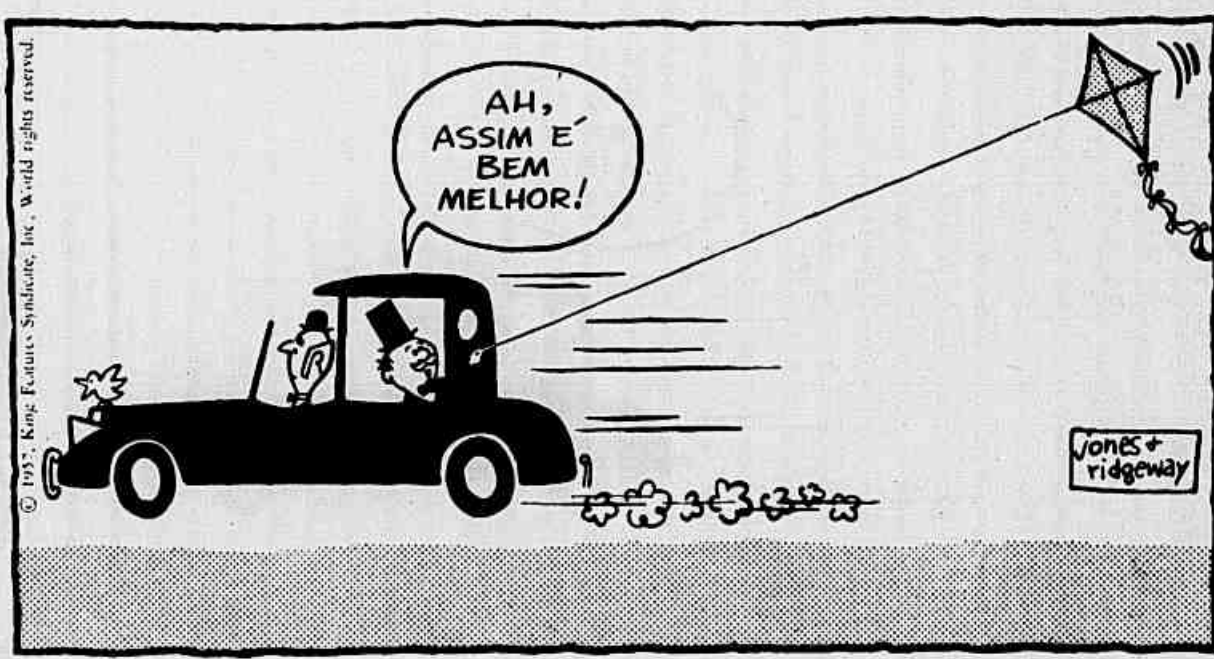
(2) E porque os heróis são um ideal de vida, puros e bons, vencendo sempre, pois estão com a causa justa.

(3) No futuro, as historietas em quadrinhos continuarão a ser preocupação popular, uma vez que elas representam — de um modo ou de outro — um padrão.

(4) Nesses sessenta e tantos anos de historietas em quadrinhos, o interesse popular cresceu muito e passará ainda por muitas outras etapas de desenvolvimento: o campo é vasto e inesgotável.

Assim, aqui está Mr. Abernathy:







INTERNACIONAL

Novo expurgo à vista no Kremlin

ANASTACIO MIKOIAN SERÁ O PRÓXIMO

ANASTÁCIO IVANOVICH MIKOIAN será a próxima vítima de Krushev. Três membros do "Presidium" soviético não foram mencionados quando a Rádio de Moscou deu a conhecer a lista dos dignitários que participaram das comemorações do 40.º aniversário da Revolução de Outubro: A. Kiritchenko, F. Koslov e K. Ludnov. Mas isso não tem maior significação. De fato, Kiritchenko, Koslov e Ludnov poderão ser eliminados em futuro próximo, mas a principal figura do expurgo será Mikoian, um dos últimos expoentes da "velha guarda" stalinista e um dos poucos capazes de pôr em perigo a posição de Nikita Krushev. Ele é, atualmente, a segunda pessoa do "Presidium", pois Shvernik (mesmo quando era o chefe supremo dos sindicatos) nunca passou de um burocrata de segunda

A FOTO

Dos sete homens da foto (feita no penúltimo desfile na Praça Vermelha, a 1.º de maio deste ano) quatro não estavam na tribuna do Mausoléu de Lenin, no último desfile (7 de novembro). Zúkov, o primeiro da esquerda, fôra expurgado dias antes. O quarto, o quinto e o sexto, a partir da esquerda, haviam sido há quatro meses: Kaganovich, Malenkov e Molotov. O da ponta direita é Mikoian, que talvez não esteja no Mausoléu, no próximo desfile. Os outros dois são B & K, os expurgadores.

categoria, Voroshilov tornou-se uma figura decorativa e Bulganin é quase isso.

Krushev sabe perfeitamente que sua situação não está consolidada. O novo Stalin (que impõe seu poder usando métodos stalinistas e linguagem antistalinista) não perde de vista que somente uma série de expurgos poderá mais ou menos consolidá-lo — dizemos mais ou menos porque ele jamais terá o poder absoluto que Stalin concentrava em suas mãos.

A vez de Mikoian chegara quando foi decidida a eliminação, do "Presidium" e do Comitê Central, do marechal George Jukov, expulso sob a acusação de "tendências bonapartistas" e "culto à própria personalidade". Porque, então, Krushev não se decidiu a eliminar, ao mesmo tempo Jukov e Mikoian, como fizera no penúltimo expurgo, quando liquidara de uma só vez personalidades tão importantes como Kaganovich, Molotov, Malenkov e Shepilov?

A resposta é simples: o novo ditador soviético estava às voltas com problemas muito graves e um passo errado poderia pôr em perigo sua própria situação. Era preciso prudência.

Jukov, cinco vezes herói da guerra, era a mais popular figura do Exército Vermelho não somente entre os oficiais e soldados como entre o povo. Eliminar Jukov, assim do dia para a noite, enfraquecia a posição de Krushev (o fortalecimento dessa posição era uma hipótese, só confirmada quando as forças armadas

não reagiram ao tornar-se pública a decisão) e os próprios alicerces do partido. Se Krushev tomasse a resolução de liquidar, também, Mikoian, o descontentamento nas fileiras partidárias poderia ter sido enorme, pois este é um velho militante cuja popularidade no partido é, talvez, maior que a do próprio primeiro secretário: só lhe falta o apoio de uma força organizada (polícia, exército ou burocracia do partido) para que essa popularidade tenha um poder de choque.

Para amainar os efeitos do expurgo de Jukov, o ditador soviético teve que apelar a dois recursos espetaculares:

1 — A repercussão do lançamento do "Sputnik II", que empolgou o povo (o comunicado sobre a eliminação do marechal só foi publicado quando a Agência TASS pôde anunciar o lançamento do satélite).

2 — A mobilização em massa dos militantes do partido para esclarecimento do "sentido" do expurgo, e de um grande número de comissários políticos para tranquilizarem o Exército Vermelho que, na Alemanha Oriental, ameaçava pegar em armas.

Porque, então — raciocinava Krushev — pôr em perigo sua própria situação, quando o golpe contra Mikoian podia ser adiado para um futuro que se pode considerar bastante próximo? Matar dois coelhos de uma só cajadada poderia significar, no caso, suicídio: o tiro sairia, com certeza, pela culatra.

Principalmente quando se trata de expurgos, a leitura do "Pravda" é significativa. Um exemplo: a 15 de junho passado, tudo parecia correr às maravilhas no "Presidium". Na primeira página do órgão central do partido via-se uma fotografia da chegada de Krushev-Bulganin da Finlândia: aguardavam-no crianças com braçadas de flores e os altos representantes do partido: Malenkov, Molotov, Shepilov, Furtzeva, Kaganovich, Mikoian. A 18 de junho o jornal anunciava uma recepção na embaixada búlgara, comemorativa do 75.º aniversário de Dimitrov (assassinado por ordem de Stalin). Os mesmos dignatários estavam presentes. Com a mesma naturalidade "Pravda" publicaria a liquidação (a 29 de junho) do grupo Malenkov-Molotov-Kaganovich-Shepilov, tão falso que ninguém pensou em fazer uma preparação psicológica, com os costumeiros apelos à "unidade do povo".

Mas os quatro dirigentes eliminados não tinham o apoio do Exército e, nas fileiras do partido, sua popularidade não era das maiores. Só Lazar Kaganovich gozava de certa simpatia na "velha guarda". Ninguém se moveu em sua defesa.

Anastácio Ivanovich Mikoian nasceu em 1895, em Sanain, província de Tiflis. Como seu amigo e protetor Stalin, frequentou algum tempo um seminário ortodoxo. Em 1915 aderiu ao Partido Comunista.

Na revolução ele foi comandante de brigada, depois redator de um jornal de campanha e comissário político. Após a derrota dos comunistas em Baku foi preso (setembro de 1919) pelos guardas brancos, mas escapou milagrosamente, enquanto os 26 comissários políticos (que passaram à história como "os 26 de Baku") eram fuzilados.

Mikoian recomeçou atividades no partido viajando para Moscou, onde se uniu às tropas que, meses depois, reconquistavam Baku. Aí ele dirigiu pessoalmente a campanha de liquidação (fuzilamento) dos elementos burgueses, socialistas e anarquistas.

Torrendo-se funcionário do PC, foi enviado por ordem pessoal de Stalin, para dirigir organizações partidárias importantes, primeiro em Nijni Novgorod (Gorki), depois em Rostov.

Em 1922, ainda por indicação de Stalin, foi designado membro do Comitê Central e, um ano mais tarde, confirmado no posto. Em 1926 Stalin promoveu-o ao "politburo", onde ajudou no grande expurgo contra a oposição.

Em 1930 ingressa no governo: é nomeado Comissário do Povo para o Comércio Interior e Exterior, destacando-se no cargo e passado a ser chamado, por amigos e inimigos, o "caixeiro viajante de Stalin". Em 1934 é nomeado ministro da Indústria Alimentar, mantendo-se no posto vários anos. Em 1947, chega a vice-premier.

Após a morte de Stalin, nos primeiros dias do "colegiado" Malenkov-Beria-Molotov, voltou ao ministério do Comércio Exterior, permanecendo na pasta até

1955, quando foi transferido para outra igualmente importante. Neste ano tornou-se vice-premier no governo Bulganin-Krushev, chefiando, várias vezes, delegações econômicas ao Ocidente, especialmente à Áustria.

No "Presidium" ainda figuram os seguintes stalinistas da "velha guarda": Bulganin, Voroshilov, Kousinen, Krushev, Mikoian e Shvernik. O grupo Bulganin-Krushev-Voroshilov-Kousinen mantém as rédeas do poder e não é preciso conhecer muito os métodos soviéticos para saber que as próximas vítimas do expurgo são Mikoian e Kousinen.

E se pode, finalmente, antecipar a lista de acusações que serão lançadas contra o stalinista Mikoian pelo stalinista Krushev, na luta pela sucessão de Stalin:

1 — Prejuízos causados à economia soviética durante sua passagem nas pastas do Comércio Interior e Exterior. (No discurso pronunciado nas comemorações do 40.º aniversário, Krushev insistiu no atraso de certos setores da indústria soviética em relação à norte-americana: talvez Mikoian venha a ser o bode expiatório).

2 — Entendimentos com agentes ocidentais, especialmente norte-americano, durante suas visitas ao Ocidente.

3 — Falta de "ética e de moral socialistas" em sua vida privada. (O nome de

um dos filhos de Mikoian foi, há alguns anos, citado com insistência pela imprensa soviética numa campanha contra a "juventude transviada" russa. Os jovens eram acusados de ouvir discos de jazz, mascar chicletes contrabandeados e dançar o boogie-woogie. Quando B & K foram a Londres, noticiou-se que os filhos dos principais líderes do partido e do governo seriam incorporados à comitiva. A viagem do filho de Mikoian chegou a ser noticiada em fontes oficiais, mas depois se disse que ele não poderia ir porque "estava enfermo". Só Nikita Sergueievich levou Serguei Nikitich.)

4 — Relações suspeitas com simpatizantes do grupo Molotov-Malenkov-Kaganovich, para derrubar a atual direção leninista do partido.

5 — Trabalho subterrâneo contra a direção: "portadora da confiança popular", em ligação com elementos anti-partidários, notadamente Kousinen, Kiritchenko, Kozlov, Ludnov.

Como Jukov não conseguiu, Mikoian não conseguirá enfraquecer a posição de Krushev, que já tomou as necessárias providências para consolidar-se ainda mais com o novo expurgo. E talvez Mikoian vá suceder a Molotov na embaixada russa na Mongólia Exterior, de onde Molotov voltará para aposentar-se.

A menor guerra fria do mundo

SAN MARINO A REPÚBLICA POSTAL TELEGRÁFICA

O LUAR ARTIFICIAL não foi suficientemente forte para cegar os comunistas de todo o mundo. E eles puderam ver muito bem o golpe que sofreu o Partido, perdendo o controle do poder em San Marino — "a mais velha e a menor república da terra".

Hoje, o partido está tentando recompor as suas forças. E deixou a linha internacional pela linha nacionalista. Mas os Democratas-Cristãos estão fortíssimos, principalmente depois da rebelião na Hungria. Aliás, é importante dizer que a revolta húngara é que derrubou os comunistas em San Marino.

Na sua propaganda os comunistas dizem que "um país que pode lançar luas artificiais pode, sem dúvida, trazer grandes benefícios ao povo". Mas o povo, em San Marino, está muito satisfeito com uma lua só.

A maioria dos observadores políticos está de acordo: San Marino só tem importância como um possível voto nas Nações Unidas, para efeito estatístico e como propaganda. Por menor que seja o país (64 quilômetros quadrados e menos

de 15 mil habitantes), ele é "a mais antiga república do mundo (tem 1.600 anos) e — afinal de contas — é um país.

Em seguida à revolução húngara, os comunistas perderam o controle que há mais de dez anos vinham mantendo sobre o governo. O antiestalinismo já enfraquecera o Partido. A atitude russa de contra-rebelião da Hungria tirou a maioria aos comunistas no Grande Conselho Geral (Parlamento), o que — automaticamente — fazia cair o Gabinete, que devia ser entregue aos democrata-cristãos.

Mas os comunistas resolveram continuar. E os democratas resolveram tomar o governo. San Marino foi dividida, dois governos dizendo-se legais.

Os comunistas dissolveram o Conselho, convocaram o Exército (50 homens), armaram 120 camaradas da "Milícia do Povo" e anunciaram que continuariam o seu regime de 12 anos, até as novas eleições.

Frederico Bigi, mestre escola e chefe da DC, denunciou ao mundo a manobra e formou o seu Gabinete. Descendo das montanhas, instalou o governo numa fundição abandonada, onde não havia luz,

Gynegon



Instituto Biológico do Rio de Janeiro —
Caixa Postal. 1.202

XAMBU

DE BELEZA
E VIGOR AOS CABELOS
CONTRA A CASPA
E CABELOS BRANCOS
EXITO GARANTIDO



APRENDA A DANÇAR



Chá-chá-chá — Dois e Um —
Guaracha — Bolero — Marcha —
Rumba — Swing — Samba —
Tango — Mambo —
Baião — Choro — Valsa —
Fox — em apenas 10 dias,
pelo moderno método do
Prof. Gino Fornaciari, autor
do livro «Como Aprender a
Dançar», já em 8ª Edição,
melhorada, contendo 140 grá-
ficos, que permite a V. S.
aprender em seu domicílio,
sem professor. Faça seu pe-
dido, pelo Reembolso, à Cai-
xa Postal, 649 — São Paulo,
Cr\$ 110.00. — Encontra-se
também à venda em todas as
livrarias do Rio e de São
Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso espe-
cializado de Aulas Particu-
lares, diariamente, das 9 hs.
às 22 hs. à Avenida Liberdade,
120 — 2º andar — conj.
8 — São Paulo.

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou
sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1
e quando for, ao contrário, demasi-
adamente volumoso, use BÉL-HORMON
nº 2. BÉL-HORMON, à base de hor-
mônios, é um preparado modernís-
simo, eficiente, de aplicação local e
resultados imediatos. Adquirir-o nas
farmácias e drogarias ou pelo Correio.



**BÉL-
HORMON**

Sociedade Farmacêutica Quintino Pi-
nheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso
Postal um vidro de BÉL-HORMON nº

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço no varejo Cr\$ 100.00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135.50
Por Vale Postal Cr\$ 125.50

★ ACESSÓRIOS PARA AUTOMOVEIS ★
RADIOS-NOVIDADES
- IMPORTADORES -

Mil



ELETRICIDADE
FREIOS HIDR. CDS
LIMPADORES PARA-REIS.

Mil

RUA MEXICO 98A - FONES 521066 226144
AGENCIAM. E ENTREGAS POR REEMBOLSO A MILICIA DO CASTELO

água e telefone. Sob a luz de velas, proclamou-se o novo go-
vêrno, que providenciaria imediatas eleições.

Os países comunistas reconheceram o antigo govêrno como
legal. A Itália e os Estados Unidos reconheceram o novo go-
vêrno legal. Com dois governos, começou a guerra fria em
San Marino, a menor guerra fria (em tamanho) do mundo.

Comunistas ameaçavam democratas com armas que viriam
dos Estdos Unidos. Mas a verdade é que nenhum dos dois po-
dia cumprir a ameaça, porque para chegar a San Marino (pou-
co mais que uma cidade encravada na Itália) essas armas te-
riam que passar em território italiano. Roma não permitiria
isso, para evitar complicações.

Foram ouvidos tiros, durante a noite. Mas era apenas uma
“delimitação da terra de ninguém”.

Durante uma semana os boatos mais incríveis foram lança-
dos de parte a parte. A principal indústria do país paralisada,
porque os melhores desenhistas de selos estavam com os de-
mocratas e os melhores operários gravadores estavam com os
comunistas.

Resultado: um acôrdo. Os comunistas reconheceram o novo
govêrno e admitiram o voto feminino. Em troca, obtiveram
algumas posições e a promessa de que as eleições só serão
realizadas em 58. Além disso, o govêrno italiano foi chamado
a arbitrar a questão.

Os comunistas entraram rapidamente no acôrdo por dois
motivos: primeiro, porque a indústria (selos) estava parada,
causando gravíssimos prejuízos ao país. Segundo, porque os
comunistas italianos estavam “querendo mandar”, ditando re-
gras na questão. (E os comunistas italianos procediam assim,
porque, sendo o maior Partido fora da cortina de ferro, per-
dera, ultimamente, 200 mil adeptos. Os vermelhos não pode-
riam suportar a quebra de prestígio que sofreriam com a per-
da de San Marino).

Através dos séculos San Marino vem sendo feliz sem histó-
ria, sem sofrer com as guerras da Renascença, com as cam-
panhas napoleônicas, com as lutas de unificação na Itália ou
com as duas guerras mundiais. Mas não escapou à guerra fria.

Ao que parece, San Marino é agora uma república “inte-
grada no bloco ocidental”, segundo diz o embaixador W.D.
Fisher (cônsul em Florença e embaixador norte-americano em
San Marino). Os Estados Unidos decidiram que San Marino
é membro importante da Agência Internacional de Energia
Atômica e já comunicou isso ao govêrno democrata do país.

Mas, as pessoas mais preocupadas — no mundo inteiro —
com a sorte de San Marino eram os filatelistas, que olham
com um carinho muito especial para a pequena e velha re-
pública, líder nas emissões de selo.

REVOLUÇÃO INDICARÁ O NOVO REI DA MODA

DUAS SEMANAS antes de morrer, Christian Dior — universalmente reconhecido como o rei da Moda — deu uma entrevista (a última) ao correspondente de "Signorina" em Paris:

— Se o senhor, por qualquer motivo, abandonar a profissão, quem indicaria como o seu sucessor?

Dior respondeu:

— Agradeço a delicadeza da pergunta, mas não pretendo morrer tão cedo.

No entanto, poderia apontar quatro ou cinco nomes de pessoas que seriam capazes de se tornar ditadores da moda.

— E esses nomes?

— Todo o mundo conhece.

— São franceses?

— Todos, menos um, que é italiano.

— E homens?

— Todos, menos um.

— Como se decidirá a liderança?

— Isso é o mais certo: rei será quem fizer a maior revolução, sem se preocupar com as mulheres. E' preciso saber que elas não usam o que gostam; elas gostam do que usam.

O novo revolucionário talvez fique rei fazendo as saias voltar aos joelhos, numa contra-revolução. O "new-look" foi que fez de Christian Dior o Rei da Moda.

NORMALISTAS NÃO

SABEM SE O DECOTE

E' VANTAJOSO

A HISTÓRIA COMEÇOU com a sugestão do vereador Domingos D'Angelo ao prefeito: as normalistas deviam usar trajes mais leves, principalmente nos dias quentes de verão. Um uniforme com blusa de mangas curtas e discretamente decotado.

(foto apia)



DIOR

Para ser rei é preciso ter majestade

A sugestão do vereador foi recebida com agrado (por umas) e desconfiança (por outras). Algumas normalistas afirmaram que o traje atual é muito bonito, o mais bonito de todos os colégios do Rio e não devia ser substituído.

O dr. Mário de Brito, diretor do Instituto de Educação, embora declarando-se contrário à mudança entregou o caso ao Conselho de Alunas do educandário.

Agora já as autoridades da Secretaria de Saúde julgam absolutamente necessária a mudança do uniforme, como medida de higiene. Mas o Conselho de Alunas (que representa o pensamento das normalistas) não quer se pronunciar sobre o novo traje vendo-o apenas em desenho. Esperam que confeccionem a blusa decotada e de mangas curtas para ver como é que fica. O traje atual — admite o Conselho de Alunas — passaria, com a adoção de novo uniforme para uso diário, a ser traje de gala, para as solenidades.

Numa apuração superficial constatamos que, entre três normalistas, duas são contra o novo uniforme. A maioria ainda prefere o azul e branco.

O PAPA E A MODA

O PAPA PIO XII exortou esta semana os católicos de todo o mundo a procurarem conquistar o apoio de "pelo menos algumas" personalidades da cinematografia numa campanha contra os vestidos imodestos e exclusivamente luxuosos.

Em mensagem aos dirigentes da União Latina de Alta Costura, o Papa Pio XII declarou que o campo das modas é um daqueles em que a opinião pública necessita de mais orientação.

Em vista da influência das personalidades do teatro e da cinematografia na opinião pública — observou — é importante "conseguir pelo menos o apoio de algumas delas para essa boa causa".

"Quanto às modas, mais que em qualquer outra atividade, o povo deseja ter uma orientação" — afirmou. E acrescentou: "O povo não precisa de espírito crítico quanto à estética ou ao que é próprio; mas às vezes é demasiado dócil, às vezes demasiado preguiçoso para fazer uso dessa faculdade, e aceita, em princípio, o que lhe seja oferecido, só para compreender mais tarde a mediocridade ou a falta de propriedade de determinados modelos".

"LES GIRLS"

COMÉDIA MUSICAL em CinemaScope e Metrocolor. Com Gene Kelly, Mitzi Gaynor, Kay Kendall e Taina Elg. Direção: George Cuckor. Screenplay: John Patrick. História original: Vera Caspary. Produção: Sol C. Siegel (M-G-M).

Parece impossível superar a Metro no setor musical. Na atual temporada americana a companhia lançou "Meias de Seda", baseado no sucesso musical que a Broadway extraiu de "Ninotchka". A Warner retrucou com "The Pajama Game" (literalmente: "O Jogo do Pijama"), outro sucesso garantido pelos aplausos da Broadway — aliás, co-dirigido por Stanley Donen, que, na Metro, fez "Sete Noivas para Sete Irmãos" e ajudou Gene Kelly a fazer nosso musical favorito, "Cantando na Chuva". Agora a marca do Leão voltou com um candidato sério a "melhor do ano" no gênero: "Les Girls".

O musical que obteve recomendação incondicional dos críticos mais severos e delícia há um mês e meio o público novaiorquino foi concebido e realizado nos domínios da Metro, sem qualquer empréstimo teatral. Tem enredo interessante, sugerido a Vera Caspary por um artigo de reminiscências de uma "showgirl", e cenarizado por John Patrick, autor de "A Casa de Chá do Luar de Agosto". George Cuckor ("Nascida Ontem") é um dos melhores diretores de comédia de Hollywood.

O filme se passa em Paris, Londres e Granada (Espanha). Em Londres, Lady Kay Kendall, esposa de Lord Leslie Phillips, publica um livro sobre seus tempos de "showgirl". Taina Elg, casada com um industrial francês (Jacques Bergerac), entra com uma ação no tribunal inglês, dizendo-se caluniada. Prestam testemunho os outros componentes do antigo grupo de "music hall" "Barry Nichols and Les Girls", o produtor Gene Kelly e a dançarina Mitzi Gaynor, então marido e mulher. Kay sustenta no tribunal suas memórias apimentadas e pouco lisonjeiras para as ex-colegas. Taina reage com uma versão inteiramente diversa dos fatos — e pouco agradável para as outras. Mitzi, que decepcionou Kay e Taina ao agarrar o seu homem, aumenta a confusão. Após as "amabilidades" mútuas das ex-"amigas inseparáveis", Gene Kelly restabelece a verdade. Ficamos sabendo que, inclusive, nem Kay nem Taina tentaram suicidar-se. Tudo foi culpa de um escapamento de gás.

Em retrospecto, o público vê as cenas como são descritas nos diversos depoimentos, ao sabor dos pontos de vista e vaidades das mulheres. É a técnica de "Rashomon" e "A Mulher Falada" ("The Woman in Question") funcionando pela primeira vez no musical.

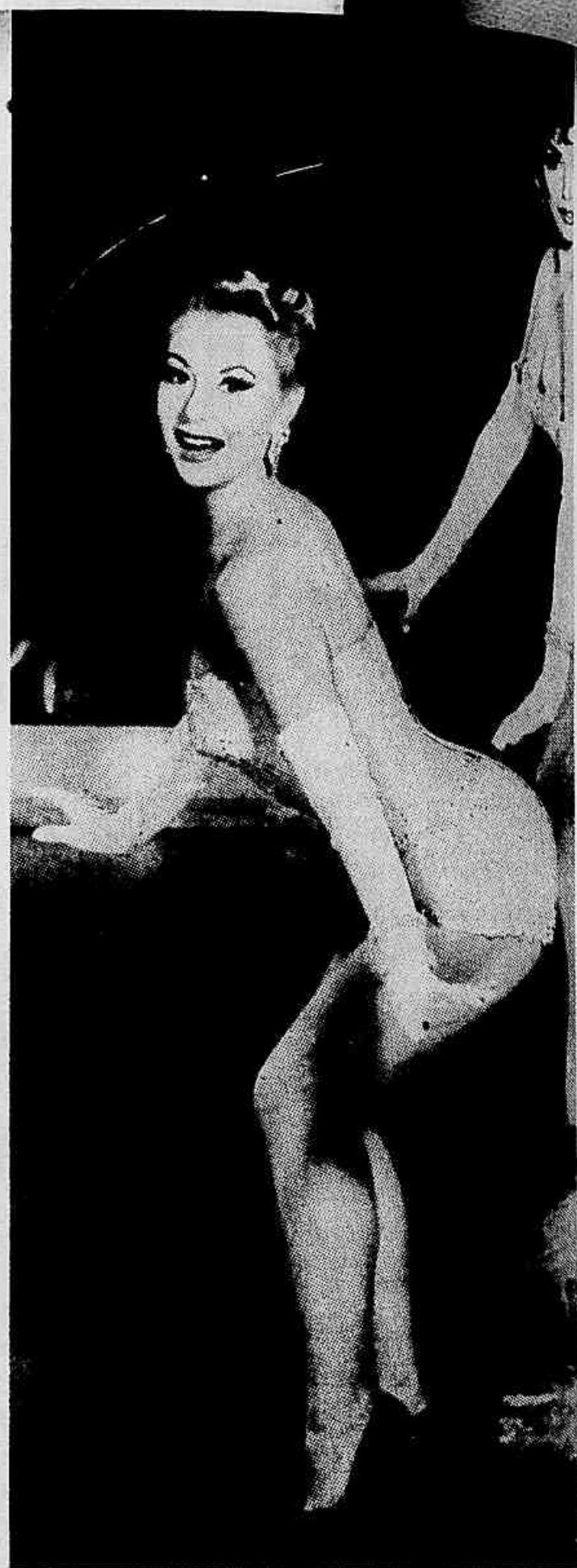
"Time" considera "Les Girls" o melhor musical desde "Sinfonia de Paris" ("An American in Paris") e "Sete Noivas para Sete Irmãos", mas considera de segunda classe as canções de Cole Porter. "Variety" e Justin Gilbert ("New York Mirror") acompanham com moderação ao "Time", achando que essa restrição empalidece ante o brilho dos intérpretes, da realização e da coreografia de Jack Cole, um dos melhores de Hollywood. O exigente Bosley Crowther ("N.Y. Times") foi fértil em elogios, inclusive à música "excelente" de Porter. A grande surpresa e prazer do filme é, na opinião de quase todos, a inglesa Kay Kendall ("Genevieve; Simão e Laura"), "provavelmente a mais bela e perfeita comediente que os ingleses produziram desde a falecida Gertrude Lawrence" ("Time"), e que, "muito possivelmente será aclamada como a descoberta sensacional do ano" (Kate Cameron no "Daily News"). Rose Pelswick ("N.Y. Journal-American") acha que "todas as honras devem ir para Miss Kendall", que "praticamente foge com o filme" ("Mirror"). Adjetivos generosos também couberam a Gene Kelly, Mitzi Gaynor, Taina Elg (bailarina finlandesa a quem a Metro vinha devendo a "grande chance"), aos sofisticados e excitantes costumes de Orry-Kelly e à audácia dos cenários (diretores de arte: William A. Horning e Gene Allen). Tudo indica que, superando "Meias de Seda" e o elogiadíssimo "The Pajama Game" (como garante Alton Cook: "N.Y. World-Telegram"), a Metro já encerrou vitoriosa a disputa musical do ano (Archer Winstein: "N.Y. Post"). Mas o público brasileiro só poderá opinar em 1958.

A moça da capa é Mitzi Gaynor, como aparece em "Les Girls".

"RIO, ZONA NORTE"

DRAMA COM MÚSICAS, em preto-e-branco. Com Grande Otelo, Jecê Valadão, Paulo Goulart, Maria Pétar, Malu e, em participação especial, Ângela Maria. Direção, "script" e produção de Nelson Pereira dos Santos.

São péssimas as referências de "Rio, Zona Norte" colhidas entre pessoas presentes a uma sessão especial. Até um crítico adepto de "Rio, 40 Graus" disse-nos que o filme é muito fraco e inferior ao primeiro. Nelson Pereira dos Santos — que, enquanto preparava o lançamento carioca de "Zona Norte", via chegar ao final a filmagem de "O Grande Momento", produção sua dirigida por Roberto Santos, em São Paulo — não pode ser muito otimista quanto à bilheteria de seu segundo filme. Há, é verdade, o nome e o



Os brasileiros só poderão ver Mitzi Gaynor assim em 1958

talento de Grande Otelo, que dizem ser o único "sobrevivente" da aventura, e uma aparição de Ângela Maria. Mas, se apesar dos excelentes "vendedores de amendoim" e do samba legítimo de Zé Kéti, "40 Graus" decepcionou o público, sua nova aventura "neo-realista", em exibição no Rio, que estréia sem ruído, sem a magnífica propaganda de uma proibição policial, decepcionará mais.

"Rio, Zona Norte" "baseia-se no problema do compositor popular que, não sabendo escrever música e não conseguindo chegar aos cantores famosos, cai nas mãos de parceiros desonestos, que utilizam sua inspiração em proveito próprio". Segue a linha do primeiro filme: poucos atores profissionais, muitas filmagens em cenários reais, demagogia incômoda sobre a condição dos pobres. Pereira dos Santos, como autor, só pode ser levado a sério pela imprensa do Partido Comunista. Como diretor, é bisonho e tateante. Como produtor é esperto. Se continuar dispondo de Otelo e "Sapotí", talvez encontre recursos para fazer até o projetado "Rio, Zona Sul". O melhor título para seus filmes, porém, seria "Rio, Linha Auxiliar". Porque seus espasmos de recalques sociais só guardam uma semelhança epidérmica com o autêntico cinema popular dos neo-realistas italianos.

O INCRÍVEL HOMEM QUE ENCOLHEU

"O INCRÍVEL HOMEM QUE ENCOLHEU" tinha seis pés e duas polegadas de altura. Quando acabou de encolher, ou melhor, quando a câmara o abandonou à misericórdia divina, evitando presenciar um "final infeliz", estava com menos de uma polegada. Ao novelista e autor do "script", Richard Matheson, não foi difícil encontrar uma razão "científica": contato com uma nuvem radioativa e, em seguida, com um inseticida mortal. Mas, quando a vítima (Grant Williams) começou a notar que estava sobrando dentro das roupas, tiveram início as dificuldades. Não bastava a intervenção da alfaiataria. Era preciso mostrar o herói cada vez menor em relação às outras pessoas, móveis, cenários e, finalmente até ao gato da casa e a uma aranha.

A Universal-International separou 80 mil dólares exclusivamente para "efeitos especiais". Um dos problemas: com menos de quatro polegadas, Carey é perseguido pelo gato, que já lhe parece um monstro. Impossível recorrer a um gatomitê, porque o bichano é inimitável. Recorreu-se, então, a "dupla exposição" ou "sobre-impressão". A imagem do homem em reproduções enormes dos cenários normais foi superposta à imagem do gato em perseguição a qualquer coisa — provavelmente a um rato extra-elenco.

Utilizou-se também a "tela dividida": a metade esquerda da primeira imagem (por exemplo) justaposta, em laboratório, à metade direita da segunda.

Cada "encolhimento" do personagem exigiu novos cenários e objetos. Por exemplo: uma porta normal teve que ser substituída por uma duas vezes maior que o protagonista, em seguida por outra 10 vezes maior, etc. Na foto acima, Grant Williams demonstra como cresceu a poltrona da sala de estar em "O Incrível Homem que Encolheu".

SELEÇÃO

Entre os filmes recentemente lançados no Rio, destacamos:

EM BUSCA DE OURO (The Gold Rush) — Reapresentação. Um dos melhores filmes de Chaplin, ainda novo após 32 anos. Com Carlitos, Georgia Hale, Mack Swain. Versão sonorizada, música e narração na voz de Chaplin.

SUBLIME TENTAÇÃO (The Friendly Persuasion) — Comédia de costumes que às vezes se faz drama. William Wyler já foi melhor, mas continua um excelente narrador. Com Dorothy McGuire, Gary Cooper, Anthony Perkins. "De Luxe Color".

VENCENDO O MEDO (Fear Strikes Out) — Colapso mental e recuperação do ídolo do "baseball" Jim Piersall. Com

Anthony Perkins, Karl Malden, Norma Moore. Direção de Robert Mulligan.

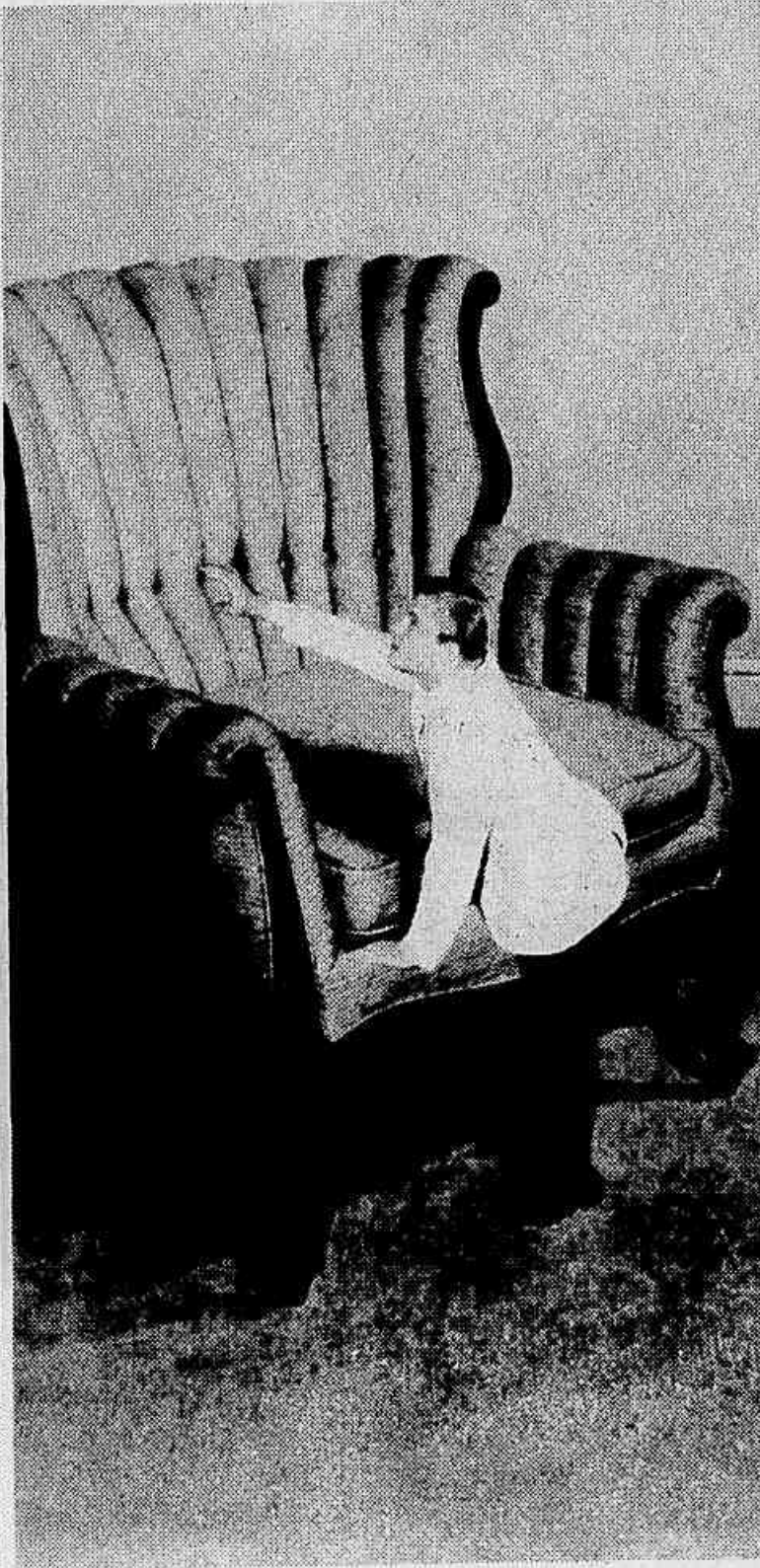
MARCA DO PELA SARJETA (Somebody Up There Likes Me) — Inaceitável como biografia de Rocky Graziano, o campeão mundial de peso médio, mas excelente espetáculo. Com Paul Newman, Pier Angeli, Eileen Heckart, Everett Sloane, Sal Mineo. Direção de Robert Wise.

MEIAS DE SEDA (Silk Stockings) — Versão da peça musical extraída de "Ninotchka". Desbotado o ângulo satírico, mas excelente o musical. Com Fred Astaire, Cyd Charisse, Janis Paige, Peter Lorre. Direção de Rouben Mamoulian. "Cinemascope" & "Metrocolor".

MARCELINO PAO E VINHO (Marcelino Pan y Vino) — Cristo desce da cruz para atenuar a solidão de Pablito Calvo, Ladislao Vadja demonstra que o cinema espanhol existe.

AS FAÇANHAS DO CABO ASCH (08/15) — Comédia às vezes dramática. Revolta contra a tirania dos sargentos, num quartel alemão do pré-guerra. Com Joachim Fuscberger, Helen Vita. Direção de Paul May.

NO LABIRINTO DO VÍCIO (The Young Stranger) — Modesto e penetrante ensaio sobre o problema da chamada "juventude transviada". Com James Mac Arthur, Kim Hunter, James Daly. Direção de John Frankenheimer.

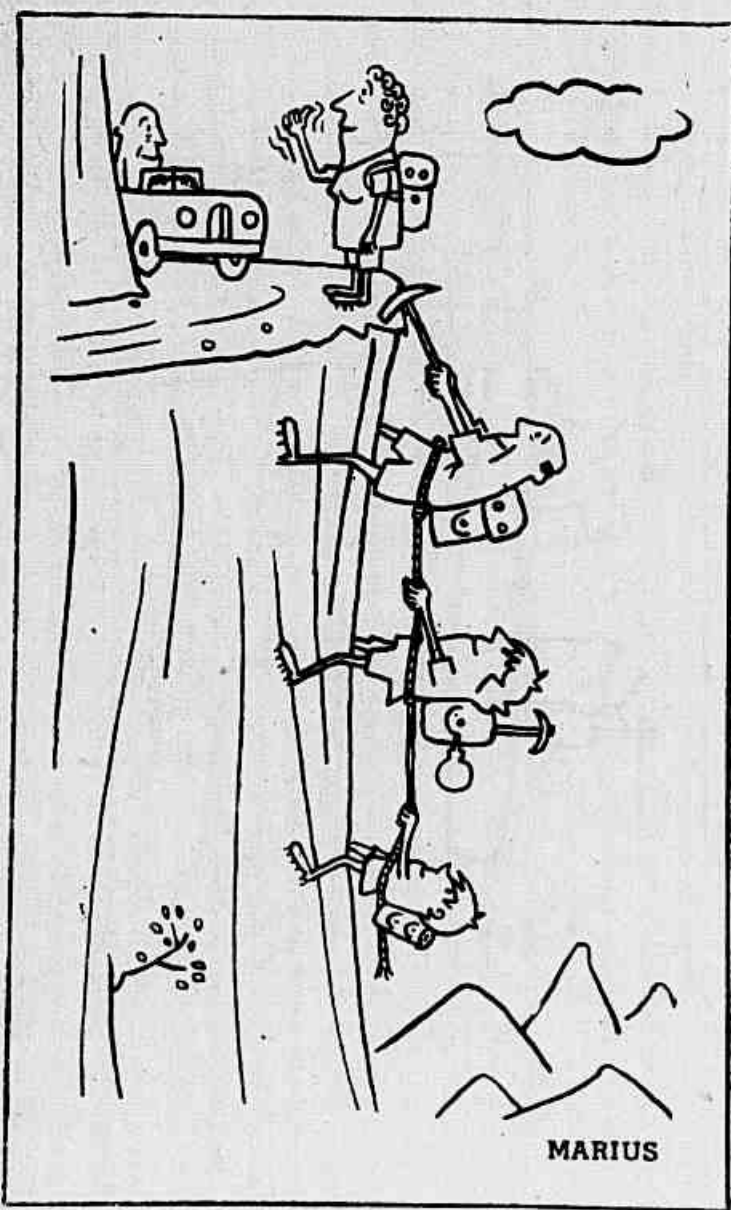


Para fazer Grant Williams encolher, a Universal-International gastou 80 mil dólares. A cadeira cresceu assim

«DIOGUINHO»

MELODRAMA DE AVENTURAS, baseado na história do bandoleiro paulista. Em Eastmancolor. Com Hélio Souto, John Herbert, Norma Monteiro. Diretor: Carlos Coimbra. Roteiro técnico: Coimbra e Konstantin Tkaczenko. Argumento: Coimbra, Michel Lebedka e Tkaczenko, baseado em capítulos da biografia escrita por João Amoroso Neto. Produtor: Lebedka (Sino Filmes, S. Paulo).

A vida de Diogo Pereira da Rocha, o «Dioguinho», um dos bandoleiros que fizeram carreira no interior paulista, em fins do século passado, serviu de base a esse filme de Carlos Coimbra, diretor de um dramalhão ridículo, «Armas da Vingança». No movimento de «western» nacional que «O Cangaceiro» consagrou nas bilheterias, parece ter algum interesse. Benedito J. Duarte («Fôlha da Noite»), um dos dois ou três críticos paulistas não comprometidos direta ou indiretamente na «brincadeira de cinema», com dinheiro do contribuinte, decepçionou-se com o aspecto biográfico, mas viu qualidades na realização. Diz: «De fato, se a fita é perfeitamente assistível (para mim foi mesmo uma surpresa sua qualidade cinematográfica) seu maior defeito foi ater-se a um resumo muito superficial da vida de «Dioguinho», desperdiçando um livro de grande interesse», por «João Amoroso Neto esgotou o assunto, num verdadeiro inquérito policial retrospectivo». «Muito bem caracterizado, a atuar com descrição, sem qualquer dos exageros a que tanto se prestava o papel, Hélio Souto foi um ator consciente, a viver Dioguinho com a maior sinceridade». Duarte também considera «sinceras» as atuações de John Herbert e Norma Monteiro, «muito fracas» as outras, com exceção da «ponta» de José Policena. Fotografia em «Eastmancolor» (Tkaczenko) «razoável», «muito boa» para nossa condição de principiantes nesse domínio.



MARIUS

EM VENEZA A BIENAL DE S. PAULO SERIA A MAIOR DO MUNDO

EM 100 ARTISTAS plásticos brasileiros (ou radicados no Brasil) 82 acham que «um discurso inaugural do presidente da República e sua visita de 30 minutos à Bienal não bastam para dar provas de que o governo se interessa pela maior exposição do mundo».

Ao contrário do que disse o sr. Juscelino Kubitschek, são provas de desinteresse. Não é por outro motivo que a Bienal de Veneza, muito menor, recebe muitas vezes mais visitantes, tem muito maior projeção internacional e canaliza para a Itália benefícios incomparavelmente maiores que a de São Paulo canaliza para o Brasil.

A IV BIENAL de São Paulo apresenta 5.500 obras de arte, principalmente escultura, pintura, gravura e desenho. Estão representados 43 países (na última Bienal de Veneza (1956) apenas 34 países fizeram-se representar). Outras vantagens da exposição paulista (que ocupa uma extensão de 12 quilômetros no Ibirapuera) sobre a italiana: a Bienal de Artes Plásticas do Teatro, com a participação de 20 países, e a retrospectiva de 4 mil anos da arte do vidro — dos egípcios até nossos dias.

Ainda em São Paulo: a Bienal de Arquitetura (com exposição internacional) e um concurso internacional de escolas de Arquitetura.

100 MIL PESSOAS visitaram a I Bienal de São Paulo, em 1951. A II (1953) recebeu 200 mil visitantes: foi a exposição do IV Centenário. A III, menos 30 mil que a II. Espera-se que 300 mil pessoas visitem a IV Bienal.

Este é o número de pessoas que visitam a Bienal de Veneza em apenas uma semana.

EM CADA 100 artistas plásticos brasileiros (ou radicados no Brasil) 98 acham que «a representação nacional foi pequena, fraca e inexpressiva».

Todos são unânimes: os brasileiros estão em casa, não têm despesas com o transporte de suas obras, não se justificando a ausência de alguns ou a pequena participação de outros. Enquanto escultores brasileiros deixavam de comparecer, escultores esquimais mandavam do Pólo Norte suas obras ao Ibirapuera.

MUITOS CRÍTICOS consideram mau o sistema de seleção das obras para a Bienal de São Paulo, que é feito por um júri. Nos outros países a escolha é feita por comissários: um (único) comissário escolhe e em torno dele não

é tão fácil «fazer política» ou conseguir que outros critérios, sem nada a ver com a arte, influam na seleção. Em nenhum dos 42 países estrangeiros que mandaram obras à exposição houve incidentes na escolha. No 43º país — o Brasil — o júri decidiu entre choques, discussões violentas e cartas de demissão.

OUTRA OBJEÇÃO de críticos e artistas: uma ou duas obras de um artista não bastam para um julgamento definitivo de suas qualidades. Os principais países (do ponto de vista do desenvolvimento artístico) enviaram suas representações 50% baseadas na obra de um só artista e os restantes 50% divididos entre os demais. Assim se destacaram grandes nomes (Ben Nicholson, Oteiza, Morandi, Jackson Pollock) capazes de representar a arte de seus países. O Brasil preferiu critério diferente: um pouco de cada um.

HOVE PROTESTOS contra a decisão do Júri de Premiação da IV Bienal. Alguns acharam-na injusta, outros «nem sempre justa». O Júri devia escolher entre dois critérios: a) — o consagratório, que o levaria a premiar nomes consagrados internacionalmente; b) — o de premiar outros valores, embora pouco conhecidos. Escolheu o segundo critério, não seria justo consagrar mais uma vez Picasso (Picasso não estava no Ibirapuera) e esquecer Morandi.

BALANÇO (QUASE UNÂNIME) das quatro Bienais de São Paulo, segundo a maioria dos críticos e artistas plásticos: «o Brasil não está concedendo à maior exposição do mundo a importância que ela tem, principalmente como instrumento de educação artística do povo, permitindo a este tomada de consciência, rápida e profunda, do universo plástico do século. Falta que o governo faça o necessário para aproximar o povo da Bienal, fazendo com que ele retire dela os benefícios culturais que justifiquem sua realização. A Bienal não é feita para iniciados, não pode ser um congresso exclusivo de artistas ou críticos de arte. Se o for — como ainda vem sendo — não cumprirá sua missão cultural».

SE VOCÊ FOR à Bienal (até 31 de dezembro) e não dispuser de muito tempo, procure ver, de preferência, as grandes representações: Estados Unidos, Inglaterra, França, Itália (pintura), Espanha (Oteiza, escultura) e Brasil.

PRESTES DERRUBOU NEREU

EXTRA

A DESCOBERTA de documento assinado pelo sr. Juscelino Kubitschek quando candidato à Presidência da República, prometendo apoiar a volta do Partido Comunista à legalidade, foi o verdadeiro motivo do inesperado pedido de demissão do sr. Nereu Ramos, do Ministério da Justiça.

Dias antes, o sr. Nereu Ramos dera instruções à Polícia para se mobilizar inteiramente e prender o sr. Luís Carlos Prestes, a qualquer custo, em face de informações segundo as quais o líder comunista estava no Rio (mais exatamente, num apartamento na avenida Atlântica). O coronel Danilo Lima, Delegado de Ordem Política e Social, confirmava essas informações.

Em meio às diligências o sr. Nereu Ramos foi informado de que "não devia levar tão a peito a prisão de Prestes". Não demorou e o ministro da Justiça descobriu que estava envolvido, sem saber, numa farça: a anunciada presença de Prestes no Rio era um balão de ensaio com dois objetivos imediatos:

- 1) Sondar a opinião pública a respeito da volta de Prestes à legalidade.
- 2) Conseguir que a Justiça anulasse a ordem de prisão contra o presidente do PC, permitindo que ele respondesse (sôto) ao processo.

Mais grave ainda, era o segundo estágio. Conseguida a anulação da ordem de prisão, o sr. Luís Carlos Prestes voltaria a circular, podendo promover com muito maior facilidade a volta do Partido à legalidade.

O compromisso do sr. Juscelino Kubitschek com o Partido Comunista tornava muito provável o sucesso da manobra.

Descontente com a sua posição de ministro enganado, o sr. Nereu Ramos escreveu uma carta pedindo demissão. Nessa carta ele revela ao presidente da República que não pode continuar a fazer parte do Governo, explicando o porquê. Por isso mesmo o sr. Juscelino Kubitschek não pôde dar a público a carta e aceitou, imediatamente, a demissão, não apontando qualquer motivo para ela.

Dias antes, depois de nove anos de completo afastamento, o sr. Luís Carlos Prestes reassumiu a direção do PCB.

REVIRAVOLTA NO PARTIDO COMUNISTA

O QUE HÁ de verdadeiro sobre o sr. Luís Carlos Prestes:

Reassumiu a direção do PCB, após 9 anos de completo afastamento, durante



NEREU — Algo de podre no reino da Dinamarca

os quais nem mesmo compareceu ao Congresso do partido (1954) e às mais importantes reuniões do Comitê Central.

Em agosto, aliado aos "realistas" do CC, derrubou quase todo o "Presidium" do Comitê, afastando o poderoso grupo formado pelos srs. Diógenes Arruda, João Amazonas e Maurício Grabois.

Na mesma reunião apresentou um relatório reconhecendo que havia "profunda contradição entre o partido e sua atual direção". No relatório pediu o afastamento de todos os dirigentes mais comprometidos com o stalinismo, o que considerava indispensável "ao restabelecimento da confiança dos militantes".

Por proposta sua, o Comitê Central adotou algumas teses antes defendidas pelo sr. Agildo Barata (contra cuja expulsão formal ele votou) e consideradas

"revisionistas" pelos dirigentes do "Presidium".

Em recente artigo (7 de novembro) adotou praticamente todas as teses políticas levantadas antes pelo sr. Agildo Barata e seu grupo, além de algumas teses sobre "democratização do partido". Só não adotou as que pediam a independência do PCB ante o partido soviético.

Comanda o trabalho para recuperar as centenas de militantes que se afastaram do partido: está obtendo êxito nesse esforço, do qual vem participando pessoalmente.

Não esteve no Rio Grande do Sul, nem em São Paulo, nem em Copacabana. Mas tem mantido estreito contato com dezenas de dirigentes e militantes do partido (que jamais imaginaram poder encontrá-lo com tanta facilidade).

POLÍTICA

CÍRCULOS UDENISTAS consideram que a candidatura do sr. Aliomar Baleeiro ou do sr. Afonso Arinos pode vencer as eleições de senador pelo Distrito Federal. Ambos têm eleições difíceis nos Estados da Bahia e de Minas. O sr. Carlos Lacerda pretende voltar à Câmara, não disputando o Senado. É provável também que o sr. Rafael Correia de Oliveira, prejudicado eleitoralmente na Paraíba, venha a compor a chapa de deputados udenistas no Distrito Federal, da qual participará também o sr. Hamilton Nogueira, ex-senador, que volta à militância política.

ESTA PRATICAMENTE assentada a aliança da UDN e do PL, na Paraíba, em torno do sr. José Américo, para senador, e João Agripino, para governador.

SE ATÉ O IMPOSSÍVEL acontece em política, tudo indica que o sr. Nereu Ramos e a UDN de Santa Catarina, tradicionais adversários, vão se unir no próximo pleito, para eleger senador e governador, derrotando o sr. Leoberto Leal, ex-pupilo político do sr. Nereu Ramos, e um dos líderes da "Ala Moça" do PSD, prestigiada pelo sr. Juscelino Kubitschek.

NA ASSOCIAÇÃO Comercial, o general Lott declarou que não era candidato à Presidência da República (eleição em 1960) porque o seu interesse era restrito à área militar. Mas, logo declarou que é favorável à aprovação, pelo Congresso, da aposentadoria de trabalhadores aos 55 anos de serviço e à reclassificação do funcionalismo civil.

No Rio Grande do Sul, em discurso, justificou as greves operárias, inclusive a última de São Paulo, em virtude "do encarecimento do custo de vida", sistematicamente negado pelo presidente Juscelino Kubitschek.

CÍRCULOS GOVERNAMENTAIS explicam da seguinte maneira o convite da Associação Comercial aos generais Lott e Denys: o sr. Rui Gomes de Almeida vem tentando pressionar o governo Juscelino para atender reivindicações da Associação Comercial no tocante à política econômica e aos interesses da classe que representa. Últimamente, fez grande pressão para o Governo determinar a intervenção no SESC no Distrito Federal, nomeando interventor o sr. Arymar Carneiro. Não conseguiu. Está mantida a eleição do sr. Milton Freitas de Souza, homologada pela Confederação Nacional do Comércio. O sr. Rui Gomes de Almeida teria, então dado uma guinada no sentido de obter o patrocínio do ministro da guerra para a orientação que pretende imprimir ao Governo naqueles setores.

O SR. BABY Bocayuva, superintendente da "Última Hora" será candidato a deputado federal pelo PTB do Estado do Rio.

O SENADOR VITORINO FREIRE escreveu uma carta de rompimento ao embaixador Álvaro Lins, em face da pressão que o representante brasileiro em Portugal está fazendo junto ao governo para demitir um sobrinho do senador que chefia o escritório comercial em Lisboa.

Nesta carta afirma o senador Vitorino que se o sr. Lins continuar a perseguir o seu parente constituirá uma Comissão de Inquérito no Senado para apurar escândalos na embaixada, para o que anunciou já contar com apoio de 25 senadores.

Há outras afirmações veementes na carta que foi enviada, também, em fotocópia, a todas as embaixadas do Brasil, no estrangeiro.

O SR. TANCREDO NEVES, que disputa com o sr. Alkmim a indicação para candidato ao governo de Minas, e atualmente diretor do Banco do Brasil, telefonou ao sr. Valentim Bouças para felicitá-lo pela entrevista ao "Correio da Manhã", na qual anunciou, dramático: "Estamos à porta do 4º funding".

O EMBAIXADOR ALVARO LINS, membro da Academia Brasileira de Letras, enviou ao sr. Juscelino Kubitschek a cédula assinada em branco para a escolha do sucessor de José Lins do Rêgo na Academia. Caberá ao presidente da República completar a cédula com o candidato de sua escolha pessoal: Guimarães Rosa, Afonso Arinos ou Paulo Pinheiro Chagas.

NA ÚLTIMA REUNIÃO da bancada do PSD, o sr. Ademar de Barros fez um exame da situação brasileira para assinalar a sua gravidade, manifestando, inclusive, receios quanto à estabilidade do regime. Os deputados e senadores presentes interpretaram a palavra do chefe como uma insinuação para que o PSP largue o barco governamental quanto antes. Mas, o senador Kerginaldo Cavalcanti liderou a resistência a qualquer pretensão nesse sentido.

CIÊNCIA

TRES DIAS APÓS a morte da cadellinha, o "Pravda" publicou (pela primeira vez) informações precisas sobre as condições de sua viagem:

1 — A cabine onde ela foi encerrada tem forma cilíndrica. A cabine e o compartimento esférico onde está colocada são revestidos de uma liga especial de alumínio, que foi polida e submetida a um tratamento secreto para garantir coeficientes determinados de radiação e absorção dos raios solares.

2 — A cabine continha, ainda, a alimentação da cadellinha, e aparelhos de condicionamento de ar, constituídos por um sistema de regeneração e de regulação térmica.

3 — Por fim havia na cabine instrumentos para registro das pulsações da cadela, de sua respiração e pressão sanguínea, pelo eletrocardiograma, e outros

aparelhos que medem as condições gerais no interior da cabine, principalmente a temperatura e a pressão.

4 — "As informações recebidas do satélite mostram que o estado do animal permaneceu satisfatório enquanto durou a experiência". "O animal suportou muito bem a influência prolongada das acelerações no momento da passagem do "Sputnik" sobre sua órbita e durante o estado de não gravidade".

O CIENTISTA PAULO BUENO, chefe da seção de Anatomia Patológica do Instituto Biológico de São Paulo, comunicou ao Instituto Nacional do Câncer e à Sociedade Brasileira de Cancerologia ter provado que o câncer é provocado por vírus filtrável e que pode ser dizimado por uma vacina fabricada com embrião de galinha.

CIENTISTAS russos, visitando Paris, afirmaram aos seus colegas franceses: *várias pessoas serão selecionadas brevemente, entre inúmeros voluntários, para serem treinados como pilotos para a viagem à lua.*

ENTRAVE AO PLANO de cooperação entre os Aliados, visando a desenvolver mais rapidamente as pesquisas atômicas e os foguetes: *Washington tem medo de que os aliados de hoje sejam adversários, ou pelo menos não sejam "tão aliados", amanhã.*

A LUA ARTIFICIAL N.º 1 está diminuindo de velocidade dois segundos por dia. *Ela deve incendiar-se, ao atingir a atmosfera, em janeiro. O foguete terá o mesmo fim em dezembro.*

AS FORMIGAS DE FOGO, que já atacaram 20 milhões de acres de terras muito boas, no Sul dos Estados Unidos — e que são famosas por comerem gente — *estão ameaçando a quinta parte do país. Ainda não se sabe como combatê-las.*

MAIS DE 20 PESSOAS escreveram para o Naval Research Laboratory (nos Estados Unidos) desde o lançamento do segundo satélite artificial russo. *Motivo: apresentaram-se voluntariamente como cobaias para subir no satélite americano. Resposta: Obrigado; mas não, obrigado.*

UM BIOLOGISTA DA UNIVERSIDADE de Iowa descobriu que o embrião macho ou fêmea, quando descoberto até a terceira semana de desenvolvimento, *pode mudar de sexo durante as primeiras semanas de gravidez.*

INTERNACIONAIS

NUMA ENTREVISTA aos jornalistas americanos em Moscou o sr. Nikita Khrushchev, secretário-geral do P.C. russo revelou que o marechal Jukov, demitido do cargo de ministro da Defesa após o lançamento do Sputnik II está de licença "provavelmente caçando".

UM REPÓRTER AMERICANO que entrevistava o líder comunista russo insinuou que a União Soviética não possuía foguetes intercontinentais. Respondeu o sr. Kruchev: "Nós os possuímos e falamos deles menos do que vocês, que não os têm".

Outra de Kruchev: perguntado se gostaria de ir à lua, sorriu e respondeu para o jornalista: *Por enquanto não posso viajar, estou demasiadamente ocupado.* Mas, felizmente, não teria de pedir para isto permissão ao sr. Foster Dulles.

EM PRIMEIRA MÃO — Na Itália saiu, recentemente, um livro sobre as atividades petrolíferas de Henry Holland, relatando não somente suas andanças na América do Sul, mas também no Levante. O primeiro exemplar do livro, no Rio, está sendo esperado pelo senador Lourival Fontes.

O GENERAL MAXWELL D. TAYLOR CRITICA OS GENERAIS QUE ACREDITAM NO NIK-ZEUS (foguetes ainda não desenvolvido), como defesa 100 por cento perfeita para o foguete intercontinental russo. Ele é da opinião de que não há — por enquanto — defesa 100 por cento contra aquele tipo de balístico.

ALEXEI ZHELTOV, coronel-general, chefe do departamento político do Exército Vermelho, é o homem mais indicado, no momento, para substituir o expurgado Zhukov.

A COMEDIE FRANÇAISE ESTA' EM GREVE. Quer salários mais altos. E' a primeira vez que isto acontece, desde a fundação.

NIKITA KRUSHEV RESOLVEU SER ELEGANTE. Seu alfaiate é o Angelo Lericci, de Roma, considerado o alfaiate "mais caro do mundo".

CHATEAUBRIAND EM LONDRES: "Estarei voando constantemente entre o

Rio e Londres, nos próximos dois anos. Por isso trouxe logo as passagens". O sr. Assis Chateaubriand desembarcou com 32 passagens de avião, ida-e-volta, no bolso. Utilizando-as a intervalos regulares, de 23 em 23 dias ele estará no Rio.

A ALFANDEGA BRITANICA ESTA' EXIGINDO 260 LIBRAS PELO BARRIL de 525 litros de vinho do Porto que o Príncipe Phillip trouxe de Portugal. A Rainha foi dispensada de pagamento idêntico, mas o Príncipe não. Phillip diz que não tem dinheiro para pagar e que vai levar o barril a leilão.

O PRESIDENTE Antonin Zapotocky, da Tchecoslováquia, morto aos 73 anos (na semana passada), foi operário da indústria e líder sindical muito jovem. Mais tarde, se fez escritor, inclusive de um romance considerado bom mas que não gozava de aceitação entre os dirigentes do Partido. Os personagens do romance são revolucionários, mas a história é — particularmente — uma história de amor.

CINEMA

O ESCRITOR Otávio de Faria, que voltou há pouco da Europa, não se entusiasmou com o filme de Charles Chaplin, "Um Rei em Nova York". Cinéfilo veterano, figurando entre os que fazem graves restrições à obra falada de Chaplin, Faria compara o "Rei" a "Tempos Modernos", cujas qualidades seriam de "seqüências isoladas". Em Paris, viu inúmeros filmes japoneses e gostou de todos.

UM CINEMA INDEPENDENTE do Rio estuda com críticos a possibilidade de adotar uma política de "art theatre", isto é, especializar-se em filmes "não comerciais" não americanos ou em produções de Hollywood desprezadas pelas grandes companhias. Inspiração: o sucesso de "Milagre em Milão", "A Glória de um Covarde", "O Último Ato" e outros filmes transformados em sucesso pelo apoio

intensivo da crítica. 1958 pode transformar em realidade o primeiro "cinema artístico" do Brasil.

DEPOIS DO AMERICANO "O Incrível Homem que Encolheu", o cinema francês embarcou no ciclo de "personagens-miniatura" com "Un Amour de Poche" ("Um Amor de Bolso"), baseado numa história da bela colunista, às vezes atriz, France Roche. Dirigido pelo jovem documentarista Pierre Kast, conta a história de um biólogo (Jean Marais) que descobre um meio de reduzir de 25 vezes o corpo humano, e o aproveita para ocultar sua amante (Agnès Laurent) à noiva (Genéviève Page). Agnès Laurent visitou recentemente o Rio com uma delegação francesa.

"LES GIRLS" (filme que deu Mitzi Gaynor para nossa capa), foi apresentado à rainha Elizabeth da Inglaterra. Jayne Mansfield, na ocasião, veio ao palco andando com dificuldade, num vestido justíssimo, com uma abertura lateral na saia que mostrava três quartos da sua perna direita. Ela anuncia que vai deixar de usar decotes.

A ART FILMS ESTA' prendendo o lançamento carioca de "A Mais Bela Mulher do Mundo", a biografia de Lina Cavalieri interpretada por Lollobrigida, na esperança de obter autorização da COFAP para cobrar Cr\$ 18,00. Alega que o filme é em "Artevisione", processo "inventado" aqui mesmo, para efeito de bilheteria.

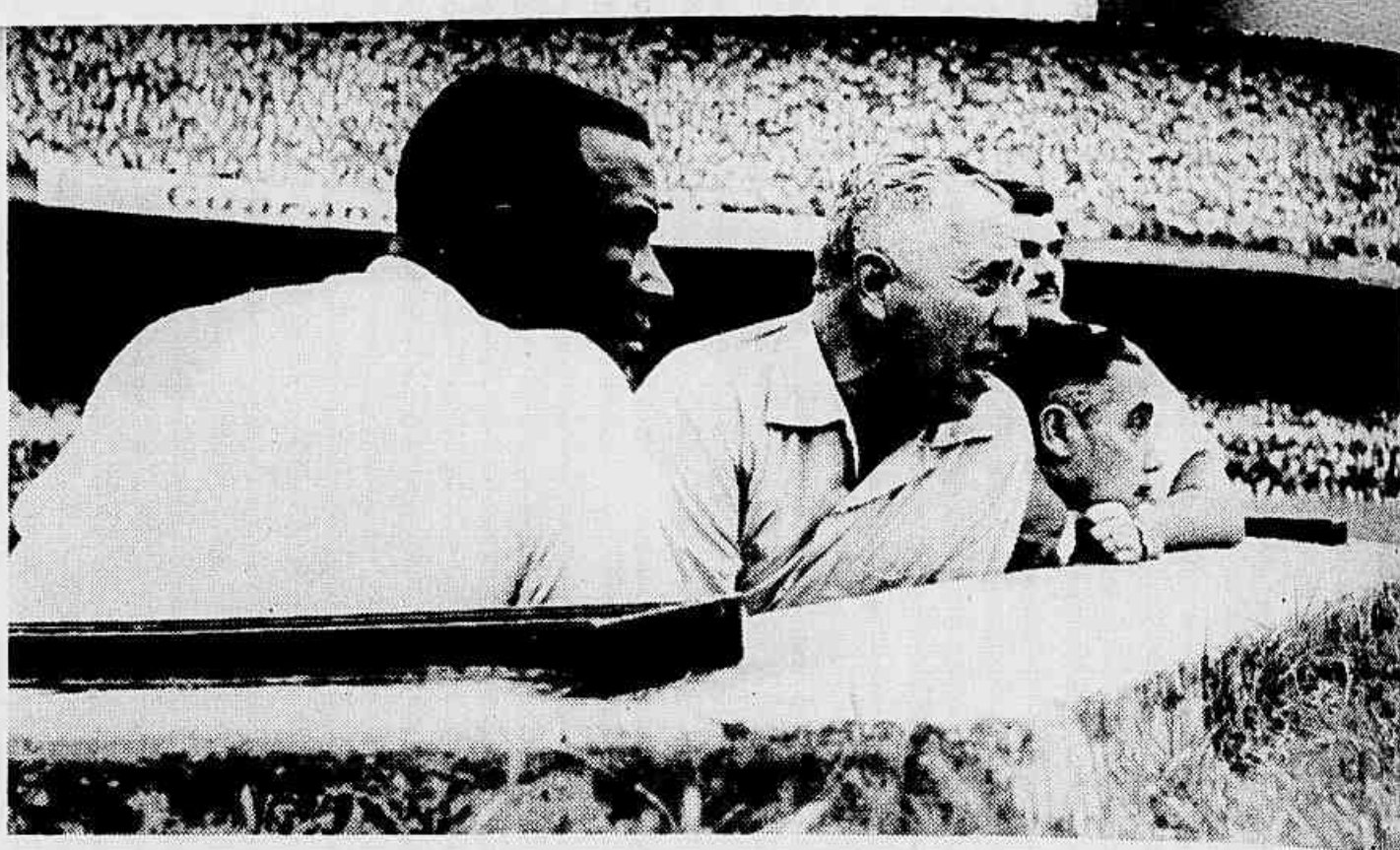
A TABAJARA FILMES, que distribuiu no Brasil "Sadko" e "Estrélas do Ballet Russo", está procurando importar outros filmes russos. A solução, como não temos relações com a Rússia, é obtê-los via Estados Unidos. Se tudo correr bem, veremos "Don Quixote", de Kozintsev, com Tcherkasov (o grande intérprete de "Ivan, o Terrível"); o elogiadíssimo "Otelô"; o "O 41", de Tchiurai, com Isolda Izvitskaia e Oleg Strizhenov.

Em Londres, onde chegou para filmar "The Key", Sophia Loren apresentou-se à imprensa com um decote generoso, escoltada pelo inglês Trevor Howard e o americano William Holden, que completam o trio central na produção que a Colúmbia confiou ao diretor Sir Carol Reed. Dirigindo Gina Lollobrigida em "Trapézio", Reed assinalou o maior sucesso de bilheteria de toda a história da United Artists.



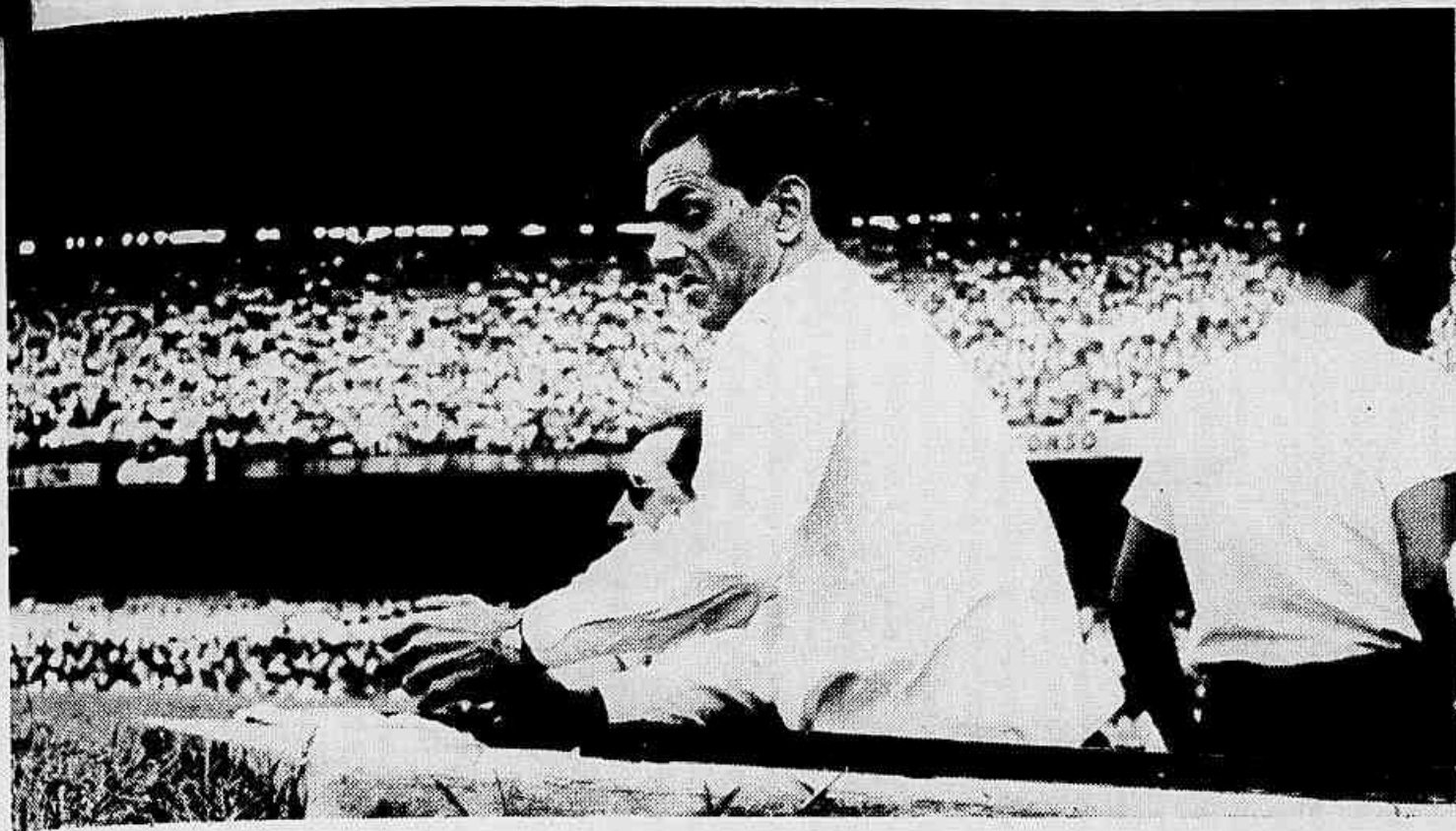
Com um passe de Garrincha

UM VENTINHO QUASE DERRUBOU O FLAMENGO



SOLICH E O BOTAFOGO

- 1 — (Primeiro tempo) — “E’ preciso avisar o pessoal para não deixar o Didi solto. Veja como eles estão marcando o Dida”.
- 2 — “Nós não podemos nos arriscar a fazer faltas perto da área. O Didi está querendo fazer um gol de fôlha seca”.
- 3 — (Segundo tempo) — “Cobre o Joubert, Pavão”. A bola caiu na área; Joubert falhou; Paulinho pegou a bola e fez o gol. Botafogo 1 x 0.
- 4 — “Ari está muito adiantado”. O passe de Garrincha veio pelo alto, quase cobriu Ari; a bola bateu na trave e sobrou para Paulinho, que chutou a vitória para fora. Solich: “Caramba”.



QUANDO ARI (goleiro do Flamengo) saiu do campo domingo, depois do jogo contra o Botafogo, desabafou:

— Estava um ventinho, na hora que o Garrincha deu aquele passe, para cima do gol. Quase que a bola entra.

Se a bola entrasse, o Botafogo teria derrubado o líder, que escorregou (um ponto) mas não caiu (dois pontos).

A situação do campeonato, agora, é a seguinte: Flamengo e Fluminense em primeiro, com seis pontos perdidos. Botafogo em segundo, com oito. Vasco em terceiro com nove (e sem Martim Francisco).

O jogo (31 minutos de bola corrida no primeiro tempo e 28 minutos no segundo) agradou aos dois técnicos:

Solich: "Agora os sustos aumentarão".

Saldanha: "O Botafogo ainda vai melhorar".

SALDANHA E O FLAMENGO

1 — (Primeiro tempo) — "Assim não vai. Dida está bem marcado, mas Didi está se anulando. E a linha do Flamengo está se impedindo com facilidade mas não podemos facilitar.

2 — "Olha essa bola do Joel na trave". Joel, de cabeça perdeu a melhor oportunidade de abrir a contagem.

3 — (Segundo tempo) — "Ainda é muito cedo para falar em vitória. Olha essa bola de Moacir!" Moacir chutou, Servílio defendeu com a mão. Joel entrou e marcou. 1x1.

4 — "Centra Garrincha, centra". A bola na trave e Paulinho chuta fora. "Isso também já é azar".

SOCIEDADE

A **SOCIEDADE CARIOCA** tem feito apostas que o rompimento do noivado da srta. Glorinha Drumond com o cronista Ibrahim Sued não dura um mês... Todavia, eles romperam há 30 dias e nada (até agora) aconteceu...

O **SR. MARIO PACHECO JÚNIOR**, que reside em Nova York, veio passar um mês no Rio, hospedando-se na residência de seu sogro, o General Lott. Todavia, os amigos do sr. Pacheco Júnior não podem lhe telefonar, porque na residência do Ministro da Guerra, os telefones apenas falam para fora, com exceção do telefone oficial.

COMENTA-SE QUE EMBORA a sra. Alberto Lee insista, a linha "saco" não lhe assenta a altura da sua elegância. Entretanto, a filha da escritora Dinah Silveira de Queiroz insiste em adotar essa linha que somente poucas senhoras no Rio podem usar...

AO QUE INFORMAM, o desquite do casal Nelson—Cristian Mendes Caldeira, não mais "acontecerá", tendo havido a reconciliação. Na ação de desquite a sra. Cristian Caldeira, que respondeu na Televisão sobre Prôust "O Céu é o Limite", pedia metade da fortuna do magnata paulista.

O **PRESIDENTE DA BÓLSA** de Nova York foi homenageado com uma grande recepção no "Country" oferecida pelo casal José Wilhensens Júnior.

SR. K. C. LI, que fez parte da comitiva do prefeito reeleito de N. York (Um milhão e duzentos mil votos, sem fazer campanha) tem 67 anos de idade, e grande interesse no Brasil, com negócios de minérios. O sr. K. C. Li, considerado o "Rei dos minérios" nos Estados Unidos, fez uma proposta de trabalho ao cronista Ibrahim Sued, que, se aceita, obrigaria o cronista de "O Globo" a deixar o jornalismo. O cronista está pensando...

NO COQUETEL oferecido pela Associação Comercial do Rio de Janeiro ao general Odílio Denis, o general Teixeira Lott recusou uísque, preferindo beber um gole somente de água mineral e dispensando doces e salgadinhos. Mas, falou muito mais do que o general Odílio Denis, que bebeu vários uísques. O general Teixeira Lott somente falou com o general Odílio Denis na hora da despedida. O ministro da Guerra ia-se retirando e ao chegar ao elevador lembrou-se de que se esquecera de se despedir do general Odílio Denis. Voltou.

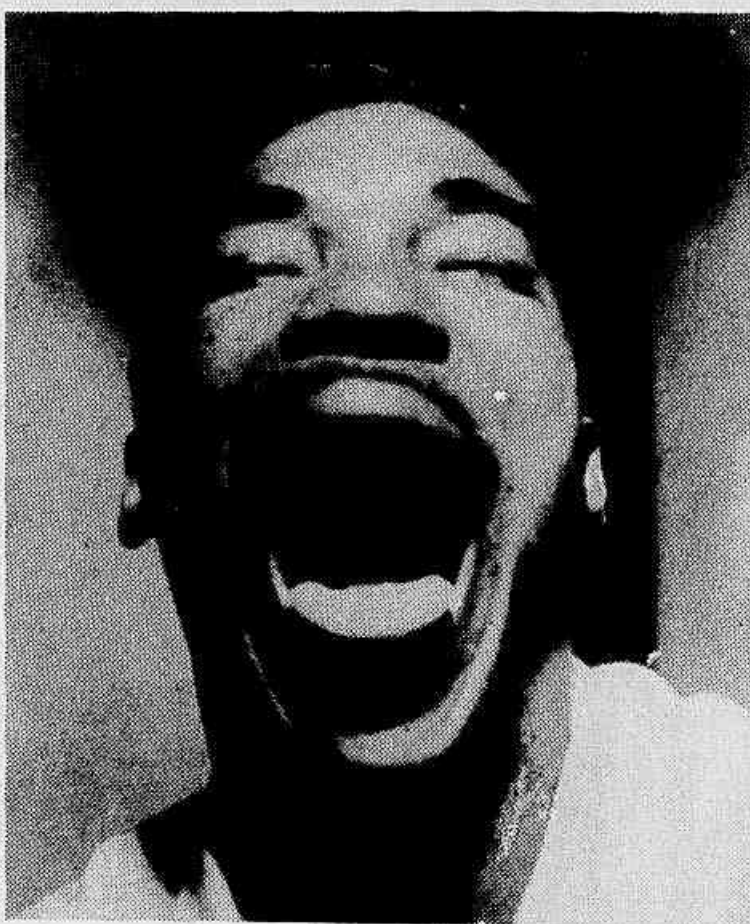
Na mesma recepção, o ministro José Maria Alkmim estava com como de água mineral na mão. Quando os fotógrafos quiseram fotografá-lo disse: "Um instante, deixem-me depositar o copo sobre a mesa porque na fotografia água mineral parece uísque!"

Ainda nesse coquetel, o sr. Albano Issler, benemérito da Associação Comercial, distribuiu para os generais Lott, Denis e Krueel uma Imagem de N. S. Jesus Cristo com a seguinte legenda: "Eis-me Aqui Batendo à Tua Porta". Dizendo que acredita na segunda vida, o sr. Issler afirmava que distribuía a Imagem para levar a divindade aos que não a conhecem. Quando entregou a Imagem ao ministro Alkmim, o sr. Issler disse: "Ele está batendo na porta do ministro da Fazenda".

ESPORTES

EUNÁPIO, EX-JOGADOR do Fluminense, Bonsucesso, Santos e outros, hoje mais conhecido como Eunápio de Queiroz — juiz de futebol — quer fazer como Mário Viana: ser técnico. Assim que achar um clube, larga o apito.

ABÍLIO COUTO, o paulista que tentou a travessia da Mancha, provavelmente verá sua tentativa homologada como tendo completado o percurso. A decisão será adotada em reunião do Channel Swimming Association.



Na semana do encontro com o Fluminense Didi (foto) começou a sentir o pé doendo. Foi dado como fora de jogo. Três dias depois foi dado como bom e voltou. Mas continuou a sentir o pé doendo e assim jogou com o Olaria, o Vasco e o Flamengo. Um exame rigoroso acertou o diagnóstico: amigdalite. Didi tirou da garganta, na terça-feira a dor que sentia no pé.

LOCAIS

A **MENSAGEM 53** do Prefeito à Câmara (aumento de 10 por cento nos impostos para fazer face às grandes obras da cidade) tem provocado as maiores controvérsias. Uns se declaram a favor; outros, contra. Por enquanto temos seguras informações de que a Associação Comercial decidiu entrar num acordo com o sr. Negrão de Lima. A maioria da Câmara mantém-se, até o momento, con-

tra a Mensagem, ao lado da Federação das Indústrias. E o sr. Negrão de Lima continua afirmando (na televisão) que está seguro de que a Mensagem 53 é a salvação da cidade.

Com o dinheiro proveniente do novo aumento de impostos pretende o Prefeito atacar as obras principais da cidade: avenida Perimetral, desmonte do Morro de Santo Antônio e o saneamento da zona suburbana. Plano previsto para dez anos. Os industriais e vereadores contrários à medida têm afirmado que o sr. Negrão de Lima quer a aprovação da Mensagem 53 porque vai deixar a Prefeitura em 1960, quando o Rio será transformado no Estado da Guanabara.

(No próximo número contaremos, em reportagem, o que há por trás das notícias sobre a Mensagem 53).

UMA SEMANA depois (16-11-57) do assalto armado à agência Olaria do Banco de Crédito Territorial S.A., a firma Coelho Martins, Vinhos, Ltda., na Rua Visconde de Itaboraí, 8, no centro da cidade, também foi assaltada, sendo que, agora, os assaltantes feriram (no abdome) um dos sócios da firma e amordaçaram e manietaram outros. Enquanto os assaltantes do banco levaram Cr\$ 50 mil, os da firma roubaram Cr\$ 19 mil. Os ladrões do banco e da firma ainda não foram capturados pela Polícia. Nem os assaltantes da agência do Leblon do Banco Lowndes, no princípio do ano, quando morreu (com dois tiros de revólver) o gerente.

NACIONAIS

NO PARA' a situação é de expectativa: já houve vários tiros por causa do desentendimento entre os srs. Magalhães Barata (governador) e Lopo de Castro (prefeito de Belém). "O Liberal", jornal do Governo, publicou o retrato do Prefeito de cabeça para baixo, no dia de sua posse.

TERMINOU DIA 14 o prazo (60 dias) da intervenção em Alagoas. Chegando ao Rio, disse o General (Interventor) Moraes Ancora: "Maceió está tranquila". No dia 15 um motorista da Secretaria de Segurança foi morto a tiros e o Delegado de Palmeira dos Índios foi ferido num tiroteio. Motivo: política.

ALÉM DOS MOTIVOS econômicos (pág. 42) que levaram o seringueiro Salazar a inventar um tenente Fernando vivo, há outro motivo, político. Segundo ele confessou, a farsa vizou beneficiar o cel. Aluísio Ferreira, que vem perdendo eleições acusado da morte do tenente.

NO CASO DO rapto do menino Sérgio o sr. Marquiles Scorzelli (Corregedor de Polícia) mandou comprar "A morte no envelope", de Luís Coelho. Segundo denúncia que ele recebeu, o rapto foi planejado com base num dos contos do livro.

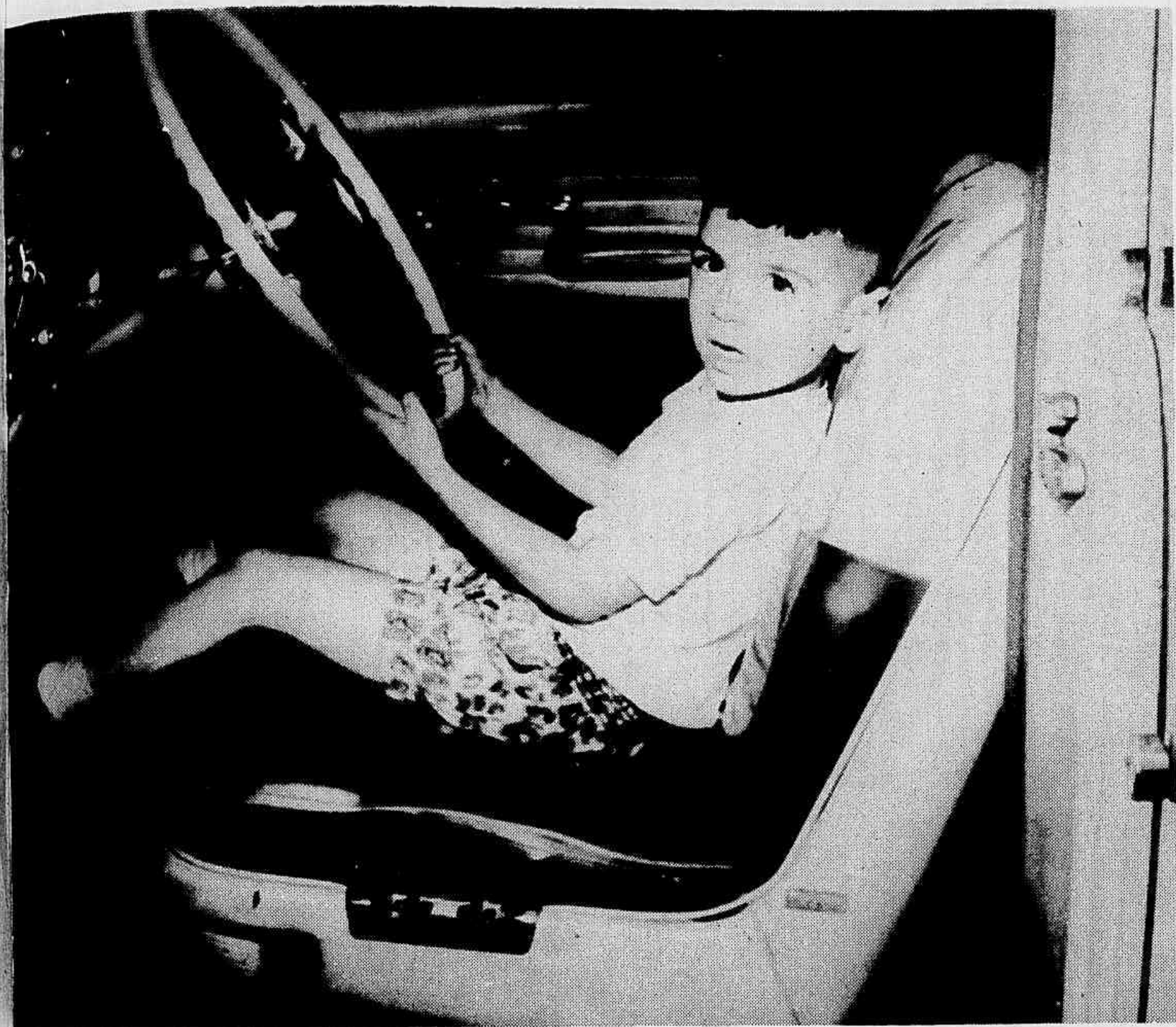


Foto TRIBUNA DA IMPRENSA

SÉRGIO HAZIOT — Foi raptado e andou de bode

O RAPTOR TEM MÊDO DA PENA DE MORTE

O RAPTOR de Sèrginho Haziót ainda não se apresentou à Polícia por três motivos: medo de violências policiais; medo da pena de morte; e porque ainda não recebeu, do advogado, qualquer segurança de desclassificação do crime de rapto. O advogado Celso Nascimento ainda não conhece o nome do raptor nem se entendeu com ele. Os entendimentos iniciais foram mantidos com dois intermediários.

1. DIA 7, às 10 horas, a sra. Célia Haziót, mãe de Sèrginho, recebeu o primeiro telefonema do raptor, que se dizia amigo de seu marido e lhe pedia indicação do colégio onde estudava o menino. Queria que seu filho estudasse no mesmo colégio. A sra. Célia Haziót informou. Era o Jardim de Infância do Colégio Barilan.

2. AS 10,40 horas, um homem que se dizia ser o sr. Michel Haziót (marido da

sra. Célia) telefonou para o Colégio Barilan solicitando que "seu filho saísse mais cedo, pois teria de velá-lo ao médico". Às 11 horas, um rapaz alto, magro, branco, cabelos escuros, levando um bilhete do suposto sr. Haziót, apanhou Sèrgio.

3. AS 11,30 horas, a sra. Haziót atendeu ao telefone. Era o raptor. Dizia que "Sèrginho fôra seqüestrado" e pedia 500 mil cruzeiros pelo seu resgate. Às 12,50

horas, o raptor ligava mais uma vez procurando o sr. Haziót, que lhe disse não dispor da quantia. Desnorteada, a família de Sèrgio comunicou-se com o 2.º Distrito Policial.

4. SEGUIRAM-SE outros telefonemas, reclamando o raptor que a quantia de (50 mil cruzeiros) que lhe fôra oferecida pelo sr. Haziót era muito pouca. Houve o diálogo entre a sra. Haziót e o raptor, dizendo a mãe de Sèrgio que "não tinha tanto dinheiro", podendo dispor, apenas de jóias.

5. DESCONFIADO de que teria havido interferência na linha, quando do seu quarto telefonema, o raptor telefonou para o apartamento do deputado Leoberto Leal (PSD, Santa Catarina), no quar-



Foto TRIBUNA DA IMPRENSA

CELSONO NASCIMENTO

Não sabe ainda o nome do raptor.

to andar do mesmo prédio (Rua Barata Ribeiro, 499) onde reside, no terceiro, a família de Sérgio. Foi marcado o encontro na porta do restaurante "Cabeça Chata", no Leme. O pai de Sérgio levou, numa caixa de sapatos, 70 mil cruzeiros e jóias. No trajeto, foi tirando algumas jóias da caixa de sapatos e colocando-as no bolso. Motivo: preocupado com a possibilidade do raptor receber o dinheiro sem entregar a criança, exigindo mais dinheiro, queria ter uma reserva para esse segundo pagamento.

6. O SR. HAZIOT não avisou à Polícia onde se encontraria com o intermediário, temendo que a sua prisão resultasse na morte do filho. O intermediário apanhou a caixa de sapatos e sumiu. Mais tarde, a sra. Haziot recebeu outro telefonema do raptor, que disse ter sido enganado porque o intermediário fugira com a caixa de sapatos. "Mas esse negócio

agora é comigo" disse o raptor. E indicou o local onde o menino se encontrava: Largo do Anil, em Jacarepaguá.

7. UMA GUARNIÇÃO da Rádio Patrulha e o sr. Michel Haziot buscaram Sérgio, trazendo-o para o 2.º Distrito Policial, à uma hora do dia 8. Sérgio, neste dia, dormiu às 3 horas.

8. O PRIMEIRO dos 120 "homens louros" incluídos pela Polícia como suspeitos foi o jovem Raimundo Alcântara de Carvalho, que apanhou (30 cruzeiros) Sérgio no colégio e ajudou a descobrir o motorista que conduziu o raptor e o menino.

9. O EX-JOGADOR de futebol Ademir Menezes e sua esposa Celeste apontaram à Polícia como suspeito do rapto de Sérgio, Alcino Duarte Ferreira, que há pouco tempo roubou seu automóvel. A Polícia Técnica deteve também, como suspeitos, Jorge Alves Paiva Matos, José Pasqualetto e os irmãos Alberto e Abraão Chueri. Juventino Teixeira, em cuja casa o menino Sérgio foi encontrado, impetrou pedido de "habeas-corpus".

10. UM HOMEM louro de Niterói pediu à Polícia um salvo-conduto para atravessar a Baía de Guanabara.

11. O TERCEIRO telefonema do raptor para a sra. Haziot foi dado pelo telefone 25-2843, de um bar da Rua Alice. O quarto telefonema ninguém sabe de onde foi dado.

12. O DELEGADO Hermes Machado admite que o rapto seja uma campanha anti-semita devido à coincidência de tentativas de seqüestro contra famílias judias.

13. CHEGOU-SE a falar na pena de morte para crimes de rapto. O ministro Nelson Hungria disse que "pena de morte não adianta", citando como exemplo "o alto índice de criminalidade nos Estados Unidos, onde a pena de morte é apli-

cada". Frisou que "aqui seria muito pior porque a Polícia brasileira costuma inventar culpados". O padre Leme Lopes, em nome da Igreja, pronunciou-se a favor da pena de morte. O deputado Raul Pila, (PL, Rio Grande do Sul) disse: "Será necessário quebrar para isto o sistema cristão. Nenhum criminoso deixa de agir por meio do castigo". O jurista Oscar Stevenson disse que "a sociedade não pode devorar seus próprios filhos".

14. O DELEGADO Hermes Machado acredita que o raptor se apresente (com advogado) porque teria medo da cadeia elétrica brasileira.

15. O CHEFE de Polícia prevê novos raptos, confessando a inexperiência da Polícia em questão de raptos e a deficiência do aparelhamento técnico de que dispõe. Afirmou que "acontecerão novos raptos no Rio de Janeiro e que mesmo que a Polícia não chegue a prender os criminosos terá ganho experiência para prendê-los no futuro".

16. DIZ-SE que o rapto de Sérgio foi trabalho de amador e que o primeiro raptor brasileiro é antes de tudo um sentimental.

17. ESTA preso (incomunicável) o motorista português que conduziu o raptor e o menino Sérgio e que, segundo a Polícia, é a melhor pista para a prisão do raptor.

18. AS MANCHETES policiais dos jornais já não estão mais sendo tiradas sobre o caso do rapto do menino Sérgio.

19. A FAMÍLIA de Sêrginho não é de classe média e não ficou abalada financeiramente com o pagamento do resgate: há um aparelho (grande) de TV na sala e outro (menor) no quarto de Sêrginho.

20. ANEDOTA carioca: a mãe do Chefe de Polícia está apreensiva com os raptos.

A polícia esquematizou o rapto do menino Sérgio Haziot:

1. São cinco os componentes da quadrilha do raptor.

2. São eles, além de Juventino e do jovem Raimundo, o chefe, que não teria tido participação direta no rapto; Sebastião, conhecido de Juventino e que apanhou Sérgio nas proximidades do Colégio Barilan; e o nordestino que apanhou o dinheiro do resgate.

3. O chefe e o indivíduo que conver-sou com a sra. Célia Haziot mãe de Sêrginho, não são a mesma pessoa, o que se concluiu da insegurança deste, sempre consultando — quanto às bases do resgate — uma pessoa que estaria ao seu lado.

4. Um dos componentes do bando teria residência em Jacarepaguá, sendo conhecido de toda aquela zona.

5. Nessa residência, Juventino esperaria o sinal marcado para apresentar-se à polícia, dizendo ter em sua casa um menino. Essa comunicação deve ter-se dado entre 18,30 e 19,45 horas.

6. Às 20 horas, Juventino se apresentou, apesar de já estar com Sérgio desde às 14,30 horas.

7. Quarenta e cinco minutos antes de Juventino apresentar-se, o resgate fôra entregue ao nordestino.

8. Quando Raimundo foi ao Colégio Barilan buscar Sérgio, este o estranhou, chorando e negando-se a ir. Nesse momento, afirmou o rapaz a uma das professoras que aquilo era natural, pois trabalhava para o sr. Michel Haziot há apenas três dias. Isso complicou sua situação.

9. O chefe do bando conheceria o sr. Michel Haziot, isto porque, cinco minutos depois da chegada deste ao apartamento, lhe telefonou perguntando se já soubera do ocorrido pela sra. Célia Haziot. Somente um conhecido poderia reconhecer-lo entre as pessoas que entravam no edifício no dia do seqüestro.

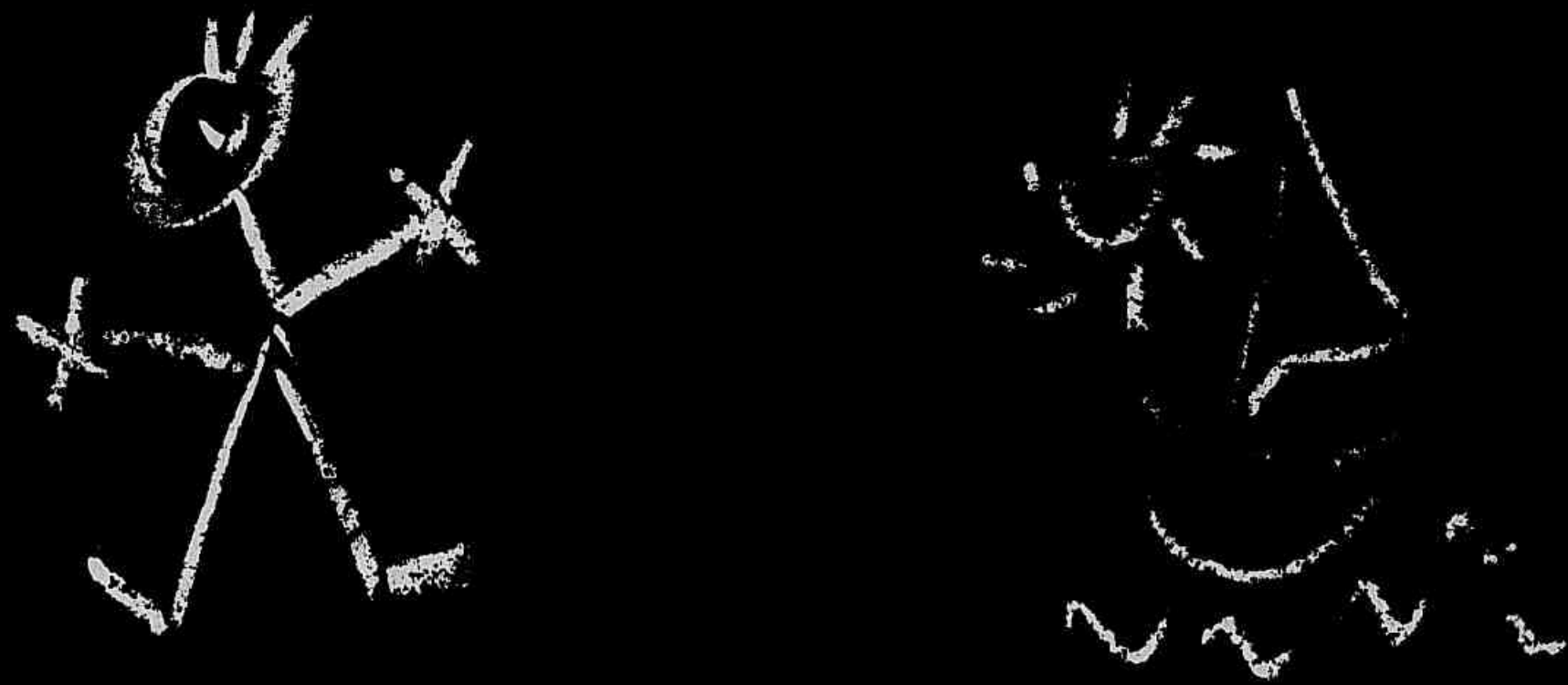


Colégio Brasília



NEREU

Retirado do Colégio pelos pais



A 31 DE JANEIRO de 1956 foi fundado o Colégio "Brasília". Seu organizador e diretor tinha alguma experiência no ramo. Dirigira um colégio municipal em Belo Horizonte, depois outro, estadual, em Minas e veio tentar a vida no Rio, com um estabelecimento de caráter nacional. O Colégio vem funcionando mal, no conjunto, por culpa do diretor e professor, que falta muito às aulas, em viagens contínuas, e dos alunos, que não revelam muita aplicação nos estudos. Agora, conseguimos obter licença para divulgar os boletins escolares, todas as semanas. Daremos conhecimento aos leitores do movimento escolar, com objetividade e com espírito de justiça, inclusive atribuindo notas semanais a cada um dos alunos, que vão apresentados pelo lápis de Hilde.

O PROFES SO

ALVES CAMARA

Aluno calado, senta na primeira fila, não goza de boa saúde. Seu brinquedo predileto: porta-avião.



LOTT

E' dono da bola no time do Colégio. E' veterano e repente. Teve sempre prêmios de "aplicação e disciplina" até novembro de 1955. Dizem que seu mal comportamento resulta de uma crise de crescimento.



PARSIFAL BARROSO

Campeão do assobio da turma. Veio com o pistolão de Jango e por ser bom aluno de catecismo.

CORRÊA DE MELO

Entrou na vaga de Henrique Fleiuss. Veio com pistolão do próprio diretor. Criança prodígio, tinha fama de fazer as brincadeiras mais perigosas na sua turma de jardim de infância.



MENEGHETTI

E' irmão. Veio para o Colégio com o pistolão de Jango, vice-diretor. Foi reprovado na primeira prova parcial por confundir alface com eucalipto.



CLÓVIS SALGADO

Aprecia música de ópera.

ESOR ESTÁ VOANDO



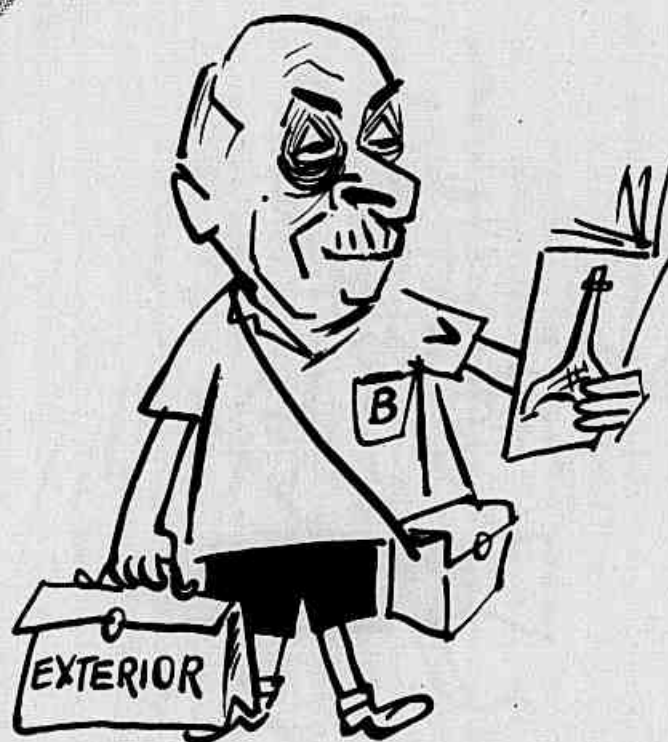
ALKMIM

Toma conta da caixa escolar. Veio de Minas com o diretor e se considera o seu aluno predileto. Nunca tem dinheiro no bolso e vive pedindo emprestado a alunos de outros Colégios.



LUCIO MEIRA

Matriculado, tem sido aluno apagado. A Secretaria do Colégio não dispõe ainda de seu retrato e de sua ficha.



MACEDO SOARES

E' o mais velho da turma, tendo trancado matrícula mais de uma vez. E' o presidente do Clube de Correspondência com o Estrangeiro.



IANGO

Exerce as funções de vice-diretor e interfere muito na vida do Colégio.



MAURICIO DE MEDEIROS

Faltou muito no primeiro período, com "asiática". E' o mais engraçado da turma. Teve o pistolão do PSP, mas foi posteriormente largado pelo seu protetor. Conquistou as boas graças do diretor e vai ficando.



EURICO SALES

E' o calouro da turma. Entrou para o Colégio depois de passar mais de um ano mexendo com o dinheiro da caixa de merenda. Protegido da "Ala Moça" do PSD.

Fim de uma espetacular cobertura:

TUDO MENTIRA NO CASO TENENTE FERNANDO

TRES (BONS) REPÓRTERES, considerados os mais imaginosos da imprensa brasileira, estão movimentando a cobertura do chamado "caso do Tenente Fernando", chamado mais espetacularmente "o caso do Tenente que passou 12 anos entre os índios do Amazonas".

Para não ficar atrás dos três, que têm notável (e reconhecida) capacidade de dar acolhida a versões fantásticas, toda a imprensa do país acompanhou o tom de falso de noticiário inaugurado por Calazans Fernandes ("Tribuna da Imprensa"), José Leal ("O Globo") e Pinheiro Júnior ("Última Hora").

Reunindo todos os depoimentos tomados por eles, os testemunhos, palpites, informações e os boatos, chegava-se às seguintes conclusões estatísticas:

1 — Existia um branco entre os índios que habitam a região dos Pacaás Novos.

2 — Seis possibilidades em dez indicavam que o branco era o Tenente Fernando, desaparecido em 1945.

3 — Tenente ou não tenente, se o branco existisse só voltaria à civilização os índios concordando com isso. (80%).

4 — As possibilidades dos índios concordarem: meio a meio.

O Tenente Fernando Gomes de Oliveira saiu da Escola Militar em 1943. Foi enviado para o Nordeste, servindo em Recife dois anos (43/45). Nessa época foi criada a Cia. Rodoviária do Exército, para abrir estradas no Guaporé. Ele se apresentou como voluntário à Cia., contrariando sua família, que o desejava de volta: "quero fazer alguma coisa por meu País; o trabalho será algo de grandioso". Mais tarde, entre seus pertences seriam encontrados bilhetes do próprio punho em que se mostrava entusiasmado com a missão que escolhera.

Fernando esteve no Guaporé sob o comando do Capitão Ênio Pinheiro. Ele comandava a companhia destacada em São Pedro, a mais de 100 quilômetros de Pôrto Velho. Era o único oficial da companhia.

O sargento Marinho, que servia com o Tenente (hoje serve no Rio Grande do Sul) e chegou a ser apontado como seu matador, conta:

Um dia estava com Fernando e outros na mata, quando sugeri ao Tenente que fôssemos caçar, pois não tínhamos comida e íamos passar fome. Embrenhamos na mata, fazendo a picada. O sol servia de guia. Usávamos enormes chapéus de palha e trazíamos muitas armas. Andamos muitas horas, mas não encontramos caça. Decidimos voltar e na volta encontramos alguns soldados, que haviam caçado alguma coisa. Fernando propôs continuar. ("É um absurdo, vamos tentar outra vez"). Ouvimos um

piado diferente, um cheiro esquisito, desagradável. Fernando foi ver o que era. Não conhecia a mata. Horas depois gritei pelo Tenente, mas não ouvi resposta. Voltei à picada aberta na mata: nenhum sinal dele. Convidei os outros, demos uma busca de duas horas: nada".

O sargento Marinho e os praças voltaram a Pôrto Velho e comunicaram o que ocorrera ao Capitão Ênio Pinheiro: pediram que fossem recrutados todos para uma busca completa. O Capitão disse que não era possível, pois naqueles dias chegava à cidade o embaixador norte-americano Adolf Berle Jr. e todo o destacamento devia estar presente às homenagens.

Informou-se que Fernando estava perdido. Nenhum objeto seu jamais foi encontrado. Em 1948 uma expedição, sob o comando do Capitão (hoje Major) Gerson, voltou à procurá-lo: sem resultado.

Agora o Serviço de Proteção aos Índios mandou outra expedição. Membros: Orlando Vilas Boas, Oriculo Castelo Branco, Domingos Correia de Araújo e Josias Macedo, cada um com a responsabilidade de realizar buscas em um setor, auxiliado por homens da região.



SALAZAR

O maior mentiroso do ano

Também esta expedição (como as anteriores enviadas pelo SPI, 1945 e 1948) não encontrou o Tenente nem vestígios dele. O Exército realizou dois inquéritos: também sem resultado.

O que há de verdadeiro em tudo isso: ★ Os 250 índios Pacaás Novos habitam a serra do mesmo nome, nas proximidades de Guajará Mirim, fronteira com a Bolívia. São (como todas as tribos bra-

sileiras) pacíficos e não se assustam com os brancos. Às vezes seringueiros tentam conquistar as índias e são tratados a flexa. Muitos já morreram assim.

★ Não há, nunca houve (nos tempos modernos) e o SPI não acredita que possa haver guerra entre tribos de índios. Os Urubus, que habitavam o Alto Turi (Maranhão), há alguns anos emigraram para Aripuariã, às margens do Rio Guaíba. Mas não houve a guerra que se noticiou ter havido entre eles. Os Juritis habitam às margens do Jarú, a muitos quilômetros dos Pacaás Novos, e também não há possibilidade de guerra entre eles.

★ O SPI não acredita que o Tenente esteja vivo. Está convencido de que ele morreu em 1945, nas margens do Rio Cauxariu, perto da Serra dos Pacaás Novos, quando trabalhava na construção da estrada (300 quilômetros) Pôrto Velho-Cuiabá.

última informação

PRÊSO, SALAZAR CONFESSOU

O SERINGUEIRO boliviano Salazar — o homem que dizia ter tido contacto com o tenente Fernando — foi prêso. Interrogado, confessou que nunca viu o tenente e que nunca viu qualquer outro branco entre os índios.

Diz ele que a idéia da farça foi sugerida por um homem de nome Felipe Tavares, que deu todos os detalhes do desaparecimento do tenente, informando ainda que a família de Fernando pagaria muito pelas informações que pudessem levar à descoberta dele.

Essa parte da história não pode ser confirmada ou desmentida. Felipe Tavares morreu há dias, tuberculoso, num hospital de Manaus.

O plano de Salazar era levar a história até o máximo, quando seria aproveitado para guia (muito bem pago) dos brancos que fossem buscar o tenente. Essa expedição seria feita na época de migração dos índios (época das chuvas), quando seria impossível encontrá-los. Durante pelo menos mais três ou quatro meses a história poderia ser mantida. Depois, qualquer mentira sobre a morte do tenente poderia ser, inclusive, aceita. E a culpa de sua morte seria atribuída à expedição, "que quis entrar antes da hora".

Erro do plano: para reforçar a convicção (quase generalizada) de que havia um branco entre os índios, Salazar forjou um bilhete, que a perícia reconheceu falso. Salazar ainda tentou fazer crer que o bilhete era falso mas a história verdadeira.

RIO DE JANEIRO POÇOS DE CALDAS LINDOIA SERRA

NEGRA AGUAS DA PRATA BELO HORIZONTE

SÃO PAULO SANTOS SÃO VICENTE

Sempre às suas ordens!



**EXPRESSO
BRASILEIRO**

JUNDIAÍ

CAMPINAS RIBEIRÃO PRETO SOROCABA

SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO

BELO HORIZONTE

Av. Ipiranga 885 - Fone 34-1395

Pça. Mauá (Estação Rodoviária) Fone 23-3912

Rua Oiapoque 276 - Fone 4-9060

IMPrensa

COMO ATENDER A UM REPÓRTER

É MUITO PROVAVEL que o senhor (ou a senhora) receba a visita de um repórter da "Revista da Semana". É preciso que saiba como recebê-lo, porque 85% das notícias erradas têm origem nas pessoas entrevistadas que não souberam dar a informação necessária, com a precisão e clareza suficientes.

(1) Antes de tudo, lembre-se que o repórter tem como objetivo informar bem.

(2) Dê, clara e precisamente, a informação que ele pedir — se é que pode fornecê-la. Se não puder, diga com franqueza. E se possível, explique por que não pode atendê-lo.

(3) Se o senhor não tem a informação, diga imediatamente.

(4) Não insista em dar pequenos detalhes que o repórter está desprezando.

(5) Se o repórter quer uma entrevista, veja que ele escreva as respostas que

o senhor dá. Ou dê por escrito a resposta — se a entrevista está formulada em perguntas. Caso contrário, não escreva um artigo em lugar da entrevista pessoal. O senhor não é um repórter.

(6) Muitas vezes a informação procurada — por sua natureza — é sujeita a controvérsias. Por mais óbvio que lhe pareça o "lado certo da questão", nunca demonstre indignação contra as opiniões contrárias sobre o assunto. Nem exija do repórter que ele se convença do que o senhor diz. Veja apenas que ele esteja entendendo os seus argumentos.

(7) Preocupe-se — sempre — em dar um bom resumo dos fatos. Isso pode ser o suficiente. Se o repórter precisa de mais, ele pedirá.

(8) Provavelmente haverá momentos em que o senhor não pode dar determinada informação. Não faça evasivas. Diga francamente qual é a situação. Assim que a informação puder ser liberada, procure

o repórter. Custará pouco ao senhor e valerá muito.

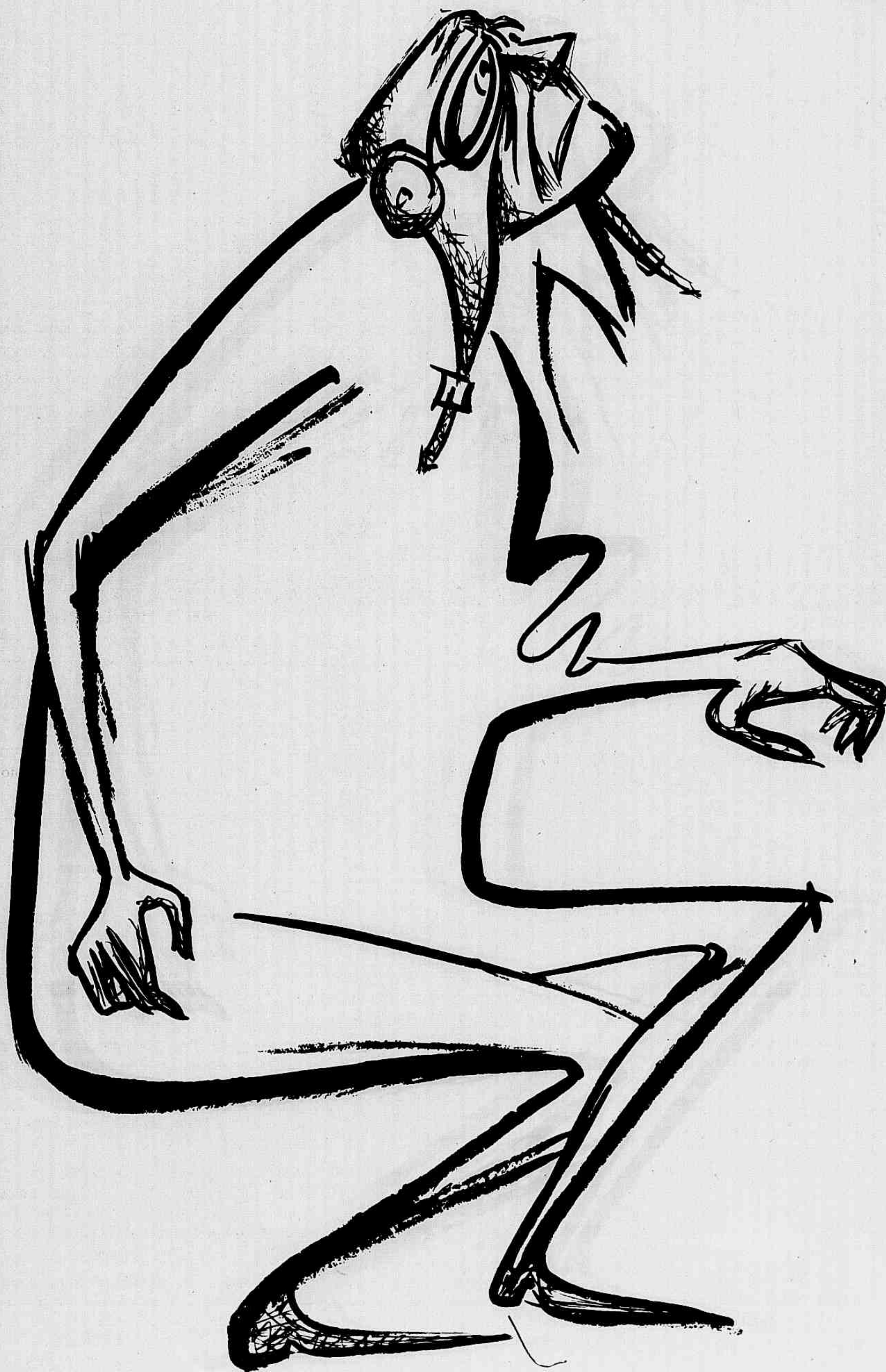
(9) Se o senhor não tem a informação mas sabe como consegui-la, dê ao repórter a indicação necessária.

(10) Ocasionalmente poderão pedir-lhe informações sobre um assunto que exija respostas muito técnicas. Talvez o repórter lhe peça para verificar a matéria redigida, para evitar erros. (Se ele não pedir, não hesite em oferecer-se). Mas não pretenda bancar o redator-chefe. Limite as suas observações ao esclarecimento dos fatos.

(11) Se perceber que o repórter não está apreendendo bem as informações que o senhor presta, não hesite em telefonar para a redação dando os esclarecimentos que julgar necessários.

(12) Mas, se apesar de tudo, a notícia sair errada, escreva dando a sua opinião e dizendo como é que o senhor acha que a matéria devia ter sido feita.

Com um p



O
jeto
uma
que
por
sen

A
na
mar
ran
nã
dis

O
S
Tos
cin
nai

fer
vô
mo
cor
pil
des
pel
esp
da
br
ca
os
sa

pouquinho de medo você pode ir á lua

WASHINGTON, URGENTE — O dr. H. Strughold, especialista em medicina aérea, fez, com sucesso, uma experiência inédita na história da aviação. Esta experiência é parte de pesquisas que a Força Aérea Americana está promovendo num programa que quer estudar a possibilidade de viagens à Lua em foguetes pilotados.

△ Esse telegrama, publicado nos jornais do país e do mundo, passou despercebido, porque não contava qual foi a experiência do dr. Strughold.

O DR. H. STRUGHOLD, especialista em medicina aérea, injetou na região inferior e posterior (profunda) do seu tronco uma alta dose de novocaína para realizar uma experiência em que procurou (e conseguiu) que os pilotos voavam guiados por impulsos nervosos e cinéticos que se originam de reações sentidas — como diremos — “lá em baixo”.

Atingindo o torpor da anestesia — conta o dr. Strughold, na “United States Army Aviation Digest” — às primeiras manobras acrobáticas do piloto, começou a passar mal. Veterano em acrobacias, sem nunca ter enjoado, o dr. Strughold não escapou ao enjôo e ao medo. “Principalmente ao medo — disse ele — medo terrível, desorientador, pânico”.

O TRIPÉ

Sobre a experiência do dr. Strughold, o brigadeiro Edgar Tostes (na reserva), um dos primeiros que estudaram medicina aérea no Brasil e atual chefe do Serviço Médico da Panair, disse que não podia dar opinião.

“O dr. Strughold fez uma anestesia profunda da região inferior e posterior do tronco e, logo em seguida, realizou um voo de acrobacia como passageiro. Ao invés de sentir-se como nos demais vãos que costumava fazer, sentiu-se enjoado, com medo e desorientado. Queria provar, com isso, que os pilotos eram orientados pelos impulsos nervosos e cinéticos dessa região do corpo. A orientação é dada, não há dúvida, pelo labirinto, pelo cerebelo e pela sensibilidade tátil, uma espécie de tripé. Tendo perdido, com a anestesia, a sensibilidade tátil dessa região, sentiu, como é natural nas manobras de acrobacias, pela força científica, uma falha nessa cadeia do equilíbrio, o que sentiria o piloto que anestesiase os músculos e a região dorsal, experimentando a mesma sensação em um “looping”. No caso, houve uma sensação diferen-

te: apoiado nos pés e nos braços, teve a sensação da falta de apoio do tornozelo pela falta de sensação tátil, abolida pela novocaína. As reações que apresentou, entretanto, foram exageradas, tendo entrado aí um grande fator psíquico. Não sabemos se a dose de novocaína foi elevada e capaz de provocar uma intoxicação. Algumas pessoas sensíveis a essa droga apresentam mais ou menos reações idênticas às relatadas pelo dr. Strughold. A dra. Ana Aslan, rumena, utiliza a novocaína a 2 por cento com fins de rejuvenescimento. A biologia moderna afirma: “E’ o desgaste das células do sistema nervoso que origina a velhice. E’ o envelhecimento do cérebro que desencadeia o envelhecimento”.

A CHAVE

“Pavlov (Reflexos Condicionados) afirmou: “Quando encontrar as causas do desgaste da cortex cerebral e os meios de combatê-los, possuirei a chave do rejuvenescimento”. Estudos de Leriche já clássicos, determinaram a utilização da novocaína, não somente como anestésico local, mas no combate às perturbações circulatórias, arterites, etc., pois Leriche acreditava que a novocaína agia sobre o sistema nervoso autônomo e o cérebro, compensando o desgaste. O que fez o médico americano não tem valor científico perfeito por ter ficado limitado somente a essa experiência. O piloto não precisa se preocupar com o assunto da experiência, porque a reação foi normal, como qualquer outra reação tátil”.

AINDA NÃO

O major-brigadeiro Manoel Ferreira Mendes, que foi diretor de Saúde da Aeronáutica, não quis falar, limitando-se a dizer:

— “Pela experiência do dr. Strughold ainda não passei”.

PRÊMIO NOBEL CONTRA LATTES

CESAR LATTES foi apontado como um dos candidatos ao Prêmio Nobel de Física, este ano. No entanto, o prêmio foi dividido entre os drs. Tsung-Dao Lee e Chen-Ning Yang.

Pouca gente sabe que os premiados estão — cientificamente — em campos opostos ao cientista brasileiro e que não é exagero dizer que o Nobel foi dado contra Lattes.

Para que se tenha uma boa idéia do assunto é preciso dizer que a descoberta de Lattes não é uma revolução na Física, como foi noticiado. E', mais propriamente, uma contra-revolução. Os premiados, no entanto, foram os revolucionários.

A REVOLUÇÃO

"De certo modo, uma estrutura teórica completa foi derrubada pela base e não sabemos como as suas peças poderão ser novamente congregadas". Com essa frase o dr. I.I. Rabi (outro físico, também Prêmio Nobel) deu uma idéia perfeita do impacto sobre a Ciência que o trabalho dos drs. Tsung-Dao e Chen-Ning causou.

Elas destruíram um princípio da Física chamado "princípio da paridade", e que

era considerado válido há muitos e muitos anos. Segundo esse princípio, dois grupos de fenômenos — um dos quais é a imagem exata do outro refletida num espelho — se comportam de forma idêntica, com exceção apenas do efeito de imagem espelhada.

Exemplificando, os cientistas explicam assim o princípio da paridade:

Admitamos que uma câmara cinematográfica esteja filmando determinado conjunto de ações e que outra esteja filmando, simultaneamente, o mesmo conjunto de ações refletido num espelho. Se os dois filmes forem projetados, depois, um assistente não conseguirá dizer qual dos dois retrata a imagem refletida no espelho.

Os drs. Tsung-Dao e Chen-Ning sugeriram o abandono do princípio da paridade para poder explicar uma série de fatos que (pelo menos na aparência) contrariavam esse princípio.

Experiências conduzidas pelo Escritório Nacional de Padrões dos Estados Unidos deram aos dois uma boa base para

a nova teoria. E o mundo científico passou a aceitar a revolução como vitoriosa.

CONTRA-REVOLUÇÃO

Aí é que entra Cesar Lattes, afirmando que a descoberta dos dois físicos sino-americanos não corresponde à realidade e que outra explicação devia ser encontrada para aqueles fenômenos que pareciam contrariar o princípio da paridade.

Lattes afirma que os fenômenos físicos não têm preferência ou orientação predeterminada e que, quando têm, outras razões — diferentes da não existência da paridade — devem ser invocadas para explicar o fato.

E' a contra-revolução, que ainda não está definitivamente provada, mas que dará a Lattes um Nobel, se chegar a ser.

QUEM É QUEM

Os drs. Tsung-Dao e Chen-Ning Yang são chineses, naturalizados norte-americanos. Tsung-Dao tem 30 anos (é o mais moço Prêmio Nobel e é professor da Universidade de Columbia. Emigrou para os Estados Unidos em 1946. O dr. Chen-Ning tem 34 anos e é professor e pesquisador no Instituto de Estudos Avançados de Princeton. Emigrou para os Estados Unidos em 1945. Ambos estudaram Física na Universidade de Chicago.

O professor Cesar Lattes tem 33 anos. Formou-se em física pela Universidade de São Paulo.

Janot espera que a chuva passe para fazer chover

O ENG. JANOT PACHECO ainda não fez chover porque sempre brigou com o Serviço de Meteorologia. Ele e o sr. Francisco Souza, antigo diretor do SM, eram inimigos e viviam discutindo, um acusando o outro de incapacidade. Nunca chegaram a um acordo e as chuvas não caíram. Agora, porém, com o sr. Francisco Souza morto (morreu há pouco mais de um ano) o sr. Janot Pacheco espera fazer chover. Conta para isso com a boa vontade do novo diretor do Serviço de Meteorologia, entusiasta do seu método.

A verdade é que o sr. Janot Pacheco precisa da Meteorologia para suas experiências científicas, cujo sucesso depende de previsões exatas do tempo para 48 horas, e demais informações climatológicas e locais da área onde vai ser realizada a experiência. Se o Serviço de Meteorologia tem condições para fornecer essas informações, não se sabe. Mas o fato é que até hoje o engenheiro Janot Pacheco espera por elas.

A nova experiência do sr. Janot Pacheco vai ser patrocinada pelo Clube de Engenharia. Há dois anos, o sr. Maurício Joppert, presidente do Clube resolveu investigar o método de fazer chover do sr. Janot (que é sócio do clube). E nomeou uma comissão composta dos engenheiros Ajuricaba Fleury de Amorim, Nearch da Silveira Azevedo e Moacir Malheiros, para estudar o assunto.

Depois de longos estudos a comissão

concluiu pela possibilidade (teórica) do método Janot Pacheco. Apresentou o parecer do Conselho Diretor do Clube e passou a patrocinar a experiência. Dizem os engenheiros da comissão que o método tem bases científicas e pode ser aplicado com sucesso. Tudo dependendo das condições do tempo e das informações do Serviço de Meteorologia.

Além do apoio do Clube de Engenharia e da boa-vontade do Serviço de Meteorologia (agora) o engenheiro Janot Pacheco conta com a cooperação dos Ministérios da Agricultura e da Aeronáutica. O Instituto de Química Agrícola ofereceu-lhe as drogas químicas necessárias à experiência. Essas drogas são muito caras e ele não podia comprá-las.

Para que o engenheiro Janot Pacheco faça chover é preciso:

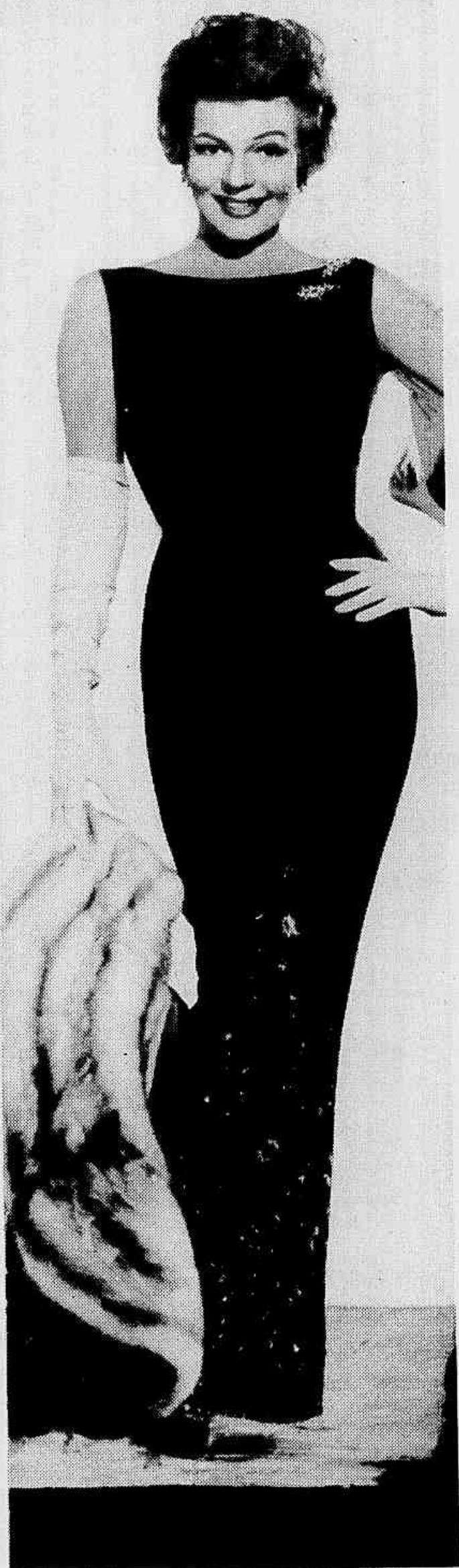
1. Tempo bom para início da operação e com previsão de se manter bom por mais 48 horas.
2. Ausência de frentes, perturbações ou chuvas (não adianta fazer chuvas artificiais com chuvas naturais — disse-nos um engenheiro da Comissão Técnica) num raio de 300 quilômetros em volta do Distrito Federal.
3. Previsão de céu limpo ou com nebulosidade muito fraca para as próximas 48 horas.
4. A velocidade do vento não deve ultrapassar 10 nós.

As experiências com chuvas serão realizadas na praia de Guaratiba, no Rio.

Uma delas será feita com cúmulos já formados (apenas instabilidade do tempo), sem possibilidade de chuvas — apenas com nebulosidade. A outra sem cúmulos formados (instabilidade) e nebulosidade.

No Paraná será realizada uma experiência de previsão de geadas e em São Paulo (Congonhas) outra para dissipação de nevoeiro. Todas as experiências serão repetidas até que fique provada a eficiência do método de Janot Pacheco.





Kim conquista

Frank Sinatra em "Pal Joey" mas os
críticos preferem Rita

KIM NOVAK E RITA HAYWORTH SÃO OS DOIS CARINHOS DE SINATRA



O MUSICAL "PAL JOEY", que acaba de ser lançado nos Estados Unidos, vai figurar entre os grandes êxitos do ano, segundo os críticos mais exigentes. Para o fã, o filme tem um sabor especial: reúne Kim Novak e Rita Hayworth em disputa de Frank Sinatra. Para os que acompanham o movimento dos bastidores, o grande duelo não é pela posse de Sinatra, e sim pela supremacia nos estúdios da Columbia.

Ao se afastar em 1953, por "desencanto com Hollywood" e por "motivos matrimoniais", Rita deixou vago o trono da Columbia. Vários argumentos comprados a peso de ouro ficaram sem uma estrêla. O veterano Harry Cohn, presidente e chefe de produção da companhia, mobilizou seus caçadores de talentos, disposto a criar uma estrêla em regime de urgência. A solução veio com a modelo Marilyn Pauline Novak, hoje Kim Novak.





Sinatra
a grande
figura
de um
musical adulto



ASCENSÃO DE KIM

Quando ante-projeto de estrêla, Kim Novak era apenas uma loura que trouxera dos desfiles de modas a faculdade de agradar de todos os ângulos. Estreou discretamente em "A Morte Espera no 322". Sempre sob treinamento intensivo, apareceu em uma comédia com Judy Holliday e Jack Lemmon ("Abaixo o Divórcio!"), dirigida por Mark Robson, revelando talento em um papel curto no estilo cômico-erótico de Marilyn Monroe. Outro diretor de talento, Joshua Logan, embora aceitando contra vontade o projeto de estrêla de Mister Cohn, levou-o imediatamente à aprovação.

A insegurança (com origem em um complexo de "patinho feio" — que dizem ter sido até a adolescência), o ar distante, melancólico, quase infantil, em estranha mistura com uma forte atração sexual, compuseram uma personagem excepcional, representativa da "solidão dos belos" que Logan frisou na peça de William Inge. Foi o principal artífice da ascensão da atriz ao primeiro pôsto entre as atrações de bilheteria dos Estados Unidos, em 1956, no tradicional inquérito dos proprietários de cinemas.

Sob empréstimo ao "independente" Otto Preminger, Kim teve atuação razoável, ao lado de Frank Sinatra e Eleanor Parker, em "O Homem do Braço de Ouro". "Melodia Imortal" ("The Eddy Duchin Story") não solicitou mais que sua beleza e ternura. Mas em "Lágrimas de Triunfo" ("Jeanne Eagles"), ainda inédito aqui, funcionando pela primeira vez como centro absoluto do interesse de um filme, em papel exigente — Jeanne Eagles foi uma atriz teatral que terminou seus dias viciada em álcool e entorpecentes — Kim passou mal com os críticos. O filme também foi duramente atacado, embora não se constituísse em fracasso comercial. Finalmente, antes de estrear "From Among the Dead", o último "thriller" de Hitchcock, ela fez "Pal Joey", que no Brasil será "Meus Dois Carinhos". No filme, Kim vence Rita na luta por Sinatra, mas nas comparações dos críticos sai perdendo.

A VOLTA DE RITA

"Eles me pegaram num momento de fraqueza", diz Rita Hayworth sobre seu retorno à Columbia, após anos de negociações. "Eles me assustaram. Disseram não saber se o público me aceitaria após três anos de ausência. Eu precisava de dinheiro. Por isso fiz esse contrato que não me dá direito a seleção de "scripts" ou opinião sobre os filmes".

Contudo Rita foi feliz em seus primeiros dois filmes: "Lábios de Fogo" ("Fire Down Below"), com Robert Mitchum e Jack Lemmon, um melodrama passionai filmado em Trinidad; e "Pal Joey". Embora um pouco passada (39 anos), voltou com disposição de recuperar o terreno perdido para a florescente Novak (24

anos). No primeiro combate frente a frente, exibindo tôdas as armas permitidas pela censura, a vitória foi sua. Mas Kim parece firme no trono. Numa indústria que trabalha principalmente para o público de 15 a 25 anos, sua juventude é um trunfo capital. E a tôda-poderosa máquina publicitária está a seu favor num programa a longo prazo.

SINATRA SENSACIONAL

A grande figura de "Pal Joey" é Frank Sinatra. No papel título, o "Amigo Joey", um cretino amável, conquistou todos os observadores. "Tremendo" foi o adjetivo escolhido pelo semanário "Time" para seu trabalho. "Sinatra não dança no filme, mas enche a tela de ritmo cada vez que se move".

"Pal Joey" não é o que Hollywood costuma fazer sob o título "diversão para tôda a família". É um musical nos moldes "adultos" que a vanguarda do cinema americano vem adotando com sucesso.

Antes dos letreiros, Joey já está exercitando suas qualidades de "gostosão" com a filha de um prefeito. Em consequência, é expulso da cidade e obtém um emprêgo de introdutor do "show" em um "night-club" de San Francisco, onde conquista tôdas as garôtas disponíveis. Sua sorte grande é uma ex-dançarina de "strip-tease" (Rita Hayworth) que subiu à alta sociedade. Em troca de dinheiro para abrir um "night-club" ("Chez Joey"), o herói vive com Rita, sem abdicar da deliciosa companhia de Kim Novak.

DINHEIRO EM CAIXA

"Pal Joey" não está bem servido de diretor. George Sidney, emigrante da Metro ("Escola de Sereias", "A Favorita de Júpiter"), fez escola no grupo mais vulgar da produção do Leão. Na Columbia, seu segundo veículo para Kim Novak ("Jeanne Eagles"), parece mais fraco que o primeiro ("Melodia Imortal"). Mas "Pal Joey" era sucesso garantido. O personagem de John O'Hara, levado ao teatro pelo novelista, com músicas de Richard Rodgers e letras de Lorenz Hart, impôs-se por duas vêzes (1940-41, 1952-53) ao público da Broadway.

O filme conserva as canções da peça, acrescentando mais quatro antigas dos mesmos autores: "The Lady is a Tramp", "Funny Valentine", "I Didn't Know What Time is Was", "There's a Small Hotel". Das originais, as mais elogiadas se chamam "Bewitched, Bothered and Bewildered" e "Zip" ("The way to my heart is unzipped again..."), interpretadas por Miss Hayworth, e "Write a Book" na voz de Sinatra, que a passagem dos anos só consegue melhorar. E a coreografia é de Hermes Pan, que recentemente contribuiu com os números de Fred Astaire, especialmente "Ritz Roll and Rock", para o sucesso da "Ninotchka" musical. "Meias de Sêda".





BABINSKI

Léo Victor

O vagabundo e o menino

PRIMEIRO CAPÍTULO

HAVIA JÁ QUINZE DIAS que a cidadezinha de veraneio, encravada em cima da Serra dos Órgãos, amanhecia com frio e cerração.

De um modo geral, isso significava bom tempo para os moradores do lugar. Mas só o velho Chico, que gozava de reputação de ser a maior autoridade no assunto, é que poderia determinar até quando aquela neblina do amanhecer garantiria realmente bom tempo.

"Seu" Chico era um prêto velho, nascido e criado na cidade, quando ela ainda não passava de uma grande fazenda, doada pelo imperador a um estrangeiro rico que se propusera a colonizar aquelas terras. Agora, passados tantos anos, a vida o encontrara como guarda-freios da estrada de ferro. Completara, há muito, o tempo necessário para se aposentar, mas recusava-se a deixar o trabalho, porque não saberia o que fazer dos seus dias. Prever o tempo era interessante, uma diversão, não um trabalho do homem, se bem que para as pessoas do lugar que viviam preocupadas com êsse assunto, isso estivesse longe de ser uma brincadeira. No inverso, não havia muito o que fazer e falar no frio, lembrar dos anos em que os invernos tinham sido mais rigorosos, sempre era um bom motivo de conversa.

Todos os velhos se recordavam de épocas em que o frio fôra mais intenso, e em que acontecera isso e aquilo, mas os outros sabiam que tais afirmações não passavam de conversa de velho de juízo mole, que gostava de contar vantagens.

Entretanto, a especialidade do velho Chico não era falar do passado, mas do futuro — coisa bem rara em gente velha — e previa o tempo com precisão. E' verdade que à noite ouviam pelo rádio as previsões da estação meteorológica, mas "seu" Chico tinha o mérito de sempre precedê-las e de acertar muito mais. Assim, quando havia discordância entre as previsões do boletim oficial e as do velho Chico, ninguém dava crédito ao boletim.

A própria cidade possuía um posto meteorológico, cheio de aparelhos niquelados, gráficos e funcionários especializados. Mas, nada disso podia ser comparado à seriedade com que "Seu" Chico olhava as montanhas, observava a luz do crepúsculo, notava a queda da temperatura ao entardecer, calculava a velocidade do vento, examinava o comportamento dos animais e as várias outras coisas que lhe serviam de elemento para as suas previsões. Além disso — que já seria suficiente para provar a sua superioridade —, enquanto as estações meteorológicas previam o tempo para vinte e quatro horas, o prêto o fazia para semanas e meses, e chegava até a dizer, no começo do inverno, se o verão ia ser muito quente! E a verdade é que se às vezes se enganava num detalhe nunca errava totalmente. Gostavam quando ele previa um verão quente porque, quanto mais calor fizesse no Rio, mais a cidadezinha se encheria de turistas.

Na noite anterior, o rádio anunciara que o tempo continuaria bom, sem alteração, mas "Seu" Chico afirmara que o frio aumentaria no decorrer do dia, que depois, na boquinha da noite, esquentaria um pouco e, na madrugada seguinte, choveria.

Fizeram pilhéria apenas para se divertir. Mas o prêto não consentia, nem por brincadeira, que duvidassem de suas afirmações e imediatamente revelara os sinais que lhe tinham servido de base. Referiu-se à nuvem que, durante toda a

tarde, cobrira a montanha mais alta, passou a mão pelo encosto da cadeira e mostrou que ele estava vagamente úmido e, finalmente, inspirou e expirou profundamente diversas vezes para que os outros ouvissem que ele ronronava como um gato. Sim, porque "Seu" Chico considerava as montanhas e os próprios brônquios os elementos mais autorizados para lhe fornecerem as informações necessárias às suas previsões.

NA MANHÃ SEGUINTE, quando Ivan desceu as escadas do apartamento, o frio aumentara e a neblina, mais densa, dava às coisas um aspecto vago, distante e silencioso.

Ivan tinha nove anos e era filho do dono do bar da Praça, como o chamavam os veranistas, ou bar do "Seu" Ferreira, como se tornou conhecido pelo povo da terra, ainda que seu nome oficial fôsse "Bar Quinze de Novembro", com o qual "Seu" Ferreira num arroubo cívico o registrara.

O menino entrou no bar com sono e mau-humor, lamentando-se da sorte e invejando a irmã, Ceci que, estando no ginásio, podia levantar-se meia hora mais tarde, quando o frio e a cerração já tivessem diminuído. Como de costume, foi até o centro do bar e olhou o relógio no alto da parede. Fêz as contas, como todos os dias, porque ainda não entendia bem o raio daquele relógio, que em vez de ter algarismos arábicos — como todo relógio decente — tinha-os romanos, só para atrapalhá-lo. E, como sempre, dirigiu-se à mesa, gritando para o cozinheiro:

— Traz o café, Sílvia, que eu já estou atrasado!

O menino estava gordo de agasalhos. Seu rosto moreno, ainda entumecido pelo sono, revelava uma grande infelicidade. Sua vontade era permanecer na cama, porém o senso de dever, herdado da mãe, fazia com que nunca se atrasasse, se bem que, ao contrário dela, vivesse se lamuriando.

Enquanto tomava o café, Sílvia que era encarregado de fazer-lhe uma inspeção geral, perguntou-lhe:

— Você não vai pentear o cabelo?

— Para que? Não adianta.

— Olhe, sua mãe...

— Deixa pra lá! — interrompeu o menino. Os olhos pretos refletiam uma grande irritação. Suas sobrancelhas, muito grossas e unidas, lembravam a forma das asas abertas de um pássaro e, naquele momento, estavam ainda mais franzidas. Passou a mão pelo cabelo curto, duro e crespo, para despenteá-lo mais, embora isso não fôsse possível.

— Você precisa é de levar um sóco nesse nariz arrebitado para deixar de ser malcriado.

— Dá, se tu é homem! — desafiou o garoto.

Sentia um ódio feroz do Sílvia, dos homens, do mundo, da vida. Levantar com aquele frio, sabendo os outros detidos, era demais!

Acabou o café, pegou o guardanapo, olhou para o cozinheiro e limpou a boca na manga do suéter. Sílvia não aceitou a provocação. Depois, levantou-se e foi ao balcão das balas e tirou um maço de cigarros de chocolate.

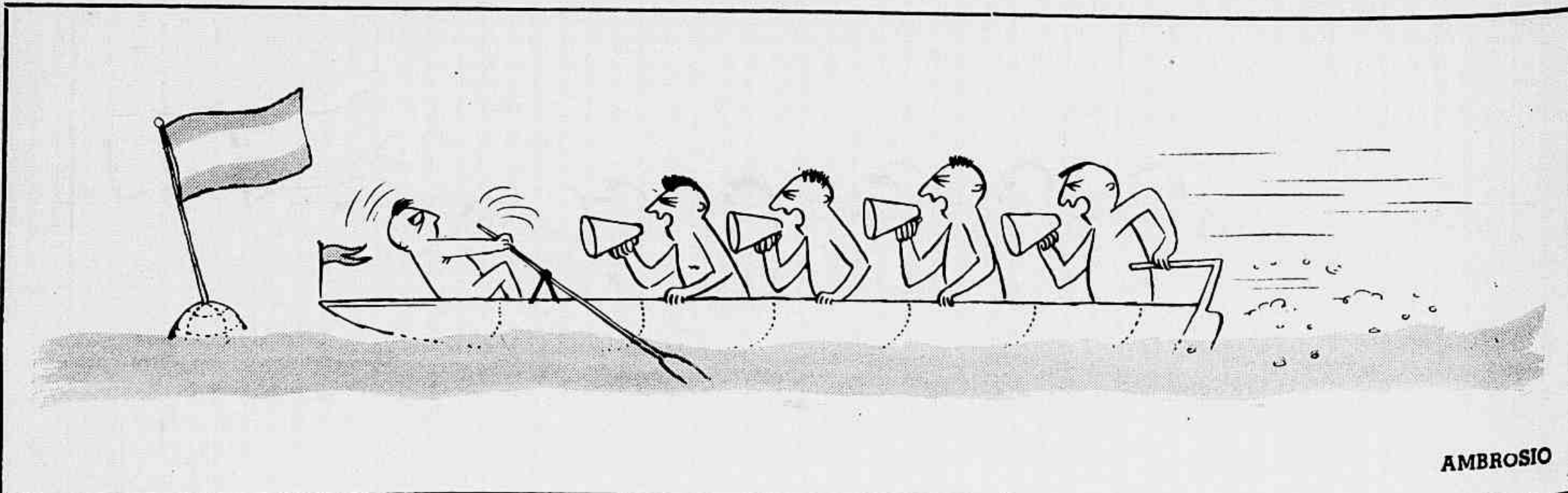
Pela centésima vez, Sílvia repetiu a advertência:

— Sua mãe já disse para não apanhar nada aí, sem ordem dela.

— Nem te ligo! — respondeu Ivan sorrindo e saiu vingado em direção à escola pública.

Ia todo encolhido, com as mãos nos bolsos do sobretudo novo, a pequena pasta embaixo do braço e na boca o cigarro de chocolate. O humor do menino se alterara repentinamente e ele agora divertia-se, fingindo fumar. Chupava o cigarro e depois, pelo canto da boca, soltava o hálito que, em contacto com o ar frio, se transformava numa nuvem bem parecida com uma daquelas grandes baforadas do pai, quando fumava com as mãos ocupadas, servindo a freguesia no bar da Praça.

A praça, que Ivan atravessava naquele momento, era o que havia de mais bonito na cidade. Nela ficavam os bancos dos namorados, os canteiros de hortênsias, os velhos pinheiros, o "play-ground" e o campo cimentado de basquete. Em torno, as melhores casas. O bar do pai de Ivan, com cadeiras na calçada. A estação da estrada de ferro e o hotel. No verão, surgiam miniaturas de charretes, puxadas por bodes e carneiros, carrocinhas de frutas, de pipocas e



AMBROSIO

de sorvetes. O campo de basquete era iluminado e realizavam-se jogos à noite. As cadeiras do bar enchiam-se. O playground", repintado, de cores vivas, povoava-se de crianças. Burrinhos resignados, de olhar filosófico e superior, carregavam meninos pálidos e tristes, muito limpos e bem vestidos.

Isso no verão, porque no inverno tudo aquilo ficava abandonado e deserto. Só havia mesmo um pouco de movimento à noite, quando chegava o trem. Todos iam sempre esperar o trem — ou talvez uma pessoa que nunca chegava — e depois as moças rumavam para casa e os homens para o bar onde bebiam, jogavam cartas, conversavam ou liam o jornal que o trem acabava de trazer.

Se no verão a praça era uma espécie de sala de visitas da cidadezinha, o seu coração coletivo, no inverno, o ponto de reunião era o bar. Mas isso acontecia devido unicamente ao frio, porque, mesmo no inverno, os moradores se orgulhavam de sua praça e a vigiavam. Esse zelo começou depois que um veranista — o que possuía a melhor casa em torno da praça — trouxera um jardinista de fama internacional que desenhara um projeto para transformar a antiga praça triste e feia naquela que é hoje. O tal jardinista conhecia muito bem o seu ofício e, sem destruir os velhos pinheiros, projetara os canteiros e estradinhas, com a reserva de espaço para o plantio de outras árvores, desenhara o "playground", o campo de basquete, enfim, mudara inteiramente a fisionomia da praça, transformando-a num local realmente agradável, alegre e cheio de sol.

A princípio essa mudança radical encontrou certas dificuldades. O primeiro obstáculo surgiu quando uma comissão de moradores foi ao prefeito e, a título de colaboração, apresentou-lhe os planos. O prefeito examinou todos aqueles desenhos coloridos e ouviu atentamente as explicações do jardinista, que se estendeu até sobre motivos sociais e psicológicos, além, é claro, dos político-administrativos. Depois de ouvir tudo, a autoridade, fingindo — ou sentindo mesmo — uma súbita tristeza, alegou a dificuldade sempre presente: a maldita falta de verba. Os moradores saíram desanimados, mas foi um desânimo passageiro. Em seguida, convocaram reuniões tumultuadíssimas, terminando num entendimento geral. Então, voltaram ao prefeito com a solução. No fim do discurso, Augusto — o pintor — declarou que, concedida a licença, a praça seria feita sem "qualquer ônus para a municipalidade". O prefeito concordou, todos se abraçaram e se felicitaram. Como providência inicial, uma lista de contribuições foi aberta e fez uma peregrinação pelas casas em volta da praça, rumando depois para as ruas secundárias. Assim que atingiu uma quantia razoável, iniciaram-se os trabalhos, tendo em cada morador, além dum sócio capitalista, uma espécie de capataz, arquiteto ou engenheiro, que

arriscava seu palpite nem sempre recebido com tolerância pelos outros.

Era natural, portanto, que se julgassem donos da praça, porque ninguém se recusara a contribuir na medida das suas possibilidades para sua construção e, agora, todos se sentiam satisfeitos e recompensados.

Ivan também achava a praça muito bonita. Não assinara na lista, mas seu pai o fizera, o que era a mesma coisa. Apenas, — e isso já lhe havia custado várias descomposturas e puxões de orelhas — a praça era cheia de estradinhas, de curvas suaves, de canteiros de formas abstratas, formando um todo muito harmonioso, na verdade, mas que, do seu ponto de vista, não funcionava bem. Ora, ele precisava atravessar a praça, todas as manhãs. Fazia frio e ele sentia-se cheio de sono e preguiça. Era claro que desejava encurtar o caminho. Então, espiava para os lados, para ver se alguém o observava, e ia atravessando tranqüilamente por cima dos canteiros, "brincando de fumar", e com uma vaga sensação de ser muito mais esperto do que os outros.

DE REPENTE, Ivan avistou o homem dormindo na grama úmida, bem no meio das hortênsias. Era tão magro, tão pálido, que assim, de olhos fechados como o menino o via, parecia um cadáver.

Por alguns instantes, Ivan não conseguiu se mexer. Olhava sua descoberta, fascinado e com medo, o coração batendo apressadamente. Pôs-se a examiná-la. Era um homem comprido, todo anguloso e descarnado. Tinha uma barba rala, os olhos fechados nas órbitas ossudas, a boca aberta, os zigomas altos, salientes, e as faces cavadas. Não usava camisa, mas apenas um dólmã de colegial, cáqui, muito curto para seu tamanho, e atacado com pedaços de arame. No peito magro, Ivan notou uma grande cruz de madeira, presa ao pescoço por uma fita encardida. Calças largas e compridas, dobradas em baixo e enlameadas. Os pés e as mãos gretados, feridos, eram sobretudo extraordinariamente descarnados. Na cabeça, um chapéu sujo, já sem forma, bem enterrado e puxado sobre a testa. Entretanto, o que

mais atraía a atenção do menino eram os olhos do homem. Davam-lhe a impressão de que não pertenciam àquelas órbitas. Eram muito menores do que elas, embora fossem enormes. Foi isso que lhe deu a certeza de que o homem estava morto. Morto, depois de uma longa e devastadora enfermidade. Porém, mesmo naquele momento, não correu logo, nem se moveu. Alguma coisa o atraía, o prendia junto ao estranho. Quando teve consciência disso, é que foi assaltado pela angústia. virou-se rápido, deixou cair a pasta e o cigarro de chocolate, e correu gritando.

O pai, a mãe, os vizinhos, todos muito nervosos, vieram ver o morto que Ivan descobrira. Constataram logo que o homem apenas dormia. Repreenderam o menino, acordaram o homem e mandaram-no embora. O desconhecido obedeceu, sorrindo. Uma velha scandalizada pelo fato dele transformar a praça em albergue noturno, disse o que sempre dizia a propósito de tudo:

— Só faltava mais essa! É o fim do mundo.

Mas, naquela noite, o homem surgiu novamente e ficou parado na calçada do bar, olhando para dentro. Não havia medo nele. Apenas curiosidade, talvez fome. Com certeza, frio, pois tinha os ombros encolhidos, os braços cruzados diante do peito, e tremia.

As pessoas dentro do bar, que se conheciam todas, não se sentiram bem diante daquele estranho. A princípio, fingiram não se aperceber de sua presença. Mas depois, diante do seu olhar, e sobretudo diante do seu sorriso humilde, não puderam evitar uma sensação de profundo mal-estar e, sem o confessar — sem mesmo o saber — ficaram com medo dele.

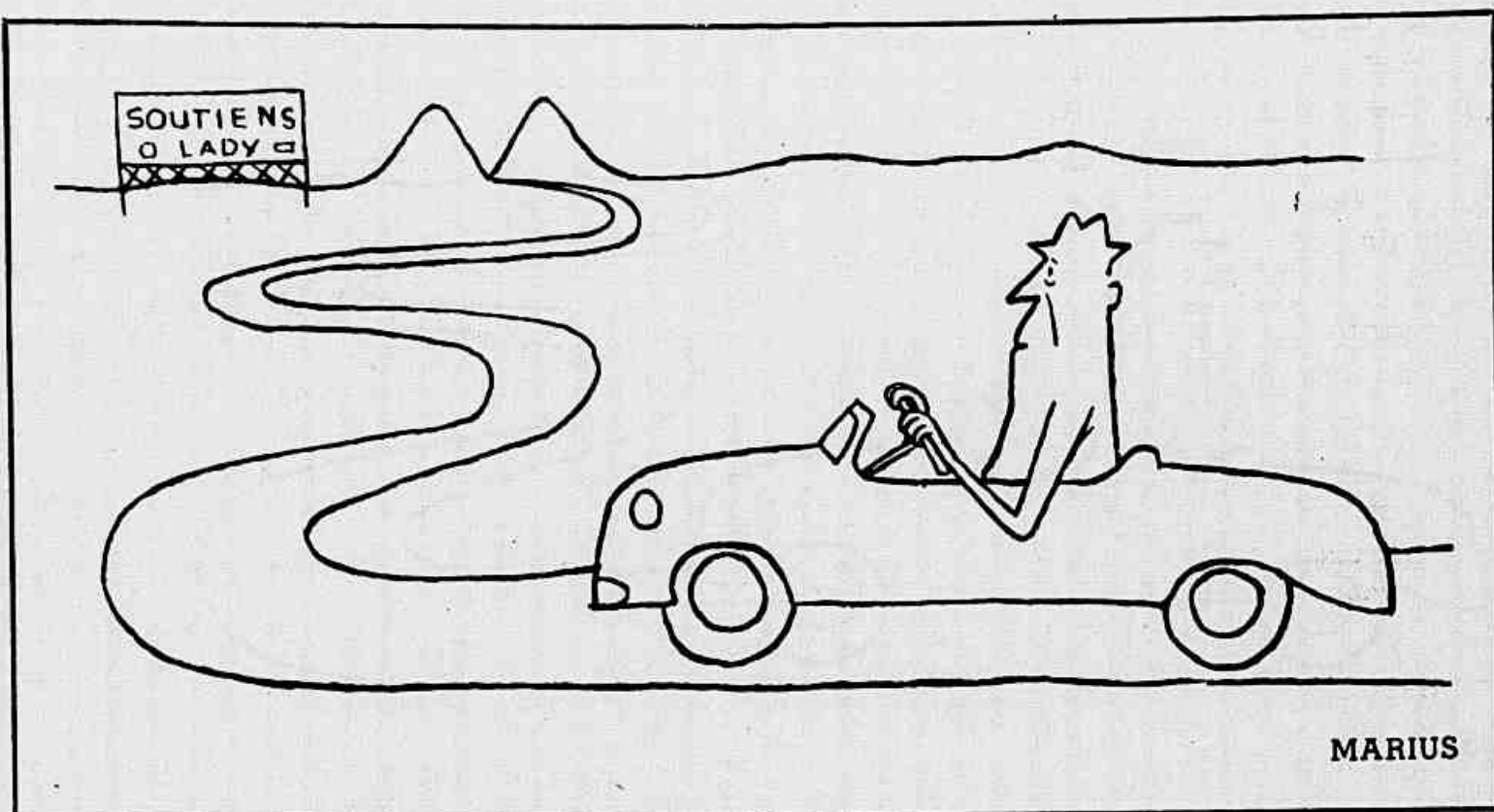
Ivan, muito nervoso, catucava o pai!

— Olha ele ali de novo! Olha ele ali!

"Seu" Ferreira ainda hesitou. Mas Ivan insistia:

— Olha ele ali, pai! Olha ele ali!

Então decidiu-se. Pegou de um cacete comprido que guardava em baixo do balcão para medida de emergência para as horas de conflito no bar e dirigiu-se à porta, seguido de outras pessoas.



Ivan falou muito baixo. E foi curioso que, tendo falado tão baixo, todos tivessem podido ouvir distintamente seu pedido feito em tom de súplica:

— Não bate nêlo, pai!

"Seu" Ferreira, irritado, gritou primeiro com o estranho, mas logo em seguida os outros se puseram também a gritar, a ofendê-lo, a ameaçá-lo, a ordenar que fôsse embora. O homem obedeceu, sorrindo, desaparecendo dentro da noite.

Entretanto, bem cedinho, na manhã seguinte, estava outra vez sentado num banco, perto do bar. Parecia que tinha necessidade de companhia, que lhe era indispensável ver gente, ao menos de longe.

Então "Seu" Ferreira resolveu tirar as coisas a limpo. Ele não era apenas o dono do bar. Sentia-se também responsável pela praça, pela boa ordem de toda aquela área. Com alguns amigos, aproximou-se do estranho e submeteu-o a um interrogatório. Queriam saber de onde era. Como se chamava. Em que espécie de trabalho se ocupava.

O estranho sorria. Não tinha nenhuma consciência de que aquelas pessoas pudessem lhe fazer algum mal e sim apenas companhia. Sorria a todos. A tudo respondia afirmativamente.

De início, perguntaram-lhe se ele fazia parte dos milhares de trabalhadores despedidos, quando os serviços da estrada de rodagem tinham sido suspensos. Assim que ele confirmou, "Seu" Ferreira apertou fortemente o cacete e preparou-se para o pior. Pensou imediatamente nos aborrecimentos que aqueles trabalhadores haviam causado à cidade, quando tinham sido sumariamente despedidos por força de um corte de verba. Eram homens primários, vindos de longe, e quando se encontraram sem emprêgo e abandonados à própria sorte, reuniram-se em bandos, e andavam por ali bebendo, roubando e provocando toda sorte de desordens.

Mas, logo outro curioso, sem acreditar muito na primeira afirmação do estranho, perguntou se ele era algum nordestino que batera com os costados ali, tanguido pela seca. Imediatamente, ele concordou. Um terceiro, mais incrédulo ainda, perguntou se ele era dali mesmo. Um quarto, se tinha mulher e filho. Outro, se era biscateiro ou lavrador. A tudo, com extraordinária seriedade, o estranho dizia sim e sorria.

O interrogatório prosseguiu e, à medida que iam fazendo as perguntas, perdiam o medo e o respeito. No fim, até o chamavam de bôbo, de maluco e, mesmo nessa ocasião, o estranho sorria e confirmava.

Então, convenceram-se de que era um idiota e deixaram de temê-lo.

Pois sabiam que um homem com frio e fome muito facilmente pode tornar-se perigoso, mas um idiota, mesmo com frio e fome, é sempre inofensivo.

OS CAMINHOS DE HERMILO

DO PONTO de vista editorial, a semana foi boa, com um grande lançamento no domínio da História Política Brasileira (o livro de João Camilo de Oliveira Tôres, "A Democracia Coroadada, Teoria Política do Império do Brasil", Livraria José Olympio, 1957, 589 páginas), uma boa reedição ("A Estrêla Sobe", de Marques Rebello, pela Martins de São Paulo), uma apresentação em grande gala das "Poesias Completas" de Fagundes Varela (Companhia Editôra Nacional, três volumes), e com a estréia, no gênero romance, do teatrólogo e ensaísta Hermilo Borba Filho ("Os Caminhos da Solidão", José Olympio, 1957, 239 páginas).

CAMINHOS DE HERMILO BORBA FILHO — O autor do romance, Hermilo Borba Filho, é pernambucano, acaba de completar quarenta anos, e reside em São Paulo, vivendo exclusivamente do que escreve e traduz. Formou-se em Direito, sem exercer jamais a profissão. Entre seus títulos de glória, figura o de ter fundado e dirigido por muito tempo o Teatro do Estudante de Pernambuco, o qual deu origem por sua vez ao chamado "Teatro do Nordeste". H.B.F. já escreveu peças de teatro representadas, com êxito, em todo o país: "Electra no Circo", "João Sem Terra", "A Barca de Ouro", etc. Crítico teatral do "Correio Paulistano", vice-presidente da Associação Paulistana de Críticos Teatrais, membro da Comissão Estadual de Teatro.

O ROMANCE — Em "Os Caminhos da Solidão", o personagem central, André, após ganhar a confiança de um senhor de engenho, o coronel Raimundo, conquista uma posição de relêvo na administração do banguê "Trombetas". O coronel dá-lhe tudo, desde uma amante, Adélia (de quem vem a ter dois gêmeos), até, afinal, à mão de sua filha Rosa. Essa, a ação da primeira parte do livro (que se chama "A Viagem" e tem, como epígrafe, uns versos de Tennyson). Na segunda parte ("A Família", epígrafe, um verso de Bécquer), passada muitos anos depois, André, já senhor do engenho, pela morte do sogro, recapitula lances anteriores; desde que seu filho (do casamento com Rosa) nasceu, a esposa passou a evitá-lo. Frederico (que assim se chama a criança) passa a ser o centro do interesse geral. Mas Frederico é morto, numa disputa com o filho natural de André, Paulo, por haver violentado Paula, irmã gêmea de Paulo, portanto, sua meia-irmã. Também Paulo morre no combate. Tonico, irmão de Adélia, antigo capataz do coronel Raimundo, volta para vingar a honra da irmã, matando André. Mas compreende que deixando-o vivo, entregue à solidão, sua vingança será

mais terrível. Há outros personagens menos importantes, no livro: Margarida, filha de André e Rosa, o padre Deodato, e as duas irmã solteironas, Rosaura e Rosita. Uma trama de tragédia grega, com incestos, fatalidade, vinganças, mortes e solidão, num verdadeiro romance em dois atos.

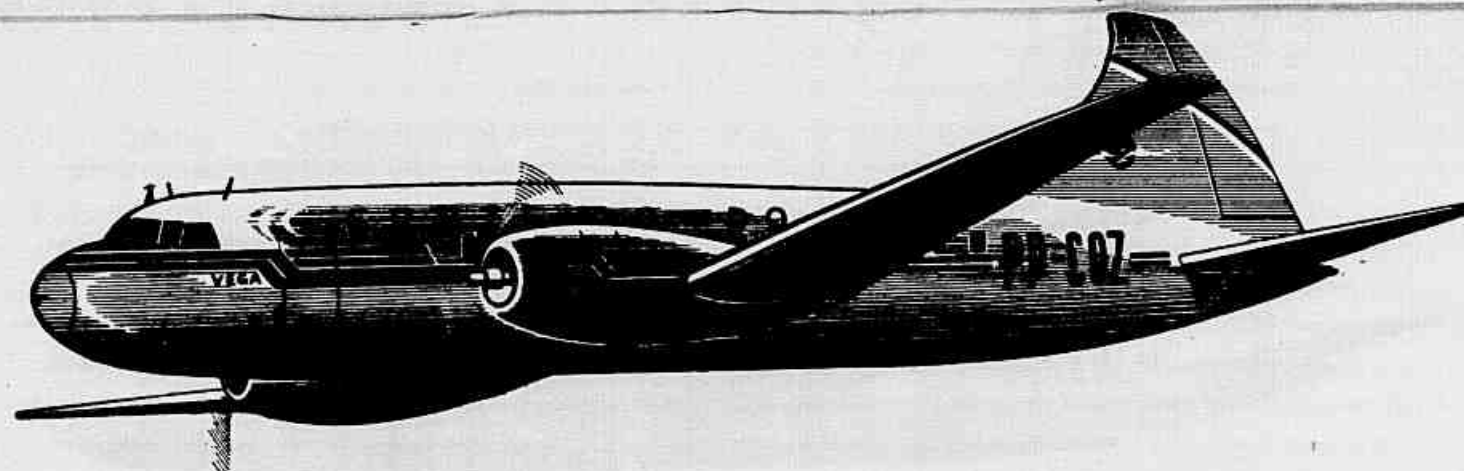
A TÉCNICA — O autor lança mão da chamada **técnica contrapontística**, já utilizada por vários outros escritores nacionais: Érico Veríssimo, Rui Mourão, entre outros — e para só citar dois autores, um já tendo atingido a casa dos cinquenta, outro mal saído da dos vinte anos. Convém salientar que quando os personagens raciocinam, nos grandes períodos em itálico que atravessam todo o livro, o estilo de Hermilo Borba Filho agrada mais. Nas cenas descritivas, sua habilidade é menor. A narrativa é um tanto apressada demais, porém há sugestões preciosas (como logo no início da segunda parte do romance: para sugerir o passar dos anos, e o envelhecimento de André, o escritor apenas utiliza, em dado trecho de sua prosa, o vocábulo **óculos**), achados poéticos, e trechos de grande dramaticidade, que nos levam a indicar "Os Caminhos da Solidão" como um bom romance. Sendo de se notar, ainda, e até certo ponto somente, pequena semelhança entre esse livro, e o recentemente publicado romance "Marcoré", de Antônio Olavo Pereira, a quem, aliás, o livro está em parte dedicado.

OS FATOS

*** O PRÊMIO "Monteiro Lobato", de Literatura Infantil, anualmente distribuído pela Prefeitura do Distrito Federal, coube esse ano à cronista Eneida, pelo seu livro "Sujinho de Terra". O prêmio tem a dotação de 50 mil cruzeiros. *** FÊZ ANOS a escritora Dinah Silveira de Queiroz, que não faz muito publicou "As Noites do Morro do Encanto". *** COMEMORANDO, COM churrasco, o cinquentenário do escritor carioca (residente em São Paulo) Luís Martins. *** A RUA General Garzon, na Gávea — rua em que morava José Lins do Rêgo, e onde ainda reside sua viúva —, passou a ter o nome do escritor paraibano. *** NOVE ESCRITORES se reuniram no volume "Nove Elas São...", cada qual com uma história: a já mencionada Dinah Silveira de Queiroz, Emi Bulhões de Carvalho, Rachel de Queiroz, etc. Ressalte-se o mau gosto do título, um trocadilho abominável. *** RETORNOU da Europa o colunista literário Valdemar Cavalcanti. *** TAMBÉM O poeta Manuel Bandeira já deu por encerrada sua viagem à Inglaterra.

com alguns cruzeiros por mês
faça o seu cruzeiro aéreo inesquecível
pela Cruzeiro do Sul

voando pelo



'cruzeiro a prazo'



O sistema ideal de crédito que facilita a sua viagem de férias ou negócios. Realize o seu grande desejo, voando para o norte ou para o sul, para leste ou para oeste, pagando suavemente, em prestações mensais pelo plano "CRUZEIRO A PRAZO".

Venha fazer conosco "um roteiro feliz de boas viagens", escolhendo os vôos e as

idades de s/ preferência e os nossos aviões, modernos e confortáveis tornarão realidade inesquecível o seu sonho de ontem.

Faça a viagem mais feliz da sua vida, escolhendo o conforto, a rapidez, a cor-tezia e a pontualidade como seus com-panheiros de boa viagem. Prefira os



nossos aviões como cicrones perfeitos da sua excursão de férias ou turismo e de prazer nos seus negócios.

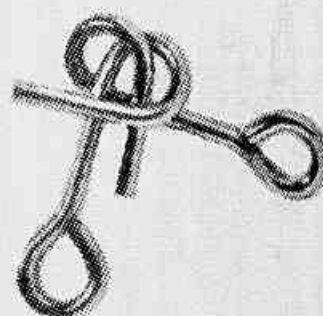
Utilize o "CRUZEIRO A PRAZO" o sistema de "crédito confortável e amigo" que o ajudará a viajar muito, pagando aos poucos.



SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL

Av. Rio Branco, 128 - Tel.: 42 6060 — Av. Nilo Peçanha, 26-A - Tels.: 32-7000 e 42-6060 - R. 206

QUEM É VOCÊ?



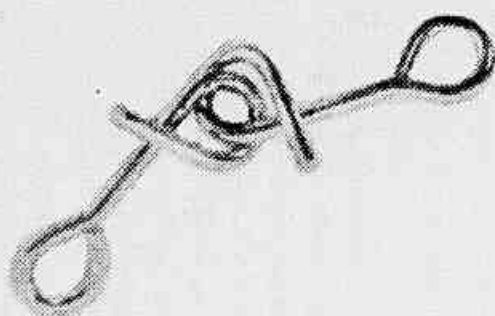
IZA — 64 anos — Profunda insegurança. Sente-se sozinha e incompreendida. Sem ilusões, sem esperanças. Admiração pela Suze. Sente-se esquerda no ambiente em que vive. Que faz você para se distrair, para ocupar seu espírito?

BAILARINA — 45 anos — Infância num ambiente cheio de constrangimentos, família muito atada a preconceitos tolos. Hoje se sente mais livre, mais dona de si mesma, porém está confusa, sem ordem. Não pôs o marido no teste... nem se colocou. Que sorte a sua, hein, Bailarina: duas empregadas crias da casa. Ainda bem que você as retribui considerando-as da família. Você é bondosa e tem pena da irmã — ela tem a perna doente? Acha que Marta precisa ter um pecúlio. Sente que sua mãe se interessa muito por Suze.

GUAPORÉ — 28 anos — Nossa Senhora, Guaporé... quanto conflito, quanta incompreensão em sua família. Você com o gênio que tem há de tornar difícil qualquer convivência. Trate de controlar-se. Isto depende, geralmente, de um bom sistema nervoso. Procure um médico e trate-se. Tem notáveis tendências artísticas mas a irritabilidade há de entrar seu pleno desenvolvimento. Muito organizado.

TEIMOSA — 21 anos — Você pode ser teimosa, mas seus outros defeitos são em pequeno número. É uma mocinha equilibrada, sensível, amiga dos seus. Queria que o pai fosse mais dedicado à mãe mas, mesmo assim, gosta muito d'ele. Um pouco tímida, somente.

CABEÇA CHATA — 63 anos — Infância infeliz, sem paz, sem brinquedos. Fêz-se por si mesmo, subiu à custa própria. Cansado de agüentar parentes. Encantado com a filha. Fêz o teste sob pressão, desconfiado e temeroso de descobrirmos algo que desejaria esconder. Não faz muito boa idéia de si mesmo. É um homem bom. Nervoso demais — precisa cuidar dos nervos, sr. Costa.



GARÇA — 22 anos — Seu teste me fez ter pena de você, Garça. Uma mocinha nova, sensível, com muito jeito para desenho (suas figuras são lindas...) e que se sente como adolescente ainda — incompreendida, isolada, sem carinho da família. Com complexos de sardas — ora, tôla, dizem que a Morango tem sardas e foi a segunda mais bela do mundo — para não falar em Elisabeth Taylor. Acha a irmã solteira sofisticada, artificial demais. Lamenta que a casada tenha tantos problemas econômicos. O pai é intelectual e vive no mundo da lua. Você só precisa agir, Garça. Ande, aja, construa castelos e trate de os realizar.

PRECOCE — 13 anos — Precoce mesmo, menina. Bem adaptada, feliz. Um forte truncamento vocacional. Não a estão deixando estudar o que desejava? Peça que a levem a um psicólogo para orientar sua carreira. Estudar à força é absurdo, quando se deseja estudar outra coisa diferente.

FLOR DOS CAMPOS — 14 anos — Posso falar francamente? Está muito desorganizada, faz as coisas rapidamente, é impulsiva. Profunda mágoa e raiva de seu pai. Ele abandonou sua mãe? Ele é agressivo, mau para você? Já sofreu demais para sua idade. Pense, filha, que nem todos os que têm lar desorganizado são fatalmente condenados ao sofrimento como queria um psicólogo chamado Freud. Cada um tem direito a construir sua própria vida. Escreva-me que procurarei ajudar você.

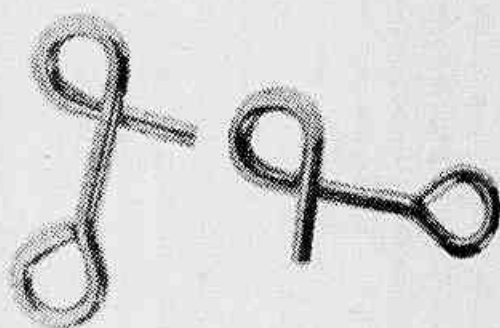
PINTADA — Desorganizada toda vida, hein, Pintada? Quer um automóvel. Este seu grande desejo. Mas pouco faz para consegui-lo. Tece planos mas não se move em proveito deles. Gosta mais da avó que dos pais. Acha o pai indiferente, alheio às injunções da família. Acha a cunhada infantil. Julga a mãe absorvente, crê que ela está tirando o seu irmão da vida da família, rouba-o à esposa. Mais ordem, menina.

WALESKA — 35 anos — Seis filhos, Waleska, que beleza. Está tendo problemas com os dois garotos — ambos são malcriados, respondem muito. Talvez você, inconscientemente prefira meninas e não saiba dar aos dois o devido tratamento. Encantada com a menorzinha. Família feliz, embora na sua infância tenha havido choques afetivos intensos e truncamentos vocacional. Mas superou tudo isto. Vontade de se distrair, de passear. Naturalmente vem sendo muito sacrificada pelo cuidado das crianças. Peça ao

marido para equilibrar sua vida de trabalhos com distrações — será mais natural.

PATRÍCIA — 25 anos — Até parece coincidência pré-fabricada. Mas ao lado do teste de Waleska — com seis filhos, vem o seu, Patrícia, com seis irmãos — e ambas são criaturas normais, equilibradas, felizes. Bem dizem os psicólogos e os biólogos que família feliz tem de ter mais de cinco membros para haver equilíbrio reacional entre os seus membros... Você está um pouco agressiva. Acha sua mãe notável, admira-a e ajuda-a muito. Decepção amorosa. Isto passa.

CEARENSE — 20 anos — Infância muito cheia de problemas. Vivia com avós — revoltada por ter sido entregue a eles enquanto sua irmã ficara com seus pais. Ainda não "desmamou" no sentido psicológico. Isto há de criar casos com seu marido, não? Preocupada com a saúde do avô — mas trate de ser mais do marido e da filha que dos outros parentes. Problemas com a filha. Ela é doente?

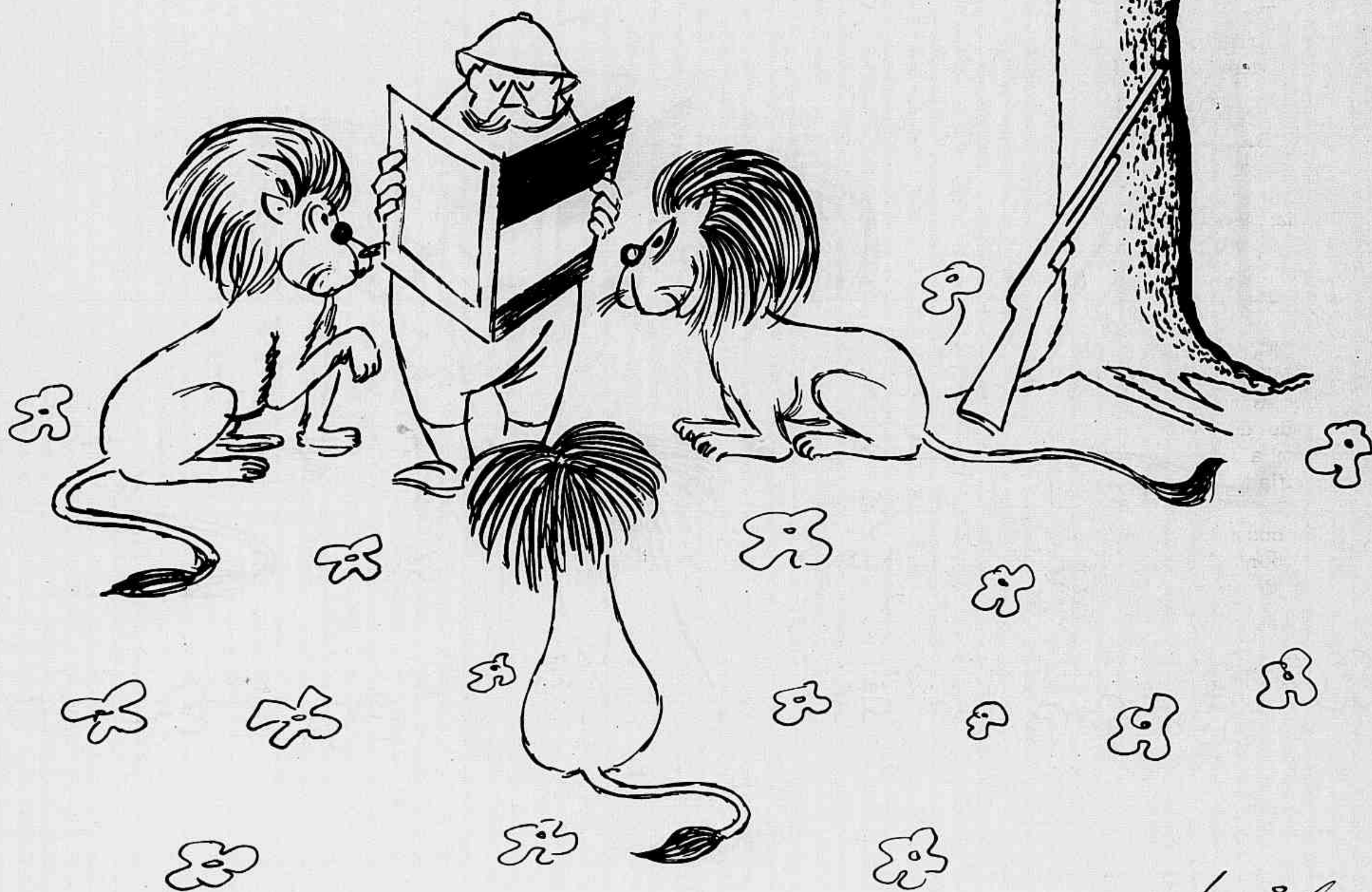


MARINA — 22 anos — Seu mal é ciúme, menina... acha que a cunhada e a sogra dominam o marido inteiramente. Se é real, revolte-se, mostre a ele os inconvenientes, faça com que ele "desmame" psiquicamente. Se é fruto de sua imaginação, filha, ceda um pouco — é natural que um homem ame os seus. Insegurança em relação ao sogro. Um teste que exprime uma situação bem estranha...

CAÇADOR DA SERRA — 23 anos — Parece incrível que haja tanta gente casada em situação como a sua, a do marido de Marina, a de Cearense. Tomo três cartas e encontro três situações semelhantes — indivíduos casados que dão tanta ou mais atenção à família de origem quanto à atual — em detrimento da pessoa com quem casaram. Você acha que sua mulher é mais mãe que esposa. Procure ser mais dela que dos seus parentes. Nenhuma mulher gosta de dividir em tal proporção...

ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1958

Com um
ALMANAQUE
EU SEI TUDO
na mão,
ninguém vê
outra coisa!



CURSO DE JORNALISMO

(POR CORRESPONDÊNCIA)

MODERNO PRÁTICO E EFICIENTE MÉTODO NORTE-AMERICANO — RESULTADOS IMEDIATOS

APRENDA
EM SUA PRÓ-
PRIA CASA
COMO SER
JORNALISTA

PREENCHA
E ENVIE
NOS HOJE
MESMO O
CUPÃO AO
LADO

INSTITUTO TÉCNICO PROFISSIONAL

CAIXA POSTAL Nº 10 — COPACABANA
— RIO DE JANEIRO —

Solicito enviar GRÁTIS o folheto sobre o Curso de Jornalismo

Nome
Rua Nº
Bairro Caixa Postal
Cidade Estado

Envie Cr\$ 5,00 em selos para as despesas

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, ele o substituirá. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e sólidamente encadernado Cr\$ 160,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

ÓLEO DE CEDRO

INEGAVELMENTE
O MELHOR PARA
OS MÓVEIS



RUA MÉXICO, 111 — 21.º — S/2.105

Tel.: 32-9415

INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA



PURIFICA O SANGUE
DE SEU FILHO

RÁDIO & TV

ANÚNCIO INVISÍVEL

O MAIS SENSACIONAL anúncio inventado para a televisão (e para o cinema) está causando debates acalorados nos Estados Unidos. Os especialistas em propaganda comercial batizaram a nova e incrível técnica com o nome de "propaganda subliminal". Motivo: o estímulo que provoca fica aquém da percepção consciente. Em linguagem mais simples isso quer dizer que o espectador não sabe que o anúncio está sendo feito, muito embora ele esteja atuando.

Garantem os técnicos que esse tipo de anúncio é muito mais atuante que qualquer outro existente, além de ser barato e simples.

Segundo informações prestadas à imprensa pelos inventores, o novo tipo de anúncio "é muito simples" e seu sucesso está no fato de ser invisível.

O nome do produto anunciado ou um "slogan" curto passam na tela a uma velocidade tão grande que os olhos "não vêem". Isto é, não têm tempo de fixar a imagem, embora ela seja transmitida ao cérebro e cumpra o seu objetivo. Justamente por ser invisível e inconsciente, atua muito mais, quase que obrigando o espectador a beber isto ou a comer aquilo.

Evidentemente, alguém que "não suporta" feijão enlatado não passará a comer feijão enlatado. Mas se ele gosta de feijão preferirá, em 90% dos casos, a marca anunciada sem que ele saiba.

A nova invenção foi vendida, recentemente, a uma firma de Nova York, que fez experiência durante seis meses num cinema de New Jersey sem que os freqüentadores soubessem que estavam sendo usados como cobaia. As vendas de refrigerantes aumentaram de 18,1% em relação às vendas normais; e as vendas de pipoca registraram um aumento de 51,1%.

Publicitários dizem que "outra das grandes vantagens do novo método é permitir uma publicidade mais franca e sincera para determinados produtos, sem chocar os espectadores".

No entanto, o anúncio invisível tem ainda algumas restrições. Não é muito aconselhável para lançar produtos novos ou pouco conhecidos. Não permite anúncios muito esclarecedores, sendo mais indicado para "slogans" curtos ou que obedecem à fórmula "beba isto", "compre aquilo", "prefira aquilo outro".

Nos Estados Unidos discute-se a validade ou não de tal publicidade, considerada por muitos como "perigosa e desleal para os espectadores". Ao mesmo tempo há quem diga que "dentro em pouco estará ultrapassada, porque se houver dez marcas de cigarros todas as dez anunciarão, deixando os espectadores na mesma situação em que estão hoje".

Mas o argumento final — em favor do anúncio invisível — parece definitivo: o novo método permitirá aumentar a freqüência de anúncios, deixando mais tempo livre para os espetáculos propriamente ditos.

NOTAS

Roberto Inglez, "o famoso diretor da Orquestra das Galas de Sua Majestade Britânica", está se exibindo no interior do Estado do Rio. "De Londres para Barra do Piraí" — dizia um cartaz à porta do Cine Esperança da cidade, onde o maestro regia alguns músicos argentinos e podia ser visto mediante ingresso de 20 cruzeiros (meia entrada e estudantes 10 cruzeiros). Disse Roberto Inglez que deixou Londres porque lá "os contratos não compensam". Vai continuar a exhibir-se no interior brasileiro e depois pretende ir viver no Chile.

xxx

Patachou está no Rio e vai a São Paulo. É a segunda vez que a cantora vem ao Brasil: a primeira (há sete anos) veio com Maurice Chevalier e com Lady Patachou. Agora, volta sem o "lady" — só Patachou. Disse que Patachou puro e simples é melhor.

NA LUA RUSSA "PELUDINHA" É O DRAGÃO

A CADELINHA que foi lançada dentro do segundo satélite artificial russo, está morta desde o dia 10, sexta-feira. O comunicado oficial que registrou sua morte não entrou em detalhes. Foram formuladas três hipóteses pela imprensa do mundo inteiro:

1. Ela morreu por ter falhado o sistema imaginado para livrá-la do "Sputnik". (Porque a cápsula onde ela estava encerrada não se desprende ou porque ela não resistiu à viagem de volta).

2. Ela foi sacrificada, talvez com uma forte dose de ópio, depois de completadas as experiências, uma vez que não havia meios de recuperá-la.

3. Ela morreu num acidente imprevisto, antes da hora determinada para a tentativa de recuperação.

A segunda hipótese é a mais provável.

Quando o "Sputnik II" subiu e começou a fazer de Lua em torno da Terra, a Rádio de Moscou anunciou que dentro havia um animal. O comunicado oficial da Agência Tass, entre parênteses, esclarecia que "o animal" era um cão. Imediatamente a imprensa de todo o mundo tomou conta do assunto, dando o nome do cão, aliás cadela.

Três nomes foram lançados — por várias fontes — como o verdadeiro: "Damka", "Kudriavska" e "Laika".

"Damka" é uma veterana cobaia para vôos a grande altitude, sendo mesmo recordista mundial de horas de vôo e de altitude (antes da era dos satélites artificiais).

"Kudriavska" — nome russo para "Peludinha" — é uma das oito cadelas ultimamente empregadas nas experiências soviéticas. Animal de grande resistência, passou em todas as provas de laboratório que testaram sua possibilidade de fazer "uma longa viagem espacial".

"Laika", esclareceu-se logo, era a raça de todos os oito animais finalistas nos testes de laboratório, candidatos (não voluntários) à primeira viagem de satélite.

Com a confusão de nomes, os jornais preferiram acreditar nas fontes logicamente tidas como mais informadas, como o correspondente em Moscou do "L'Unità", jornal comunista italiano.

Ele foi o primeiro a informar: "Não é Dumka a cadelinha que está no Sputnik II". Damka, resfriada, não chegou a ser forte candidata à viagem.

Pouco depois o mesmo senhor informava: "A cadelinha é Laika".

Para informar no dia seguinte: "Nem uma coisa nem outra. A cadelinha não tem nome, e a raça dela é que é Laika". Mas foi a Agência Tass, no dia 9, quem esclareceu: "A cadela que está a bordo do segundo satélite soviético é da raça

Laika e atendia pelo apelido de Kudriavska".

"L'Humanité" — jornal comunista francês — deu a "última palavra", segundo suas próprias informações, no dia 13: "A cadelinha é a Kudriavska II". E completava: "As oito cadelas finalistas são todas conhecidas pelos cientistas como Kudriavska e são numeradas de um a oito para facilitar. Os nomes — se é que elas chegaram a ter nomes próprios — não importam. Mesmo o apelido Kudriavska não está no plano original elaborado pelos cientistas".

"Peludinha" media 54 centímetros de altura. Era uma "Samoyedskaia Laika" (raça conhecida no Brasil como "Samoieda"). Branca e preta, parecia um "lulu" agigantado, lembrando um pouco um "pastor alemão". Arisca, orelhas de tamanho médio sempre de pé, focinho alongado, nariz preto, olhos mongólicos escuros e causa enrolada sobre o dorso. Tinha qualquer coisa de lobo e era mesmo originária de cruzamento com lobos siberianos (o que deu à raça uma extraordinária resistência). Os pelos inferiores eram sedosos (ótima proteção para o frio) e os que ficavam por cima, duros e longos (onde a neve não se prendia). Pesa-

va 21 quilos, antes de fazer um pequeno regime para perder peso.

Desde pequenina, por suas qualidades de resistência, estava destinada a cão de prova. Foi submetida a vários testes de pressão, ensinada a comer e beber às horas certas e só mostrava disposição para comer quando ouvia uma campainha. (Aliás, era assim que ela se alimentava a bordo. A campainha tocava e um sistema automático fornecia quantidades pré-determinadas de comida e água).

Os tratados caninos registram o nome "Laika" ou "Laiki" como uma espécie de cão que engloba várias raças. Os "Laika" variam de cor, podendo ser brancos, branco e pretos, ou branco-preto com castanho.

Os Ostíacos, Wogulos, Sirianos e Samoiedos (povos vizinhos, na Mongólia) tribos que se estabeleceram perto dos golfos de Ob e Taz, há 50 anos vêm se dedicando a criar "Laikas". Primitivamente isto era um privilégio dos Samoiedos, quando eles viviam no noroeste da Sibéria.

Essa espécie de cães, nativa de regiões geladas, servia de cão de pastoreio e de aquecedor. Ótimo guarda, tem a capacidade de irradiar bastante calor. Os Sa-



foto UP

Malyshka foi uma das finalistas nos testes de laboratório. Mas quem ganhou (ou perdeu) um lugar no satélite foi Kudriavska

moiedos costumavam (e ainda costumam, em certos lugares) deitar junto do seu cão, para se aquecer.

Também têm fama de ser perfeitos caçadores de lobos e de ursos.

De uma finalidade extrema, é desconfiado com estranhos. Come pouco e não tem predileções especiais, podendo passar muito tempo sem comer ou sem beber.

Muito resistente, é empregado para puxar trenós. Em toda história de expedições científicas e exploradoras nos pólos aparece um "Laika" como herói.

Nas mantilhas, há sempre um cão "guia", normalmente um macho, que conquista o lugar à força e só cede também à força.

"Peludinha" comoveu o mundo, provocando até protestos na ONU, contra os russos.

No Rio, a SUIPA (Sociedade Universal Internacional Protetora dos Animais) também fez o seu protesto. Mas logo foi divulgada a existência de duas correntes internas: uma, que apoiava a secretária, d. Lia Cavalcanti: "É um crime o que estão fazendo com essa pobre cadela"; outra, que apoiava o sr. Azevedo, o presidente: "Se essa experiência se processa em benefício da humanidade, então temos de nos curvar ante os fatos".

◇ A embaixada russa oferecia uma recepção em homenagem à delegação de cientistas norte-americanos presente à conferência de Barcelona. De repente, estourou a notícia: os russos lançaram um satélite artificial, que entrou em órbita e está circulando a Terra.

Os americanos riram muito e ergueram brindes "à extraordinária ciência soviética".

No dia seguinte os americanos, muito surpresos, souberam que a Terra tinha — de verdade — uma nova lua.

Foi a vez dos russos rirem.

◇ Imediatamente, uma agência de publicidade (a "Veritas") de San José — Califórnia, Estados Unidos — lançou um "bôlo esportivo". Quem acertar o dia em que o satélite russo cair ganhará quase um milhão de dólares.

ESTA SEMANA O MUNDO RIU E HOUE

◇ Enquanto isso a Associação dos Compositores Franceses recebia pedidos de registro para músicas com títulos assim:

"Valsa da luazinha", "Mambo da luazinha", "Sob a luz do luar artificial", "Você e a lua vermelha".

◇ Em Londres o "Savoy" acrescentou um prato ao seu cardápio (um fato considerado extraordinário). Nome do prato: "Sputnik", uma salada russa moderna.

◇ Quando a Rádio de Mascou revelou que a lua artificial estava sendo acompanhada pela última fase do foguete-transportador a anedota corre a Hungria:

"Eles não se arriscam nem com a lua. Mandaram alguém para segui-la".

◇ Reim Marandi — estudante do Conservatório de Estocolmo disse que o sinal transmitido pela lua comunista era em lá bemol. (Um repórter de Manchete, conhecido por sua desafinação, disse que os "bips" eram em si bemol).

Ouvido a respeito o maestro Villa-Lobos comentou: "Do ponto de vista musical não vejo vantagem numa lua que canta — e mal".

◇ A fim de permitir que os habitantes do pequeno porto de Agnosine — Lombardia, Itália — "ficassem protegidos das radiações perigosas emitidas pelo satélite russo", um comerciante conseguiu vender seu estoque inteiro de impermeáveis, no dia seguinte ao lançamento do "Sputnik".

◇ No Japão o preço dos terrenos em Marte subiu de 500%. A Associação Japonesa de Viagens Interplanetárias vendeu mais de 40 mil acres a mil yens o acre.

◇ Na Bolsa de Londres os títulos de uma companhia de viagens à lua (a Moon Express) subiram três pontos. E em uma semana foram vendidas mais de 12 mil

passagens que terão validade "a partir da data da primeira viagem comercial" à lua.

◇ A última moda dos brinquedos em Nova York é um satélite artificial completo, com rampa de lançamento. A "Sears", que lançou o brinquedo quatro dias depois de anunciado o feito russo declarou que "nunca houve tanta saída antes para um brinquedo. Os que não puderam comprar luazinhas "mais que miniaturas" compraram capacetes especiais e roupas de Flash Gordon".

Comentário do "Pravda": "Enquanto as crianças dos Estados Unidos brincam com essas coisas nós estamos trabalhando a sério".

◇ O "Crocodilo", jornal humorístico de Moscou, publicou na primeira página uma ilustração da viagem à lua de Júlio Verne, uma foto de um filme "Science-fiction" inglês e um quadrinho da história de Flash Gordon. A legenda dizia:

Franceses, ingleses e americanos inventaram coisas e nós fizemos o que eles inventaram. Agora é a nossa vez de inventar, para ver se eles conseguem fazer".

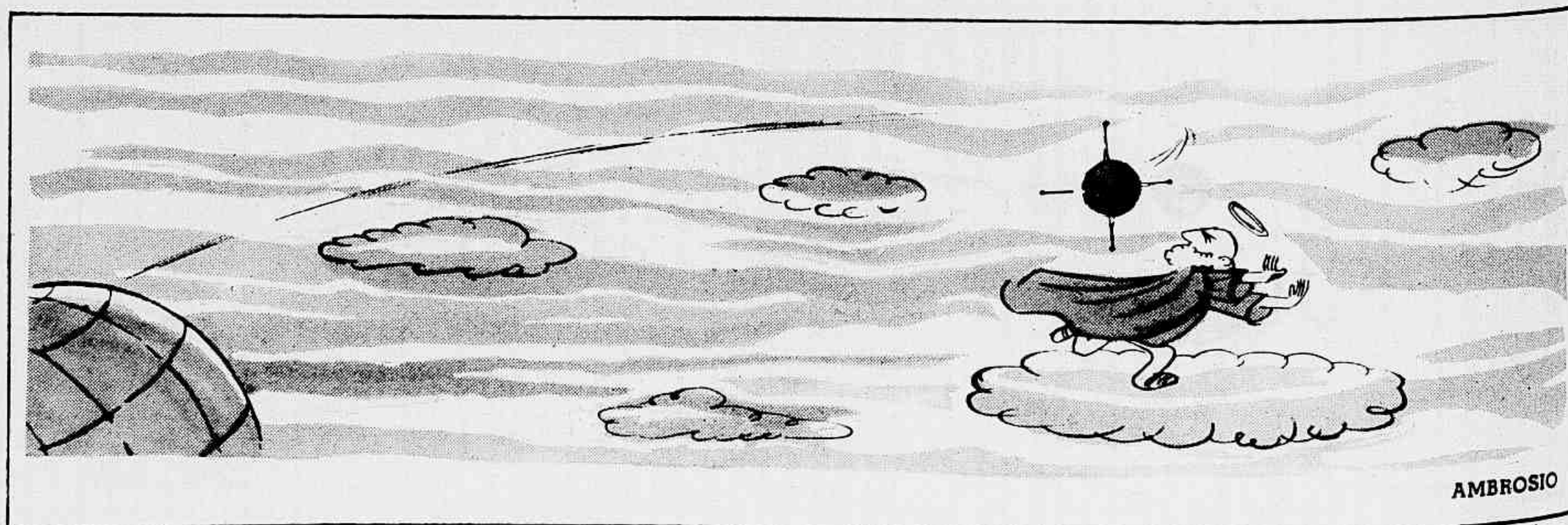
◇ O dr. John P. Hagen, diretor do programa de satélites dos Estados Unidos, acusou a Rússia de "falta de ética", por haver "lançado de surpresa seu satélite artificial".

◇ As primeiras notícias do lançamento do "Sputnik" os americanos reagiram. Vários cientistas vieram a público dizer que a lua-bebê não podia pesar 86 quilos. Diziam eles:

"O satélite americano pesará 10 quilos. O russo deve pesar 8,6, o que parece mais razoável".

Resposta do acadêmico Piotr Leonidovich Kapitsa:

"Se nós ainda estivéssemos na época de errar na colocação das vírgulas, não teríamos lançado a luazinha".



VE LUAR ARTIFICIAL

◇ Quando o especialista americano John P. Hagen anunciou que "a transmissão do satélite não está sendo bem recebida ultimamente", a anedota correu a cidade, no Rio:

"O presidente Eisenhower mandou um protesto aos russos. O satélite artificial passa por todos os países transmitindo bip, bip, bip. Quando passa sobre os Estados Unidos, faz ha, ha, ha".

◇ O jornal "Aviation Daily" — de Washington — anunciou que os russos mandariam um foguete à lua, com uma "poeira especial que tingiria uma grande área lunar de vermelho".

Os russos rebateram: "Nunca faríamos isso. Os americanos desejariam lançar imediatamente um foguete com tinta amarela para desenhar sobre o fundo vermelho: Beba Coca-Cola".

◇ Arthur Larson, chefe do Serviço de Informação dos Estados Unidos, foi nomeado, doze dias depois do lançamento do satélite russo, "Ajudante-Presidencial" encarregado de dirigir o programa de contra-propaganda americana sobre o satélite artificial.

Sugestão do jornal (comunista italiano) "L'Unità": "Digam que o satélite é indigesto".

◇ Mas houve outras anedotas (que os comunistas diriam ser "humor negro"). Theo, em "O Globo" fez dois bonecos falarem:

— Que acha você do satélite que a Rússia soltou no espaço?

— Muito bom. Mas formidável seria se soltasse os países satélites que tem presos na terra!

◇ Veio o lançamento do segundo "Sputnik", imediatamente batizado de "Sputnik 2 a 0" no Rio de Janeiro. Comunicado da Agência Tass dizia que uma cadela estava dentro.

Comentário popular e manchete do

jornalzinho humorístico (250 exemplares) "O Poste", de Belo Horizonte:

"Os russos estão com a cachorra".

◇ Don Rossé Cacava ("Tribuna da Imprensa" — Rio) lançou no seu "Bate-Bola":

"Que os russos chegarão primeiro à Lua, não há dúvida! Mas que a primeira viagem CONFORTÁVEL será americana, também não há.

◇ Rubem Braga, perguntado sobre o que achava do satélite russo, respondeu:

— Muito artificial.

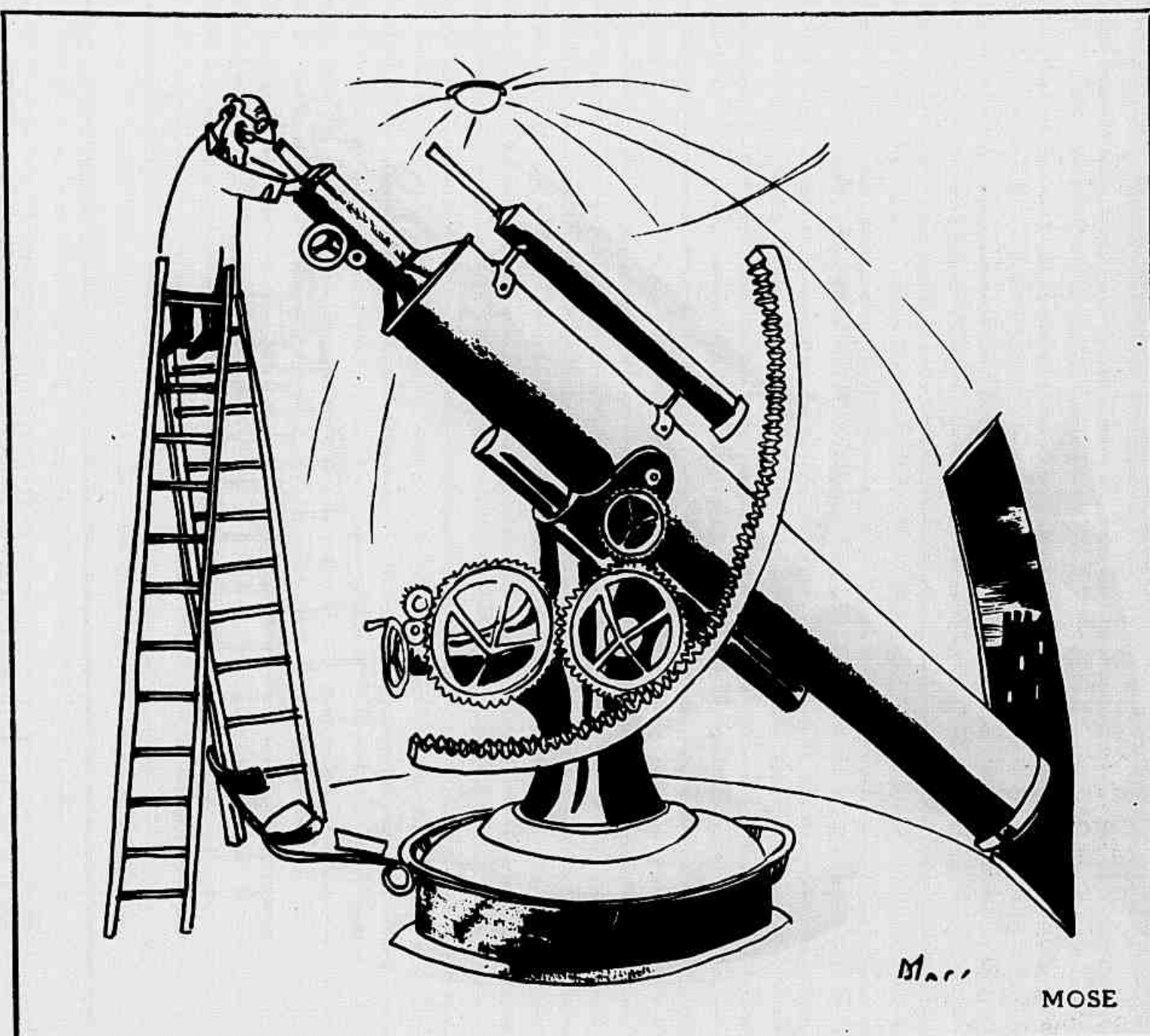
◇ Foi lançado hoje, de Ipanema, o satélite brasileiro, com a surpreendente abertura do magazin "x". Como o satélite, o magazin "x" é de grande utilidade, tecnicamente perfeito e o assunto do dia". (Anúncio publicado na maioria dos jornais cariocas).

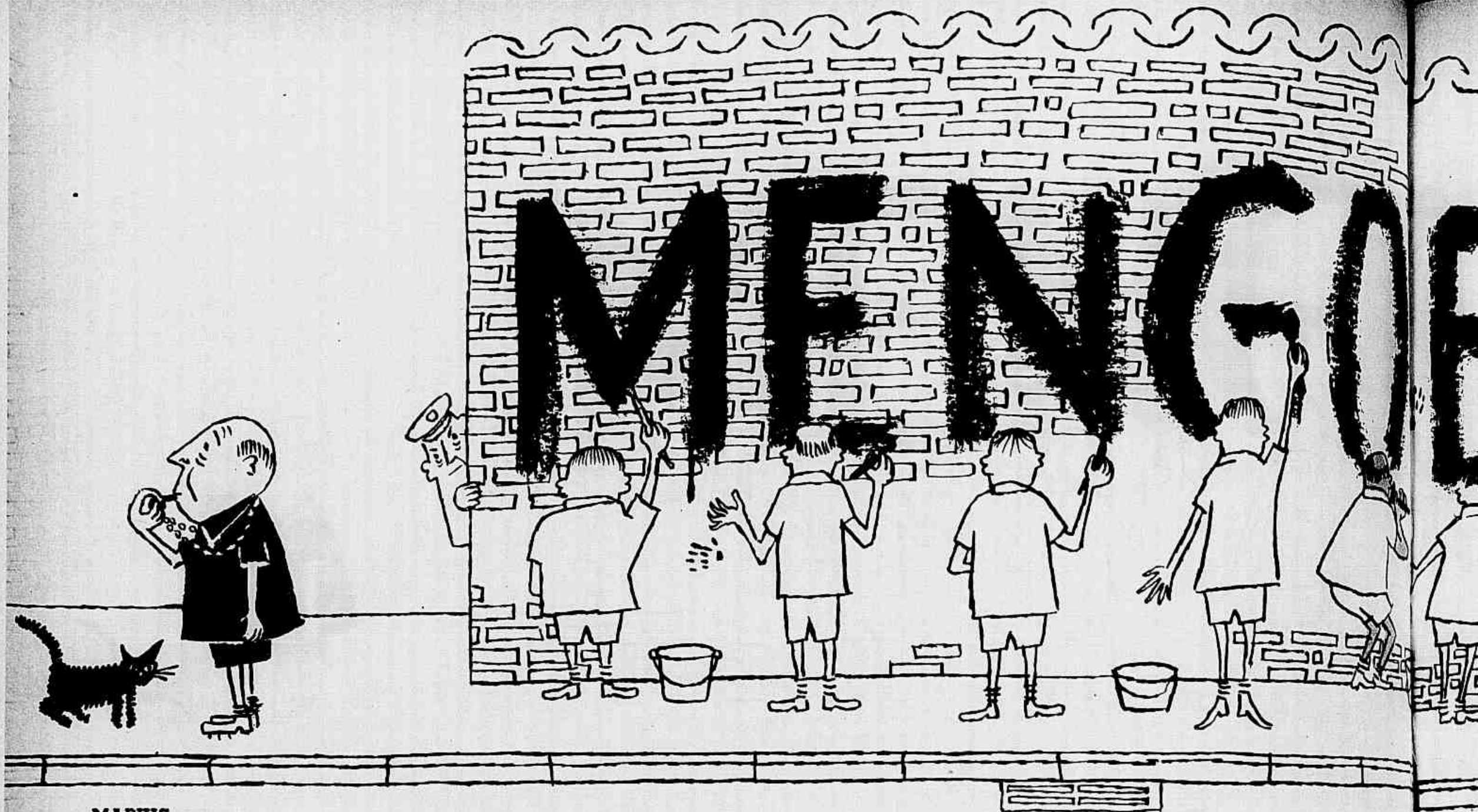
◇ Um cronista social, em São Paulo, terminou suas crônicas durante a segunda semana de setembro dizendo: "Sputnik para vocês também".

◇ Entrevistado (hipoteticamente) o presidente Eisenhower declarou a jornalistas, a propósito do lançamento do segundo "Sputnik":

— Mais vale um satélite na mão do que dois voando.

◇ Mas os fabricantes de elevadores que falam deram a última palavra: os elevadores que sobem dirão "Sputnik" e os que descem dirão "Vanguard".





MARIUS

DOZE TÉCNICOS DÃO O CAMPEONATO

Os doze técnicos do futebol carioca dão o campeonato de 1957 ao Flamengo. Onze falam francamente: o décimo segundo não gosta de fazer previsões, mas é o senhor Fleitas Solich.

QUEM VAI SER O CAMPEÃO DE 1957 E POR QUE?

FLEITAS SOLICH — C.R. Flamengo

"É impossível responder. Não se pode indicar ainda qual será o campeão de 1957. Desejo, porém, que seja o que ganhe dentro da lealdade e da disciplina que o esporte merece".

SÍLVIO PIRILO — Fluminense F.C.

"Acho que a situação ainda não está definida: o campeão tanto pode ser o Fluminense, como o Flamengo, o Botafogo ou o Vasco da Gama.

"Em vista do que está sucedendo ao Fluminense, acho que o mais provável vencedor é o Flamengo, embora ainda seja cedo para uma previsão segura, pois o Fluminense pode voltar as boas atuações e se isso acontecer seremos candidatos reais ao título."

JOÃO SALDANHA — Botafogo F.R.

"Meu candidato ao título deste ano está entre os quatro clubes: Botafogo, Vasco, Flamengo e Fluminense. Posso antecipar, também para o próximo ano, minha opinião: surgirá entre estes quatro o campeão carioca.

"Porque todos os anos as coisas se repetem, todos os anos um deles é o campeão. Não está definida a sorte de nenhum deles e por isso eu aponto os quatro como candidatos reais ao título deste ano."

MARTIM FRANCISCO — C.R. Vasco da Gama

"Acredito que o título ficará com um dos três clubes: Flamengo, Fluminense e Botafogo.

"Porque os três primam pela regularidade, enquanto nós do Vasco da Gama claudicamos pela instabilidade da campanha, em função de diversos problemas."

GENTIL CARDOSO — Bangu A.C.

"Simplesmente o Clube de Regatas Flamengo.

"Porque o Flamengo está impondo, este ano, uma transição no futebol carioca. Um ataque leve, penetrante, com deslocamentos constantes, com verdadeiras jóias individuais. Devo acrescentar que o Flamengo tem formado uma verdadeira cortina de ferro em torno de seu técnico, criando um ambiente de trabalho, não incorrendo nos erros dos demais clubes, que permitem e toleram campanhas contra seus treinadores."

ZEZÉ MOREIRA — Canto do Rio F.C.

"Não se pode definir qual será o campeão.

"O campeonato, no momento, já se restringiu a três clubes: Flamengo, Fluminense e Botafogo. Pelos pontos perdidos nas refregas entre eles vai-se saber qual será o campeão."

GYULA MANDI — América F.C.

"Vários clubes ainda podem cobiçar o título: Fluminense, Flamengo, Botafogo e Vasco da Gama. Infelizmente o América este ano está fora do páreo.

"A solução entre os quatro está em saber-se qual deles não perderá pontos entre os pequenos e qual deles agüentará ou terá mais nervos para os confrontos entre si. O que conseguir passar mais vezes pelos menos aquinhoados na colocação e tiver mais nervos será, seguramente, o vencedor."

NECO — Olaria A.C.

"Penso em dois clubes: Flamengo e Fluminense. Entre os dois, está o campeão.

"A dupla Fla-Flu é constituída pelos dois quadros mais bem armados do campeonato. O Flamengo correndo muito e com reservas para correr muito mais. O Fluminense decaiu um pouco. Esse declínio é comum numa equipe grande, mas quando o declínio vem cedo, como ocorre ao Fluminense, há tempo para recuperação. Esta, aliás, já se nota: o quadro está novamente em ascensão."

MARINHO — A.A. Portuguesa

"Na minha opinião o título está entre dois clubes: Flamengo e Botafogo.



AO FLAMENGO

"Aponto-os por serem os dois mais bem entrosados e pela produção harmoniosa de seus conjuntos. Ambos já estiveram privados de até mais de dois valores titulares de uma só vez, mas as equipes não sofreram queda de produção. Exemplos: o Flamengo sem Dequinha e o Botafogo sem Didi. Os quadros superaram suas ausências."

EMÍLIO PALESTINI — São Cristóvão F.R.

"O campeonato está mais para o Flamengo, embora o Fluminense também seja real candidato."

"O Flamengo apresenta um jogo corrido. É um futebol sem técnica mas que faz gol e conta com um garoto (Dida) que se tem revelado um autêntico goleador. O Fluminense é um quadro mais técnico, com futebol mais bonito no momento, mas seu jogo precisa pegar e se isso acontecer será difícil vencê-lo. O Flamengo, porém, é o quadro do momento."

NILTON CARDOSO — Bonsucesso F.C.

"Indico o Flamengo 'de cara'."

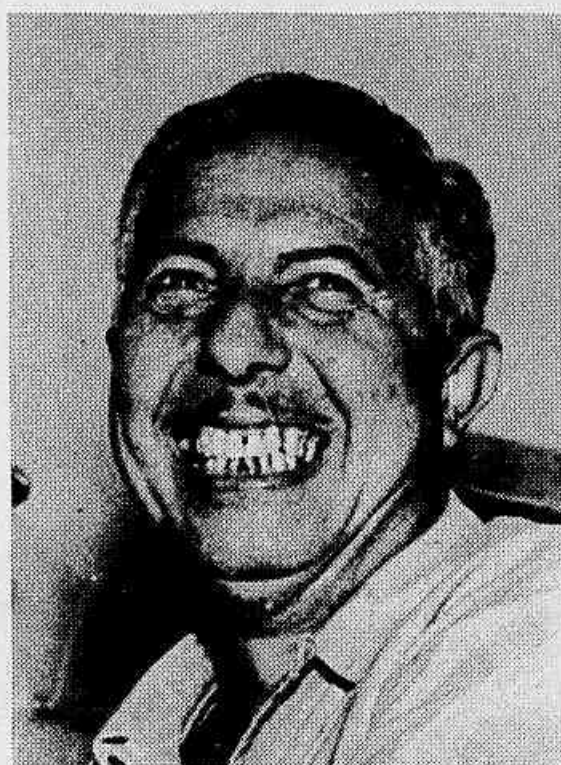
"É o melhor time, o que tem melhor ataque, o que realmente faz profissionalismo. Digo mais: os outros fazem profissionalismo de fãcia. O Flamengo é o único clube que possui jogadores em condições de figurar na seleção do Brasil e por isso eu o indicaria — com mais um goleiro, um lateral direito e um marcador atrás — como nosso representante na Suécia."

JORGE VIEIRA — Madureira A.C.

"Entre Flamengo e Fluminense: está o quadro que levantará este campeonato."

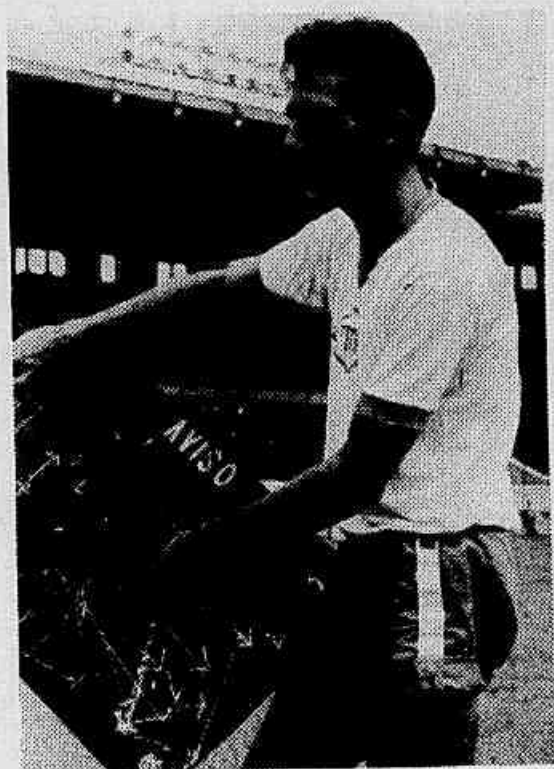
"Porque possuem melhores reservas humanas e de energias — bons valores, melhor preparo físico e técnico."

RESUMO: 11 técnicos indicam o Flamengo como o campeão de 1957. Dos 11, 8 acham que o Fluminense tem possibilidades de ganhar o campeonato. 6 dizem que o Botafogo também pode vencer. 3 (entre os quais não está o sr. Martim Francisco) consideram o Vasco um dos possíveis candidatos ao título. Quem não dá palpite é o sr. Fleitas Solich.



SOLICH

"Que ganhe o mais leal e disciplinado". Até ontem, na Taça Disciplina, o Fluminense estava na ponta



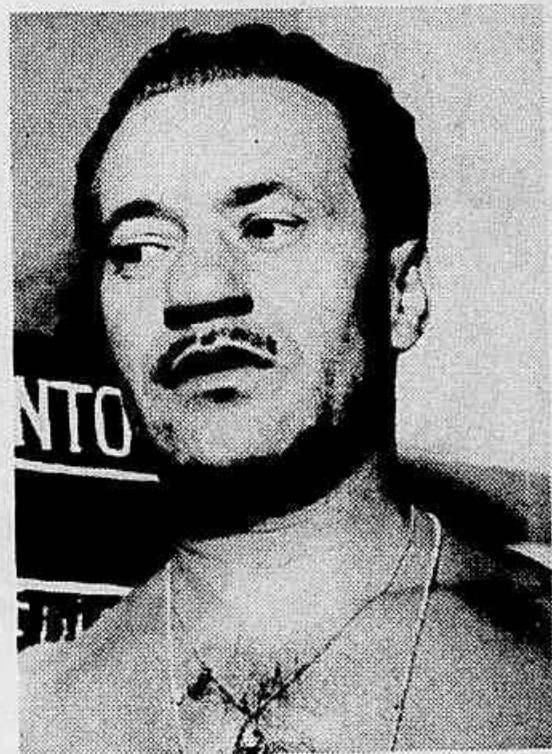
MARTIM

"Flamengo, Fluminense e Botafogo — um dos três será o campeão." O Vasco, de fora, chutou Martim



SALDANHA

"Flamengo, Fluminense, Botafogo e Vasco estão aí." Saldanha votou antes do jogo de domingo



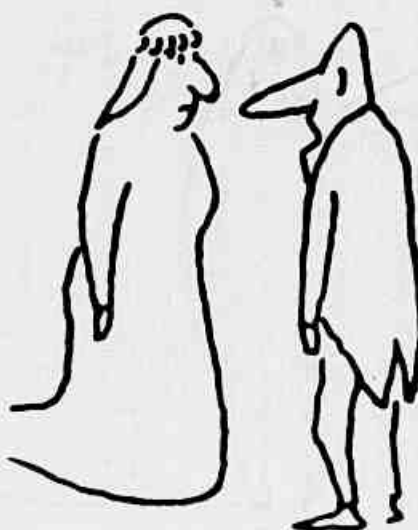
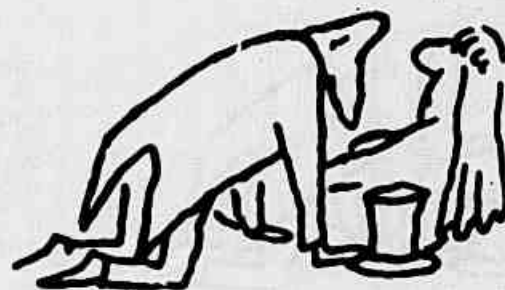
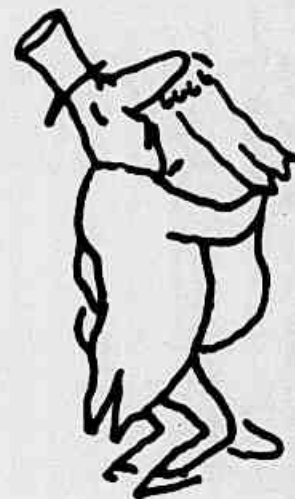
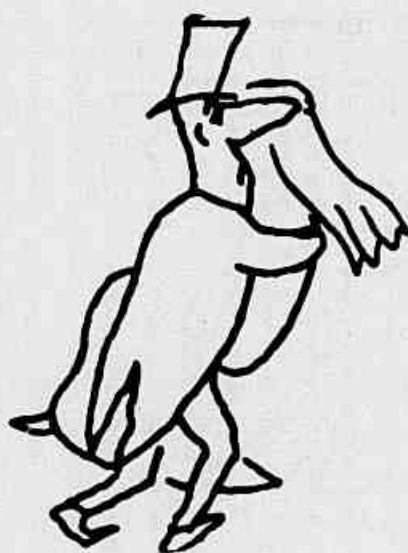
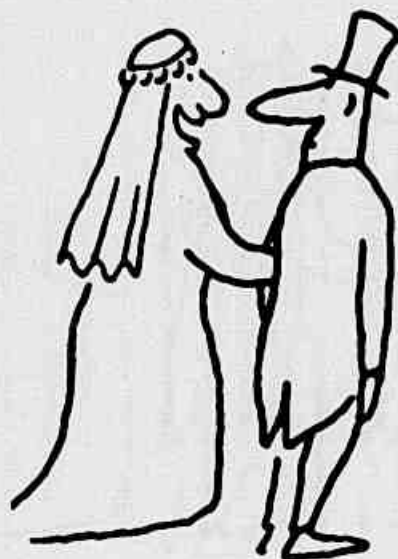
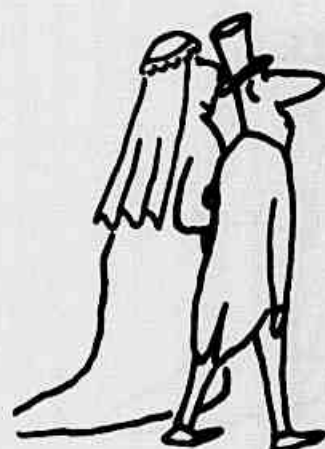
PIRILO

"Flamengo, Fluminense, Botafogo e Vasco podem chegar a campeão." Piriilo já foi tricampeão pelo Mengo



Enfim sós...

BOSC



NOSSO PRÓXIMO NÚMERO

**SORAYA DESFILA
DE MAIÔS
NUMA PRAIA DE CANES**

1 — A reforma da previdência social

2 — Lei de Parkinson

3 — Censura e Técnica

4 — Turismo oficial

1 APÓS reter dois anos o projeto de Lei Orgânica da Previdência Social, o deputado Batista Ramos, líder do PTB, apresentou substitutivo, comodamente aceito, no escuro, pelas Comissões de Serviço Público e das Finanças da Câmara.

O PROJETO, no que toca aos "planos de benefícios", "arrecadação", "inscrição de segurados", não apresenta novidades. É uma repetição dos projetos anteriores, com alguns exageros e algumas omissões.

As "novidades" são propriamente nos capítulos de "Administração" e "Custeio Financeiro", que, por coincidência, são os pontos mais vulneráveis do substitutivo trabalhista.

Na "Administração" perfilha o projeto mensagem do Governo que entrega a direção dos Institutos a "colegiados". Cada Instituto passa a ser administrado por um Conselho de 9 membros, sendo 3 representantes de empregadores, 3 de empregados e 3 do Governo. Multiplicam-se, assim, por 9, as despesas administrativas de gabinete, de nomeações, de automóveis, etc. E, nos Estados, essa multiplicação também se opera por 6.

Como pretende o Substitutivo custear essas extravagâncias? EIS AS NOVAS fontes de receita:

1. Contribuição até 10% de empregados, empregadores e União;
 2. duplicação de 2 para 4% da taxa de previdência social, cobrada do público, e acréscimo de Cr\$ 0,10 e 0,11 em outras taxas criadas para atender à contribuição da União, que não paga à Previdência, apesar disto.
 3. contribuição, em dobro, dos trabalhadores autônomos;
 4. contribuição de segurados em gozo de auxílio doença, aposentadoria ou auxílio-reclusão;
 5. contribuição de 50% do que pagava o segurado do mês do seu falecimento;
 6. salários e remunerações não reclamadas (!)
 7. sinistros e capitais sorteados não reclamados das companhias de seguro e capitalização (!)
 8. créditos fiduciários de heranças jacentes e contratos de depósitos regulares e voluntários de bens de qualquer espécie regulados pela lei 2.133, de 3-9-54;
 9. produto de vendas de objetos e utensílios esquecidos e abandonados nas diversas dependências públicas e repartições autárquicas (!)
 10. as importâncias pagas a mais pelo público e não reclamadas (!)
- MAS, o deputado Batista Ramos não se conforma com a renda dos "perdidos e achados", e avança em outras fontes:
11. criação de uma taxa de 2% sobre a venda de ingressos de diversões públicas e sociais;
 12. taxa de 3% sobre os lucros líquidos da Petrobrás;
 13. taxa de 5% sobre a renda líquida anual superior a 240 mil cruzeiros feitas as deduções cedulares na cédula C;
 14. taxa especial de 100 cruzeiros sobre emissão ou visto de qualquer passaporte;
 15. taxa especial de 100 cruzeiros sobre emplacamento de veículos particulares;

16. taxa de 5% sobre o movimento global de apostas em prados de corridas;

17. selo de 20 cruzeiros em bilhetes de loteria federal, estadual, petições iniciais em processos judiciais, depósitos bancários, declarações de imposto de renda, recibos passados à União, Estados e Municípios, autarquias e instituições para-estatais, ações e cotas de sociedades civis e comerciais, quadros de horários de trabalho, balanços de sociedades civis e comerciais.

O LÍDER do PTB não sabe quanto isto vai render. Não sabe quanto vai precisar para custear a nova administração da Previdência Social. Não sabe que algumas dessas taxações violam a Constituição Federal e a autonomia dos Estados. Não sabe qual a repercussão de tantas majorações e criações de taxas no custo de vida. Não sabe como vai promover a arrecadação de recursos tão dispares e tão incertos, a começar pela venda dos "perdidos e achados".

Mas, pensa que, de maneira tão curiosa, pode salvar a Previdência Social, em ruína financeira e econômica.

2 QÜE é lei de Parkinson?

Num tratado humorístico de índole pseudo-científica o professor de História da Universidade de Singapura, Mr. C. Norcote Parkinson, lançou a tese de que a taxa anual de crescimento de pessoal de cada repartição pública é sempre rigorosamente igual a 5 ou 10%.

Evidentemente, o professor Parkinson não estudou a situação brasileira. Julgando pelas últimas revelações sobre o IAPC, sua tese está absolutamente distante da realidade.

3 VAI, afinal o Serviço de Censura das Diversões Públicas sair da Polícia para o Ministério de Educação e Cultura. É uma velha reivindicação que levou anos para ser concretizada em lei.

E daí? Vão também funcionários, mentalidade, métodos, etc.? Então, nada feito, com a desvantagem, ainda, de se estragar definitivamente uma solução teoricamente certa.

A Censura só poderá ser realizada, nos seus altos objetivos, por técnicos capazes. E esta seria a principal modificação a fazer, ao transferir-se da Polícia para a gestão do Ministério de Educação. Se tal não ocorrer, deixemo-la mesmo na Polícia.

4 OS JORNAIS truoxeram, há pouco tempo, a notícia de que na Terceira Reunião de Serviço Social, realizada em outubro último em San Juan de Pôrto Rico iam participar 40 delegados brasileiros.

Não é exato. A delegação brasileira se constituiu de 46 representantes!

Quando conseguiremos marcar uma clara linha divisória entre o turismo e a cooperação internacional? Quando o Brasil deixará de dar, no estrangeiro, tais demonstrações de irresponsabilidade na direção da coisa pública?

O PREÇO DA FELICIDADE

ALUIZIO ALVES

NESTE PAÍS de 60 milhões de habitantes, há seguramente dois homens felizes: os srs. Juscelino Kubitschek de Oliveira e José Maria Alkmim.

Um, pássaro solto e áacre, dominando o espaço e descendo à terra, em horas vagas e raras, apenas para sorrir. Outro, no silêncio do gabinete, manipulando cifras, fabricando dinheiro, anunciando triunfos e glórias.

AQUI FORA, a realidade atropela os caminhos e ensombra as fisionomias.

A própria estrutura do Governo apresenta fendas irreparáveis. O vice-presidente da República ainda não conseguiu limpar os itinerários de sua vida política das toneladas de pinho que a Oposição desarmazenou dos negócios secretos do peronismo, e sofre, aflito, o dilema cotidiano: de um lado, as exigências dos trabalhadores, que prometeu defender, do outro lado, as negações e interesses do Governo a que se agarra por necessidade política. O ministro da Guerra vê sua candidatura presidencial antecipada de três anos pelo peleguismo aventureiro, entre a divisão do Exército a que comanda, as hostilidades da Aeronáutica e da Marinha que não esquecem, e a luta armada entre seus soldados e a polícia, que se esbordoam à luz do dia. O Ministro da pasta política abandona o barco numa noite inesperada, com uma carta que o Governo se obriga a manter em segredo. A Câmara cede à reivindicação da Marinha de ter aviação embarcada, e o Senado a recusa, atendendo à Aeronáutica. Operários abrem dissídios e deflagram greves, patrões denunciam a desarvora da política econômica de restrição de créditos e de aumentos sucessivos de impostos, a lavoura ameaça com a marcha da produção contra o Catete, e o Governo do maior Estado denuncia "motivos tendenciosos" da política governamental no esmagamento da Federação.

EM MEIO a êsse inquieto rumor de coisas despedaçadas, os dois homens ostentam estranha felicidade, como se tivessem descoberto, e ciosamente escondessem, o mistério de viver sem preocupações e sem sombras.

Debalde, a experiência política anuncia as vagas que precedem aos temporais. Inútilmente, as autoridades financeiras e econômicas advertem dos perigosos abismos que se abrem à nossa frente. Em vão, a insatisfação das classes organizadas revela a surda preparação da crise social que se vem desencadeando hora a hora. Nem mesmo as rebeldias e violações da disciplina militar convencem de que perdemos, com a desunião das Forças Armadas, o equilíbrio que foi sempre o mais poderoso instrumento de preservação ante o caos.

Não. Os dois homens sorriem, descobrem estatísticas mirabolantes, pintam cenários coloridos, distorcem o sentido das palavras e transformam a fria significação dos números, oh, estranhos homens felizes!

O MEIO circulante pulou de 67,5 bilhões em 1956 para 90 bilhões em outubro de 1957. O dólar subiu de 67 a 92 cruzeiros. Os produtos de importação, onerados pela bi-tributação da nova lei de tarifas, encareceram de 70%. Há um déficit na balança comercial deste ano, até agosto, de 135 milhões de dólares, e na balança de pagamentos outro superior a 200 mi-

lhões. Na execução orçamentária, o déficit até outubro atinge a 27,7 bilhões de cruzeiros. As emissões de janeiro a outubro aumentaram em 8,8 bilhões. Cresceram as tarifas de navios e aviões, de bondes e ônibus, os impostos de consumo e combustíveis, criaram-se taxas de energia elétrica, e o líder do Governo ainda quer majorar as taxas de previdência social. As estatísticas autorizadas assinalam aumento do custo de vida, de agosto a outubro, em índices que variavam de 321 a 330 e que as donas de casa traduzem, todas as manhãs, nas privações a que se submetem nas compras da feira, do armazém, da farmácia, da loja e dos pagamentos de colégios para os filhos. A indústria paulista paralisou até aumentar os salários em 25%, depois de levar ao desemprego mais de 130 mil trabalhadores, estão paralisados os aeroviários, ameaçam greve os ferroviários do sul. "O 4.º "funding" nos bate à porta", anuncia autoridade financeira, assinalando que a nossa exportação se reduz praticamente a três produtos em crise — café, cacau e algodão (76%). O café africano invade os mercados europeus e americano, o algodão do sul, com a média de produtividade em pluma de 190 arrôbas, não pode competir com os nossos principais concorrentes, Estados Unidos e México, com médias de 400 e 415, e muito menos o algodão do Nordeste que dominou mercados estrangeiros e que, hoje, encontra dificuldades de colocação até no mercado nacional, estocado e sem preço. O cacau recorre ao financiamento do Governo para sobreviver, e a mineração do Nordeste tem o preço de schelita súbitamente reduzido de 160 para 50 cruzeiros no jogo da especulação internacional. A Prefeitura do Distrito Federal pede aumento geral de 10% nos seus impostos, o Governo Federal pede à Câmara 15 e ao Senado 30 bilhões em letras do Tesouro para socorrer Estados arruinados.

Nada disto alarma, comove ou preocupa os dois homens felizes, que continuam a falar aos jornais a linguagem dos contos maravilhosos.

MAS, ESSA felicidade particular, gratuita, irresponsável, tem um preço. Chama-se inquietação dentro da paz de medo, da morna paz de Alagoas, que não adivinha quantas vidas ainda sepultará antes de reencontrar os caminhos da segurança perdida. Chama-se desespero na aventura armada dos colonos paranaenses, que pagam impostos para ter as garantias da lei e se dispõem a pagar sangue para conquistá-las. Chama-se frustração e abandono no Nordeste, que vai perdendo substância, energias, resistências, ante a indiferença de irmãos distantes que já não o reconhecem na fisionomia secularmente maltratada. Chama-se desencanto nas assembleias políticas, perplexidade nos meios industriais e comerciais, desarvora-mento nas elites culturais, penúria e sacrifício nos silêncios da vida rural. Chama-se desespero frio e mudo na penumbra dos lares empobrecidos, onde as privações aumentam com os preços e o dinheiro encurta com as esperanças.

UM DIA, oh homens felizes — êsses devedores pacientes poderão cansar do resgate cotidiano e insaciável. E, transformando-se em credores implacáveis, cobrarão por essa felicidade particular um preço demasiado caro, a juros de agiotagem.



ela... ele... e

cigarros

hollywood

uma tradição de bom-gosto

COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ



★ *Dormir*

BEM

★ ★ ★



Selo **DE**
OURO